



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



DISCURSOS  
PRESIDENTE  
JOÃO FIGUEIREDO  
VOLUME V - 1983

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



DISCURSOS  
PRESIDENTE  
JOÃO FIGUEIREDO  
VOLUME V - 1983

F475d

FIGUEIREDO, João, presidente do Brasil, 1918- . *Discursos*: 1983. Brasília, Presidência da República, Secretaria de Imprensa e Divulgação, 1983, v.5.

1. Figueiredo, João, presidente do Brasil, 1918- — Discursos

I. Título

18. CDD 354.810 35

**Esta publicação contém discursos  
proferidos pelo Presidente da Re-  
pública, João Figueiredo, durante  
o ano de 1983 .**



## ÍNDICE CRONOLÓGICO

		Págs.
10 DE JANEIRO	DISCURSO DIRIGIDO AO POVO ARGENTINO ATRAVÉS DE REDE DE RÁDIO E TELEVISÃO/BRASÍLIA-DF .....	1
13 DE JANEIRO	DISCURSO DURANTE A CERIMÔNIA DE INÍCIO DAS OBRAS DA PONTE INTERNACIONAL SOBRE O RIO IGUAÇU/FOZ DO IGUAÇU/PR .....	3
17 DE JANEIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO SEU ANIVERSÁRIO, AGRADECENDO SAUDAÇÃO FEITA PELO MINISTRO DA MARINHA MAXIMIANO DA FONSECA/BRASÍLIA-DF .....	7
18 DE JANEIRO	DISCURSO AO EMPOSSAR O MINISTRO DO EMFA, BRIGADEIRO-DO-AR WALDIR DE VASCONCELOS/BRASÍLIA-DF .....	9
19 DE JANEIRO	DISCURSO DURANTE ENCONTRO COM AS LIDERENÇAS POLÍTICAS DO ESTADO/SÃO LUÍS-MA .....	11
20 DE JANEIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO COM AS LIDERENÇAS POLÍTICAS DO ESTADO/ARACAJU-SE .....	15
24 DE JANEIRO	IMPROVISO AO RECEBER OS PARTICIPANTES DO CONCURSO CULTURAL JOVEM EMBAIXADOR/BRASÍLIA-DF .....	19
01 DE FEVEREIRO	IMPROVISO AO RECEBER GARIMPEIROS DE SERRA PELADA, ACOMPANHADOS PELOS DEPUTADOS SEBASTIÃO RODRIGUES E EDSON LOBÃO/BRASÍLIA-DF ...	21

## II

		Págs.
28 DE FEVEREIRO	DISCURSO DURANTE REUNIÃO DO MINISTÉRIO, TRANSMITIDA ATRAVÉS DE REDE NACIONAL DE RÁDIO E TELEVISÃO/BRASÍLIA-DF .....	25
07 DE MARÇO	DISCURSO POR OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES DOS 175 ANOS DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS/RIO DE JANEIRO-RJ .....	35
08 DE MARÇO	DISCURSO AO RECEBER A DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUNICÍPIOS/BRASÍLIA-DF .....	37
14 DE MARÇO	DISCURSO POR OCASIÃO DO QUARTO ANIVERSÁRIO DO GOVERNO/BRASÍLIA-DF .....	39
31 DE MARÇO	DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA PELA PASSAGEM DO DÉCIMO-OITAVO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO/BRASÍLIA-DF .....	43
08 DE ABRIL	DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA AO REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA/MUNICÍPIO DE COSTA MARQUES-RO .....	49
09 DE ABRIL	DISCURSO DIRIGIDO AO POVO BRASILEIRO ATRAVÉS DE REDE NACIONAL DE RÁDIO E TELEVISÃO/BRASÍLIA-DF .	55
14 DE ABRIL	DISCURSO DIRIGIDO AO POVO BRASILEIRO ATRAVÉS DE REDE NACIONAL DE RÁDIO E TELEVISÃO/BRASÍLIA-DF .	57
26 DE ABRIL	DISCURSO AO DESEMBARCAR EM CANCÚN-MÉXICO .....	61
27 DE ABRIL	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE DO MÉXICO, SENHOR MIGUEL DE LA MADRID/CANCÚN-MÉXICO .....	63

28 DE ABRIL	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DO MÉXICO SENHOR MIGUEL DE LA MADRID/CANCÚN-MÉXICO .....	71
03 DE MAIO	IMPROVISO AO RECEBER ALUNOS DA ESCOLA BASE DO GAMA/BRASÍLIA-DF .	75
13 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA A CIDADE/BAGÉ-RS .....	77
16 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO REIO DA ESPANHA, SUA MAJESTADE JUAN CARLOS/BRASÍLIA-DF .....	79
17 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO REI DA ESPANHA, SUA MAJESTADE JUAN CARLOS/BRASÍLIA-DF .....	85
24 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO AO PRIMEIRO-MINISTRO DO SURINAME, SENHOR ERROL ALIBUX/BRASÍLIA-DF .....	87
26 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE DO SINDICATO DE EMPRESAS DE COMPRA, VENDA, LOCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DE IMÓVEIS DE SÃO PAULO, SENHOR ROMEU CHAP CHAP/SÃO PAULO-SP ...	91
27 DE MAIO	MENSAGEM ENVIADA AOS CHEFES DE GOVERNO PARTICIPANTES DO ENCONTRO DE WILLIAMSBURG/BRASÍLIA-DF .	95
30 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRIMEIRO-MINISTRO DOS PAÍSES BAIXOS, SENHOR RUDOLPHUS FRANCISCUS MARIE LUBBERS/BRASÍLIA-DF .....	99

01 DE JUNHO	DISCURSO NA SOLENIDADE DE ASSINATURA DO DECRETO REGULAMENTANDO A POLÍTICA NACIONAL DO MEIO-AMBIENTE/BRASÍLIA-DF .....	105
06 DE JUNHO	IMPROVISO AO RECEBER OS ESTAGIÁRIOS DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA/BRASÍLIA-DF .....	107
08 DE JUNHO	IMPROVISO DURANTE ENCONTRO COM POLÍTICOS DO PDS/RIO DE JANEIRO-RJ .....	109
16 DE JUNHO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR EM SUA HOMENAGEM OFERECIDO PELA COLÔNIA LIBANESA EM SÃO PAULO/SÃO PAULO-SP .....	111
17 DE JUNHO	IMPROVISO AO AGRADECER AS MANIFESTAÇÕES DE APOIO E SOLIDARIEDADE QUE RECEBEU DO PDS AO DESEMBARCAR EM BRASÍLIA/BRASÍLIA-DF ...	115
22 DE JUNHO	IMPROVISO AO INAUGURAR O PROLONGAMENTO DA AVENIDA JOÃO GOMES SOBRINHO NO PROJETO AGLURB/CUIABÁ-MT .....	117
22 DE JUNHO	IMPROVISO DURANTE ENCONTRO COM AS LIDERANÇAS POLÍTICAS DO ESTADO/CUIABÁ-MT .....	119
07 DE JULHO	DISCURSO POR OCASIÃO DA ENTREGA DO PRÊMIO TECNOLOGIA LICEU/BRASÍLIA-DF .....	123
13 DE JULHO	DISCURSO DIRIGIDO AO POVO BRASILEIRO EM CADEIA NACIONAL DE RÁDIO E TELEVISÃO/BRASÍLIA-DF .....	125
26 DE AGOSTO	IMPROVISO POR OCASIÃO DE SUA REASSUNÇÃO NO CARGO DE PRESIDENTE DA REPÚBLICA/BRASÍLIA-DF ..	127

31 DE AGOSTO	IMPROVISO AO RECEBER A SENADORA EUNICE MICHILES ACOMPANHADA DOS PREFEITOS DO ESTADO DO AMAZONAS/BRASÍLIA-DF .....	131
02 DE SETEMBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELOS OFICIAIS-GERAIS/BRASÍLIA-DF .....	133
26 DE SETEMBRO	DISCURSO AO RECEBER HOMENAGEM DO PRESIDENTE DA ABRAJORI E PRESIDENTES DAS ADJORIS/BRASÍLIA-DF ...	139
27 DE SETEMBRO	IMPROVISO AO RECEBER A COMISSÃO INTERPARTIDÁRIA DE PREFEITOS/BRASÍLIA-DF .....	141
29 DE SETEMBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DA POSSE DA DIRETORIA DA FIESP/SÃO PAULO-SP ..	143
05 DE OUTUBRO	DISCURSO DIRIGIDO À NAÇÃO BRASILEIRA EM CADEIA NACIONAL DE RÁDIO E TELEVISÃO/BRASÍLIA-DF .....	147
12 DE OUTUBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DA ABERTURA DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE AVICULTURA E 8º CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE AVICULTURA/CAMBORIÚ-SC .....	151
27 DE OUTUBRO	DISCURSO AO RECEBER O «OPERÁRIO PADRÃO DO BRASIL» 1983/BRASÍLIA-DF .....	155
10 DE NOVEMBRO	IMPROVISO POR OCASIÃO DA SOLENIIDADE DE LANÇAMENTO DO PRIMEIRO DOS CINCO MILHÕES DE EXEMPLARES DA CARTILHA «ABC DA TERRA»/BRASÍLIA-DF .....	157
14 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO DAR POSSE NO CARGO DE MINISTRO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL AO DR. JARBAS PASSARINHO/BRASÍLIA-DF .....	159

## VI

	Págs.
15 DE NOVEMBRO	DISCURSO AO INICIAR OS TRABALHOS EM LAGOS/LAGOS-NIGÉRIA ..... 161
16 DE NOVEMBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA NIGÉRIA SENHOR SHEHU SHAGARI/LAGOS-NIGÉRIA ..... 163
16 DE NOVEMBRO	DISCURSO AO ENCERRAR OS TRABALHOS EM LAGOS/LAGOS-NIGÉRIA ..... 171
17 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO SER RECEBIDO PELO POVO DA CIDADE/BISSAU-GUINÉ-BISSAU ..... 173
17 DE NOVEMBRO	DECLARAÇÃO DIRIGIDA À IMPRENSA POR OCASIÃO DA CHEGADA A BISSAU/BISSAU-GUINÉ-BISSAU ..... 175
17 DE NOVEMBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO BRINDE NO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA GUINÉ BISSAU SENHOR JOÃO BERNARDO VIEIRA/BISSAU-GUINÉ-BISSAU ..... 177
18 DE NOVEMBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO BRINDE NO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE DO SENEGAL SENHOR ABDOU DIOUF/DACAR-SENEGAL ..... 183
19 DE NOVEMBRO	DECLARAÇÃO DIRIGIDA À IMPRENSA POR OCASIÃO DA PARTIDA DE DACAR/DACAR-SENEGAL ..... 185
19 DE NOVEMBRO	DISCURSO AO DESEMBARCAR NA ARGÉLIA/ARGEL-ARGÉLIA ..... 189
21 DE NOVEMBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DA PARTIDA DE ARGÉLIA/ARGEL-ARGÉLIA ..... 193
21 DE NOVEMBRO	DISCURSO APÓS ASSINATURA DO COMUNICADO CONJUNTO BRASIL-CABO VERDE/ILHA DO SAL-CABO VERDE ..... 197

07 DE DEZEMBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DA ENTREGA DO PRÊMIO «JOVEM CIENTISTA»/BRASÍLIA-DF .....	203
07 DE DEZEMBRO	DISCURSO DURANTE O ALMOÇO ANUAL OFERECIDO PELAS FORÇAS ARMADAS AO SEU COMANDANTE SUPREMO/BRASÍLIA-DF .....	205
14 DE DEZEMBRO	DISCURSO AO SER CUMPRIMENTADO PELO CORPO DIPLOMÁTICO AO ENSEJO DO FINAL DE ANO/BRASÍLIA-DF ....	211
29 DE DEZEMBRO	DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA POR OCASIÃO DO FINAL DO ANO/BRASÍLIA-DF .....	215



10 DE JANEIRO  
PALÁCIO DA ALVORADA  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO DIRIGIDO AO POVO ARGENTINO ATRAVÉS DE REDE DE RÁDIO E TELEVISÃO

É com grande prazer que me dirijo à nação Argentina na véspera do encontro, em Porto Meira, com sua Excelência o Senhor General-de-Divisão Reynaldo Antonio Benito Bignone.

Trago sempre em minhas recordações o período em que, ainda menino, vivi, em companhia de meu pai, na acolhedora Cidade de Buenos Aires. Conheci, então, de perto, a nobreza do povo argentino, suas qualidades humanas e seu idealismo. Compreendi quão fortes são os sentimentos e os anseios que nos unem.

Tais afinidades naturais refletem-se no empenho colocado por nossos países na ampliação e integração dos seus vínculos físicos, preparando um terreno fértil e seguro para expansão do relacionamento bilateral.

A ponte sobre o Rio Iguaçu, cuja construção está prestes a ser iniciada, expressa, em sua realidade concreta e em suas conotações simbólicas, a perenidade de nossa aproximação. Também significativa nesse sentido será a celebração do contrato de interconexão, forneci-

mento e intercâmbio de energia elétrica entre os dois países.

Essas iniciativas contribuem para o aprimoramento das nossas relações, conforme desejos mutuamente expressos em reuniões anteriores que mantive com Chefes-de-Estado argentinos. O próximo encontro de trabalho com sua Excelência o Senhor Presidente da República Argentina permitir-nos-á, ademais, proceder, com franqueza e lealdade, à análise da evolução e das perspectivas das relações brasileiro-argentinas.

Tenho presente os momentos difíceis enfrentados pela Argentina no primeiro semestre de 1982 e a necessidade de serem reconhecidos seus direitos sobre as Ilhas Malvinas. O Brasil, como é sabido, tem deixado claro seu apoio nesse sentido e no do encaminhamento pacífico da questão, mediante negociações. Reiterei publicamente nossos pontos-de-vista ao discursar, na Assembléia da Organização das Nações Unidas, em setembro último.

Inspirado nesses sentimentos e no permanente afeto dedicado pelo povo brasileiro ao argentino, formulo sinceros votos de prosperidade à nação irmã, num ano cujos primeiros dias auspiciosamente consignarão novos marcos nas relações entre a Argentina e o Brasil.

Muito obrigado.

13 DE JANEIRO  
MARCO INICIAL DA CONSTRUÇÃO  
DA PONTE FOZ DO IGUAÇU-PR  
DISCURSO DURANTE A CERIMÔNIA  
DE INÍCIO DAS OBRAS DA PONTE IN-  
TERNACIONAL SOBRE O RIO IGUAÇU

Excelentíssimo Senhor Presidente da Nação Argentina,  
Reynaldo Bignone:

O início da construção da ponte internacional sobre o Rio Iguaçu constitui mais uma evidência do espírito de cooperação que inspira a amizade entre Brasil e Argentina. Reflete a capacidade dos nossos povos, dedicada à realização dos interesses comuns.

Ligando as margens argentinas e brasileiras do Rio Iguaçu, a ponte contribuirá para o desenvolvimento dessa área, nos planos material e humano, e servirá para dinamizar o intercâmbio de bens e de pessoas entre nossos países.

Este projeto não é iniciativa casual, nem isolada. Inscreve-se no desígnio comum, às nações da região, de ampliar e fortalecer sua integração física. A união das redes de transportes e comunicações reflete nosso firme empenho no progresso econômico regional e na maior aproximação entre nossos povos.

A convergência de três fronteiras nacionais e a disposição dos que aqui vivem ensejam o estreitamento e a diversificação dos laços tradicionais de amizade e colaboração entre os países interessados, prefigurando um futuro auspicioso para a região.

Senhor Presidente,

Tanto o projeto binacional, que hoje se inicia, quanto outros relevantes planos foram idealizados e concretizados sob o signo do melhor entendimento. Com esse mesmo espírito, nossos governos, e o da República do Paraguai, aqui concluíram, em 1979, o acordo que consagra a convergência de interesses entre os empreendimentos hidrelétricos de Itaipu e Corpus.

Permeia essas iniciativas o ideal do desenvolvimento equilibrado, com vantagens para todas as partes. Nossa cooperação tem sido traduzida num conjunto de atos bilaterais celebrados nos últimos anos, entre os quais se destaca o que criou a Comissão Mista Brasileiro-Argentina para a construção desta ponte, subscrito por ocasião da visita que fiz a Buenos Aires, em maio de 1980.

Temos dado particular alento à interconexão dos sistemas de transporte terrestre de um e outro país. Argentina e Brasil construíram, no passado, a ponte que liga as cidades de Uruguaiana a Paso de Los Libres sobre o Rio Uruguai. A ponte sobre o Rio Iguazu será um novo elo entre os dois países. O Rio Uruguai há de ser também o cenário de interconexões elétricas e, oportunamente, de importantes projetos hidrelétricos brasileiro-argentinos.

Ainda hoje celebrar-se-á o contrato de interconexão, fornecimento e intercâmbio de energia elétrica entre o Brasil e a Argentina. Presenciarei essa solenidade com a grata convicção de que corresponde a mais uma inicia-

tiva promissora em nosso processo de cooperação recíproca.

A conduta de nossos países prova firme intenção de enfrentar os desafios da presente conjuntura internacional, decorrência da crise econômica que afeta com maior severidade os países em desenvolvimento.

Senhor Presidente,

O Brasil e a Argentina honram suas tradições, mostrando coragem, no presente, e confiança no futuro. Timbram em não se deixar imobilizar pelas dificuldades e em perseverar no esforço pelo melhor destino de nossos povos. Estou seguro de nosso êxito. Não nos falta coragem, nem capacidade para atingir esses objetivos.

Os laços forjados entre o Brasil e a Argentina ultrapassam a relação bilateral. Em nossos contatos, temos sempre presente nossa condição de nações latino-americanas que, desde cedo, tiveram na solidariedade um dos componentes de seu progresso.

Os episódios que, no curso do ano passado, envolveram a Argentina, no Atlântico Sul, provocaram, de nossa parte, manifestações inequívocas de solidariedade. Com o mesmo ânimo, temos sustentado a necessidade de uma solução negociada para o caso, conforme acentuei em discurso na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas.

Novamente demonstramos, assim, que a solidariedade não é, para nós, conceito retórico, carente de vontade de atualização e aprimoramento. A solidariedade brasileiro-argentina, criativa e renovadora, é uma realidade dinâmica, vivida com o ânimo de dar um conteúdo cada vez mais rico às nossas relações. Este, Senhor Presidente, o sentido desta celebração, consagradora de

nossa convivência fraterna e dos altos valores que têm inspirado e que hão de inspirar para sempre a nossa permanente amizade.

Muito obrigado.

17 DE JANEIRO  
PALÁCIO DA ALVORADA  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO SEU ANI-  
VERSÁRIO, AGRADECENDO SAUDA-  
ÇÃO FEITA PELO MINISTRO DA MARI-  
NHA MAXIMIANO DA FONSECA

Senhores Ministros,  
Senhor Procurador-Geral da República,  
Senhor Consultor-Geral da República,  
Senhor Diretor-Geral do DASP,  
Senhor Governador do Distrito Federal:

Permitam-me que eu me dirija também ao nosso prezado Aureliano, que infelizmente não pode estar presente, mas sei que de espírito está.

Esta reunião de cumprimentos, como tem sido realizada pelos Senhores por ocasião do meu aniversário natalício, desta vez se reveste de um aspecto muito particular. Vossas Excelências vêm, gentilmente, ao meu Gabinete, para me cumprimentar, menos num gesto de cortesia mas mais num gesto de afeição, tenho certeza, me cumprimentar por mais um ano de vida.

Acontece que eu ultrapassei os 65 anos. Se já havia ficado alarmado ao ultrapassar os 60, hoje sinto-me até desesperado.

A reunião não deveria ser uma reunião de cumprimentos, como eu peço que não seja. A um amigo que completa essa idade não se cumprimenta, conforta-se. É o conforto da presença dos Senhores, aqui, com a palavra amiga do Ministro Maximiano, que eu devo agradecer. O conforto pela compreensão — repito o que disse em anos anteriores — com quem tem entendido alguns atos meus. Conforto pelo perdão que tem dado aos possíveis erros que eu tenha cometido — e sei que os cometi —; conforto pelas horas em que o meu temperamento extravaza e eu digo o que não deveria dizer. E ao agradecer esse conforto, devo dizer aos Senhores que, ao marchar para os 70 anos, fazendo uma retrospectiva do que foram esses 65 anos de vida, eu posso dizer que eu também me conforto. Pessoalmente eu me conforto porque, fazendo um exame de consciência limpo, eu não me arrependo de nada do que eu fiz. Pode ser que em algumas ocasiões, de raciocínio um pouco mais profundo, eu tenha me arrependido do que eu não tenha feito. Confesso que algumas dúvidas me assaltam, vez por outra, de coisas que eu poderia ter feito; de coisas que eu poderia ter feito e que mais se coadunavam com o meu temperamento, mas que a posição, a função, o lugar em que eu estou não permitiriam que me sentisse bem se o fizesse, mas muito me arrependo de estar nesta posição e não poder fazer. Reservas ainda tenho, na minha bagagem, dessas coisas que gostaria de fazer. Deus que me dê forças para eu continuar persistindo em não fazê-las. Mas, a vocês, meus amigos, eu prometo — não garanto. Deus queira que isso seja verdade.

Muito obrigado.

18 DE JANEIRO  
PALÁCIO DA ALVORADA  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO AO EMPOSSAR O MINIS-  
TRO-CHEFE DO EMFA, BRIGADEIRO-  
DO-AR WALDIR DE VASCONCELOS

Excelentíssimos Senhores Ministros,  
Meu Prezado Amigo Brigadeiro Waldir:

Por força da lei, deixa as funções de Chefe-do-Estado-Maior das Forças Armadas, o General Werner. Comigo fez a Escola Militar do Realengo. Dezesete anos depois nos encontramos, ambos como instrutores da Escola de Estado-Maior do Exército. Através dos meus quarenta e poucos anos de serviço acompanhei a vida militar do General Werner e privei da sua intimidade. Quarenta e quatro anos depois o cadete Werner aceitou ser Ministro do cadete Figueiredo. Posso assegurar aos Senhores que a minha escolha foi acertada, porque em nenhuma ocasião eu tive a menor dificuldade, seja no trato diário com o General Werner, seja no trato das questões relacionadas com os problemas das Forças Armadas. É com pesar que vejo o afastamento, não apenas do amigo, mas do excelente Oficial-General que deixa o serviço ativo do Exército. Para substituí-lo fui buscar na Aeronáutica o Brigadeiro Waldir de Vasconcelos.

Conheço-o pela sua folha de serviço; conheço-o pelo que dizem dele os seus amigos, chefes e subordinados. E o conheço, mais particularmente, pelo que diz dele o Brigadeiro Délio, também meu companheiro desde os idos de 1931, no Colégio Militar. Se tenho pesar pela perda do Werner, estou, entretanto, tranqüilo quanto ao seu substituto. Eu tenho a certeza, Werner, que você terá no Brigadeiro Waldir um substituto à altura do seu talento, da sua dedicação e do seu patriotismo.

Felicidades, Brigadeiro

19 DE JANEIRO  
ASSOCIAÇÃO DO PESSOAL DA CAIXA  
ECONÔMICA FEDERAL  
SÃO LUÍS-MA  
DISCURSO DURANTE ENCONTRO COM  
AS LIDERANÇAS POLÍTICAS DO ESTA-  
DO

Aqui estou para não deixar promessa alguma, que tenha feito, sem ser cumprida. Esta é mais uma promessa feita em público que tenho cumprido. Ao cumpri-la faço com a satisfação de poder estar novamente aqui em terras maranhenses e poder falar à sua gente. Quando aqui estive disse que após as eleições eu viria ao Maranhão para congratular-me com os líderes partidários e agradecer ao povo a vitória que tinha certeza seria esmagadora. Mas acrescentei posteriormente que visitaria em primeiro lugar aquele Estado que tivesse dado ao Partido a maior vitória em termos porcentuais. Aqui estou portanto cumprindo a dupla promessa, para congratular-me com os líderes partidários e agradecer ao povo maranhense a brilhante vitória que o nosso Partido obteve nas eleições de 15 de novembro. Desejo congratular-me com o Governador Ivar Saldanha, que durante a campanha, na testa da administração do Estado, soube portar-se de maneira a que o eleitorado visse nele um representante do partido que soube conduzir-se como um exemplo como Governador do Estado.

Desejo congratular-me com o Presidente do nosso Partido, o Senador José Sarney, que soube dar a orientação devida para que os líderes partidários levassem a mensagem do Partido ao eleitorado e soube conduzir a campanha, naqueles termos que eu recomendei, em nível alto, suportando as agressões buscando conquistar o eleitor pela compreensão e aí estão os resultados a dizer da orientação certa dada pelo presidente do nosso Partido. Desejo congratular-me com o Governador eleito, pelo brilhantismo de sua campanha. Desejo congratular-me com os líderes partidários pois eles sim, foram os verdadeiros mensageiros, do que achávamos nós, da cúpula partidária, que devia ser levado a massa eleitoral. Mas, desejo fazer um agradecimento especial ao povo do Maranhão. Também a ele agradecer a compreensão, pela receptividade que teve minha mensagem particular, a minha maneira de ser, a minha maneira de fazer campanha e ao mesmo tempo procurar entender as razões que os nossos líderes partidários levaram à praça pública para fazê-los votar no nosso Partido.

Tudo isso que conseguimos nós, mais os Senhores do que eu, foi devido, principalmente a união, à coesão do nosso Partido, à grandeza dos nossos líderes partidários que, deixando de lado as rugas e as querelas, que sempre existem e que são frutos, já não digo da própria mecânica da convivência humana. Deixando de lado estas arestas, souberam partir coesos para levar uma única mensagem, falar a mesma linguagem ao eleitorado e convencê-lo de que a razão maior estava do nosso lado. Meus cumprimentos, portanto, à gente do Maranhão. Do eleitor ao líder partidário, que trouxeram para mim a satisfação de ver que o Maranhão não falhou, continuou mostrando que o eleitorado aqui sabe escutar os seus líderes e que não foi devido a minha presença ou à minha palavra que conquistamos esta vitória. Estou aqui

para agradecer ao povo do Maranhão o que ele já vem há anos fazendo.

Muito obrigado.



20 DE JANEIRO  
ASSOCIAÇÃO DO PESSOAL DA CAIXA  
ECONÔMICA FEDERAL  
ARACAJU-SE  
DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMO-  
ÇO COM AS LIDERANÇAS POLÍTICAS  
DO ESTADO

O Governador de Sergipe, em sua palavra, disse que agradece em nome do povo sergipano um pouco que eu possa ter feito pelo Estado de Sergipe e por sua gente. Na realidade, Senhor Governador, quem deve agradecer a Vossa Excelência e aos sergipanos sou eu.

O motivo principal de minha presença hoje aqui em Aracaju, se já não fosse pela homenagem que tão gentilmente Vossa Excelência e o Governo do Estado prestaram ao meu pai, seria para me congratular com o povo sergipano pela brilhante vitória de nosso Partido nas eleições de 15 de novembro.

Essa vitória, Senhor Governador, entre todos os fatores, que a fertilizaram, a facilitaram apontados por Vossa Excelência, eu devo ressaltar principalmente a coesão apresentada pelo nosso Partido, como bem salientou Vossa Excelência. Coesão que foi resultante do entendimento e da compreensão dos principais líderes do Estado, fazendo com que o Governador que saiu para candidatar-se a Câmara Federal, o Governador que assumiu Vossa Excelência, o Governador que iria se candi-

datar ao cargo e o nosso futuro senador, formassem um quarteto de líderes em torno do qual as lideranças do Estado foram buscar aquela mensagem que levou o nosso eleitorado a essa vitória.

E se já não fosse pela vitória em todo o Estado, seria também pela vitória proporcionada pela Cidade de Aracaju, que deu ao Brasil, entre as capitais dos Estados, a maior vitória porcentual em 15 de novembro.

Senhor Governador, ao congratular-me com Vossa Excelência e com o povo sergipano por essa vitória, eu faço um apelo para que o nosso Partido persista nessa coesão até as próximas eleições para que o povo nordestino possa, de fato, reeditar esse exemplo de civismo que acabou de dar ao povo brasileiro e ter; na Câmara uma representação que defenda os interesses do Nordeste, os interesses de Sergipe, que tenho certeza, Senhor Governador são os interesses do Brasil.

Ao agradecer também Vossa Excelência a minha participação nesse pleito, devo dizer que se a minha presença aqui teve alguma parcela nessa brilhante vitória, ela foi pequena, muito pequena. Essa vitória seria brilhantíssima se não tivesse havido aqui a minha presença. Mas posso lhe garantir que, de tudo que levo dessa presença, eu guardo a gentileza com que o Governador recebeu a mim, fazendo, por vezes, com que nós dois, Governador Dejanal e eu, o João, nos sentíssemos novamente naquelas alamedas do velho Colégio Militar a fazer as nossas travessuras, a resolver as nossas perspectivas, a pensar que éramos os maiores sábios do Mundo, porque sabíamos logaritmo e cálculo de  $\pi$  e a dar as nossas bordoadas nos alunos do Pedro II, para não dizer, levarmos também as nossas.

Senhor Governador, de tudo que eu levo daqui, desta segunda rápida passagem por Sergipe, repito, levo

a gentileza do povo desta terra, a sua amizade, a sua compreensão para comigo e principalmente a sua velha camaradagem de 1932, que até hoje conservamos e que nos fazem, de vez em quando, sermos meninos ainda.

Muito obrigado.



24 DE JANEIRO  
PALÁCIO DA ALVORADA  
BRASÍLIA-DF  
IMPROVISO AO RECEBER OS PARTICI-  
PANTES DO CONCURSO CULTURAL  
JOVEM EMBAIXADOR

Meu prezado amigo Arnaldo Nogueira,  
Senhores Professores,  
Meus prezados patrícios,  
alunos que concorreram a esta prova:

Eu desejo me congratular com O Globo, na pessoa do meu amigo Roberto Marinho. Desejo me congratular com os organizadores desse concurso e com os dois Colégios: Princesa Isabel e Instituto Guanabara. A esses e para a sua Diretoria meus votos de congratulações por uma idéia tão feliz. Desejo me congratular com os professores que organizaram e que julgaram o concurso. Eu quero crer que uma prova dessa natureza, uma prova difícil, não só por que é uma prova de redação, como também é uma prova de conteúdo. Aí por que me congratulo também com todos vocês que participaram desse concurso e apresentar, não só àqueles que se destacaram, como também a todos os outros que participaram, e que na próxima oportunidade mais jovens brasileiros

concorram e mais jovens possam ter oportunidade que vão ter esses que se classificaram este ano.

Muito obrigado e muitas felicidades.

01 DE FEVEREIRO  
PALÁCIO DA ALVORADA  
BRASÍLIA-DF

IMPROVISO AO RECEBER GARIMPEIROS DE SERRA PELADA, ACOMPANHADOS PELOS DEPUTADOS SEBASTIÃO RODRIGUES E EDSON LOBÃO

Meus prezados amigos, Deputado Sebastião Rodrigues,  
Deputado Edson Lobão,

Meus caros amigos de Serra Pelada:

Eu agradeço, comovido, a presença dos Senhores aqui na minha casa de trabalho, na oportunidade em que os Senhores vêm prestigiar a posse desses dois amigos meus como deputados federais.

Agradeço as palavras do representante dos Senhores, o nosso Epaminondas, e ao agradecer devo dizer que eu é que agradeço aos Senhores o que os Senhores fizeram pelo Brasil, em primeiro lugar. Não é apenas pelas dificuldades econômicas que o País atravessa, nem é apenas pelo esforço sobre-humano que os Senhores têm feito na selva amazônica, mas principalmente, pelo exemplo de tenacidade que os Senhores têm dado àqueles brasileiros que descrevem do nosso País.

Não é o Presidente que agradece esse exemplo que os Senhores estão dando a toda a nossa gente. Mas é o cidadão, é o brasileiro. Mas, outro, o João, também

tem um agradecimento a fazer aos Senhores. É certo que o João tem sido recebido com carinho em quase todos os rincões de nossa Pátria. Eu sinto que se o povo brasileiro, por vezes, discorda do meu governo, como bem demonstrou nessas últimas eleições em alguns Estados, eu sinto, por outro lado, que o povo brasileiro sabe que a culpa das nossas dificuldades não cabe só a mim. Muitas delas já vêm de longe; algumas delas eu assumo. Mas o povo tem sabido verificar o meu esforço para contornar essas dificuldades. E tem me tratado com carinho. Mas de todos os lugares por onde eu passei, o lugar que eu me senti mais à vontade foi entre os Senhores. Principalmente porque eu muito pouco posso fazer pelos Senhores. E os Senhores demonstraram que muita coisa podem fazer por mim. Não pelo Presidente, não pelo meu governo, mas pelo incentivo, pelo estímulo que os Senhores me dão.

Bem sei que os Senhores, agora, estão em dificuldades. A minha decisão a respeito do garimpo de Serra Pelada já vinha se sedimentando há alguns meses. Colhi informações junto aos órgãos técnicos e senti que tinha que decidir entre uma despesa grande e a felicidade dos Senhores. De um lado, para satisfazer os Senhores, a Nação tinha que fazer algum sacrifício; por outro lado, ainda havia o perigo da vida de cada um dos Senhores. Eu decidi hoje — e isso é que eu quero comunicar aos meus amigos de Serra Pelada — vou arranjar uma solução e posso garantir aos Senhores que o garimpo continuará em 1983.

Deus queira que essa prorrogação por mais esse ano proporcione a cada um dos Senhores a sorte, a ventura de lá encontrar o ouro que possa lhes dar a tranqüilidade no futuro. É o meu sincero desejo. E que seja o maior montante possível, que disso vai resultar não ape-

nas a felicidade de cada um dos Senhores, mas também um pouco de desafogo para o nosso País.

Muitas felicidades aos Senhores.



28 DE FEVEREIRO  
PALÁCIO DA ALVORADA  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO DURANTE REUNIÃO DO  
MINISTÉRIO, TRANSMITIDA ATRAVÉS  
DE REDE NACIONAL DE RÁDIO E TE-  
LEVISÃO

Senhores Ministros:

Em palavras dirigidas à Nação, quando ainda corriam os primeiros tempos do meu governo, tracei quadro realista do agravamento das dificuldades que mais me preocupavam no plano econômico-financeiro. Identifiquei alguns dos aspectos principais da situação em que o desenrolar da crise internacional, causada pelo primeiro choque do petróleo, nos colocava. Ao mesmo tempo, articulei as providências que se impunham para enfrentá-la tal como se apresentava. Certas medidas continuavam orientação anterior; outras, dado o perfil diferente dos fatos, revestiam caráter diverso. No conjunto, a ação governamental visava aos seguintes objetivos: reduzir o *deficit* público, equilibrar as contas externas, diminuir o endividamento das empresas públicas, eliminar gradualmente os subsídios, aliviar a dependência nacional do combustível importado, estimular a agricultura, promover o crescimento da economia.

Premido pela conjuntura internacional, anunciei a desvalorização da moeda em proporções acentuadas. Expus as razões dessa medida. Mostrei-lhe o alcance e os efeitos, os quais, a meu ver, ajudariam a sustentar o fluxo de recursos que financiam nosso *deficit* em transações correntes.

Se o quadro econômico e financeiro não tivesse sofrido, quanto aos seus traços fundamentais, alteração maior, as providências postas em prática renderiam os frutos que delas se esperavam, entre os quais o domínio do surto inflacionário.

A crise internacional, contudo, em vez de amainar, continuou a aprofundar-se de modo alarmante, por obra, em grande parte, da nova onda de elevações do preço do petróleo.

A consciência da crise, dos seus caracteres dramáticos, desencadeou movimento de autodefesa individual, por parte dos países industrializados. Sentindo-se ameaçadas em sua estrutura econômica, pela maior crise desde a Grande Depressão de 1930, as nações desenvolvidas adotaram, em 1981 e 1982, política rígida para estabilizar preços e equilibrar balanços de pagamento. O êxito relativo dessa política foi obtido à custa da estagnação econômica, do desemprego generalizado nos seus próprios países, e de conseqüente redução do comércio internacional. Existem, atualmente, nesses países, cerca de 30 milhões de desempregados, número que, até o fim deste ano, pode subir a 35 milhões.

A crise atual não atingiu apenas as nações do Mundo ocidental. É também generalizada a recessão econômica nos países socialistas. Os pedidos, já formulados, de renegociação da dívida externa comprovam eloqüentemente essa afirmação.

Na busca do reequilíbrio de suas contas externas, as nações industrializadas passaram a adotar política de natureza protecionista, que provocou queda sensível da demanda e estagnação do mercado internacional. Acompanhou esse quadro recessivo a elevação das taxas de juros internacionais a níveis sem precedentes.

Quanto aos países em desenvolvimento, a situação se tornou dramática. Tiveram eles de arcar com o ônus inicial da elevação no preço do petróleo, e com a redução drástica de suas exportações.

Tudo isso repercutiu amplamente sobre nossa economia. O preço dos produtos exportados caiu sensivelmente, enquanto subia o preço dos produtos importados. Elevaram-se os juros dos empréstimos internacionais, contraídos em sua quase totalidade para amortecer, a partir de 1974, o choque da crise internacional, e dar continuidade à política de desenvolvimento capaz de assegurar emprego e bem-estar aos brasileiros. Às dificuldades no plano comercial somou-se crise de liquidez, reflexo também do colapso verificado no sistema financeiro internacional.

A guerra do Atlântico Sul, o pessimismo que envolveu o encontro da comunidade financeira na reunião de Toronto e o não pagamento de dívidas, tanto por países em desenvolvimento como por importantes empresas de nações industrializadas, tudo isso concorreu para o estancamento do fluxo de empréstimos para os países com *deficit* no seu balanço de pagamentos.

Membros do Fundo Monetário Internacional, a ele, diante dos problemas financeiros que nos afligiam, tivemos que recorrer. Com o apoio de nações amigas, estamos negociando com o sistema bancário internacional o fluxo de empréstimos que permita ao Brasil superar essa grave e prolongada crise.

Sondagens realizadas no mercado financeiro revelaram que eventuais empréstimos, no corrente ano, só estariam disponíveis em volume substancialmente inferior ao dos últimos anos.

Neste cenário, cumpria que o Brasil se mobilizasse para gerar expressivo *superavit* nas suas trocas internacionais, a fim de evitar o colapso de nossas contas externas. Para garantia desse objetivo, era preciso rever a taxa de câmbio. Convém observar a maneira como se têm conduzido, a tal respeito, os nossos parceiros comerciais. Conseguiram os Estados Unidos reduzir drasticamente a sua inflação interna. Fortalecido o dólar, registrou-se a desvalorização acumulada em relação a ele, entre fins de 1979 e dezembro de 1982, do conjunto de moedas européias e japonesa, de cerca de 29%. O franco francês, por exemplo, desvalorizou-se em 40%, o marco alemão em quase 30% e a libra esterlina em 25%. Enfraqueceu-se, por via de conseqüência, o poder de competição de países como o Brasil, cujas exportações se destinam, preponderantemente, a países fora da área do dólar. Note-se que os governos socialistas espanhol e sueco, ao se instalarem, desvalorizaram igualmente as suas moedas.

Esse fenômeno, acoplado às dificuldades crescentes para exportar, em face do aprofundamento da recessão e da queda dos preços dos produtos básicos, deixou os países em desenvolvimento, notadamente da América Latina, sem alternativa senão acompanhar o mesmo processo de desvalorização de suas moedas.

Países hispano-americanos, entre eles os nossos mais importantes parceiros comerciais, foram obrigados a desvalorizar suas moedas ao longo do último ano, a taxas cuja variação acumulada superou a marca dos 60%.

Estaria feliz se pudesse anunciar que a nossa moeda, diversamente das demais, ficara imune aos efeitos da recessão mundial. Nada me seria mais grato do que poder dizer que estamos a cavaleiro dos problemas que, no campo econômico e social, se abatem sobre os outros povos. A verdade, porém, que cumpre ser dita, lisa e lealmente, é que a crise não nos poupou; é que, como em relação a outros, a desvalorização substancial da moeda foi o caminho inelutável que nos restava para reconquistar a competitividade e garantir a nossa posição no mercado.

Quais as conseqüências que esperamos da desvalorização da moeda? Deve esta remunerar com mais cruzeiros os nossos produtos, fazendo-os mais competitivos e ensejando a expansão de nossas vendas ao Exterior. Torna, de outra parte, as importações mais caras, desestimulando o consumo e encorajando a substituição dos produtos importados por produtos nacionais.

É certo que a elevação do preço dos bens importados tem efeitos inflacionários, que o Governo procura neutralizar, mediante política cujo êxito depende da responsabilidade e consciência social dos empresários. Ao estimular as exportações, manteremos ou criaremos empregos para os nossos trabalhadores, fortaleceremos nossa indústria e acumularemos recursos para atender nossos compromissos.

A desvalorização é medida forte e de amplas conseqüências. O Governo cuidou, por isso mesmo, de cercála de uma série de providências, que visam a atenuar seus efeitos indesejáveis. Se, de um lado, desencoraja a especulação contra a moeda nacional, de outro, afeta duramente algumas empresas, privadas e públicas, devedoras em moeda estrangeira. A nova paridade constitui,

contudo, como já frisei, notável estímulo à expansão de nossas vendas e à substituição de importações.

É imprescindível que não se afrouxe a vigilância no sentido de impedir que a desvalorização perturbe viciosamente a economia nacional. Nenhum rigor será demasiado para colocar a salvo desse risco o interesse da coletividade. Cresce o rol das providências que se devem articular para esse fim. Além da assistência que se dispensará, como já disse, à situação das empresas que contraíram dívidas em moeda estrangeira, instituiu-se controle de preços de inúmeros produtos; reduziu-se, outrossim, o imposto sobre operações financeiras, a fim de minorar o custo de mercadorias importadas; deliberou-se, ainda, diluir no tempo os reajustamentos do preço dos derivados do petróleo e do trigo; pretende-se forçar a baixa das taxas de juros bancários, ajustando-as a níveis mais suportáveis.

Determino que seja posto empenho total em que os sacrifícios, que a situação acarreta, sejam distribuídos igualmente, não a tais ou quais grupos, atentando-se, de modo especial, na necessidade de proteger os mais fracos. A regra de que todos são iguais perante os encargos públicos ou sociais deve ser entendida segundo postulados de justiça, sobretudo da justiça social.

Os empréstimos externos que fizemos não nos devem provocar sentimento de culpa. Foram eles negociados estritamente no interesse do País e segundo critérios objetivos, vigorantes no mercado internacional. As taxas de juros que repentinamente se estabeleceram foram muito além do que era lícito prever, colhendo de surpresa, não só a nós, mas aos devedores, no seu conjunto.

Escapou, e escapa ainda, ao nosso controle, como ao controle dos demais países por ela gravemente prejudicados, a queda vertical e brusca na cotação dos produ-

tos primários, cuja exportação a preços justos e razoáveis, é um dos fundamentos da nossa estabilidade financeira. Não somos responsáveis pelo protecionismo com que, numa política que se denominou do «salve-se quem puder», nações poderosas, embaraçando a entrada de produtos estrangeiros, tentam manter o equilíbrio de suas contas externas. Não nos cabe culpa pelo fato de outros países, feridos pela crise, deixarem de saldar débitos para com o Brasil, provenientes da importação de nossos produtos. O não recebimento de créditos vultosos, de que dispomos no Exterior, concorre, de modo ponderável, para as nossas dificuldades.

No discurso que proferi perante a Assembléia-Geral das Nações Unidas, adverti a comunidade internacional de que é impreterível definir imediatamente um conjunto de iniciativas capazes de permitir a superação da crise, cujo desenvolvimento já assumia proporções alarmantes. Somente a cooperação, o esforço comum das nações, poderia, segundo pensava, criar condições para devolver a economia ao seu estado de normalidade.

Quando insisto em afirmar que nos achamos envolvidos em crise mundial, não pretendo apenas repisar um fato que está na consciência de todos. Pretendo frisar que se trata de crise caracterizada não só pela sua amplitude, como pelos seus aspectos inéditos. Pretendo realçar, sobretudo, que se cuida de crise cuja superação não dispensa a decisão política. Decisão política em que tem de participar, em grau maior ou menor, a comunidade internacional. Decisão política que fortaleça os laços de solidariedade entre as nações. Decisão política que faça da cooperação, real e efetiva, entre os povos, a conquista maior do nosso tempo.

São visíveis os indícios de que já estamos caminhando rapidamente nesse sentido. Indícios dessa natureza

repointam nos esforços que já se conjugam para vencer as dificuldades do presente.

A responsabilidade geral, quanto à sorte da economia, não diminui a responsabilidade particular que nos cabe na luta pelo nosso aperfeiçoamento econômico, social e político.

Preocupa-me a situação internacional. Preocupam-me, mais fundamente, os negócios brasileiros. Confio em que a comunidade dos povos esteja à altura do momento histórico que vivemos. A mesma confiança deposito nos brasileiros, que responderão, nobremente, como sempre, ao desafio da crise atual, nos termos ditados pela sua consciência.

Alimento a esperança de que a crise que abala o Mundo chegue com brevidade ao seu termo final. A julgar pelos sinais, que já aparecem no horizonte, é possível, de fato, que se retome, dentro em pouco, o caminho da prosperidade. A prudência manda, todavia, que nos preparemos para o prolongamento da situação atual. Cumpre, assim, que mobilizando todos os nossos recursos, humanos e materiais, procuremos adaptar-nos ao novo estado de coisas que o cenário mundial apresenta. Acelerar a modernização de todos os setores da vida nacional é tudo quanto há de mais urgente. A aceleração que as circunstâncias impõem terá de contar com a participação de todos os brasileiros que tenham consciência da situação e da necessidade, em que nos achamos, de unir esforços para, sob a liderança do Governo, garantir o nosso futuro. Para isso é preciso investir no homem e nas atividades produtivas geradoras de emprego. Esse largo objetivo pede uma cruzada, não transitória, mas permanente, porque permanente é o dever de garantir a tranqüilidade da ordem e a felicidade nacional.

Senhores Ministros,

Na condição de meus auxiliares diretos, os Senhores participam vivamente das apreensões que o momento suscita. A colaboração e solidariedade do Ministério é de todos os instantes. Na lealdade, na devoção, espírito público e patriotismo com que a equipe do Governo exerce sua alta responsabilidade, repousa a segurança que me anima, de que o meu projeto de governo será coroado, sob todos os aspectos, de pleno êxito.



07 DE MARÇO  
CENTRO DE INSTRUÇÃO E ADESTRAMENTO (MARINHA)  
RIO DE JANEIRO-RJ  
DISCURSO POR OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES DOS 175 ANOS DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

Corpo de Fuzileiros Navais,  
Meus prezados amigos Almirante, Brigadeiro, Generais,  
Meus Senhores:

Ao agradecer a cortesia do convite a mim feito pela Marinha, para que viesse festejar com os Senhores os 175 anos do nosso Corpo de Fuzileiros Navais, devo agradecer também a insigne cortesia de Sua Excelência o Senhor Ministro da Marinha que, com suas palavras generosas, pôs em destaque a sua fidalguia ao querer preservar a minha saúde, e desejo agradecer também aos companheiros do Corpo de Fuzileiros Navais que, através do seu Comandante, me prestaram a insigne honra de poder conduzir o bastão de comando desta Organização. E ao fazer esses agradecimentos, devo dizer aos Senhores, que não poderia ter passado momentos mais agradáveis do que estes que aqui passei com os meus companheiros de armas, num dia em que a Marinha e as Forças Armadas festejam mais um aniversário do Corpo

de Fuzileiros Navais; momentos não apenas agradáveis pelo convívio com velhos amigos e companheiros, mas ainda pelas lembranças que esse convívio trouxe à minha mente, aqueles momentos felizes em que pude estar nos quartéis e sentir a simplicidade, a lealdade e a generosidade do soldado brasileiro. E ao festejar com os camaradas da Marinha esses 175 anos de dedicação a Pátria, de busca de eficiência máxima, eu devo dizer que presto neste momento a minha homenagem à característica mais significativa para mim desta Organização, o Corpo de Fuzileiros Navais, aquela característica que, de fato, pode levar a eficiência máxima porque lhe dá coesão, uma coesão que leva a unir todos os companheiros, num só elo, num só objetivo, fazer cada vez maior a sua grande unidade e que é a característica do espírito de corpo. E é este espírito de corpo que aqui reside entre os companheiros fuzileiros navais, que desejo que defenda os nossos quartéis e eleve ao povo brasileiro o espírito de corpo do Brasil, que deve permanecer sobre quaisquer tipos de querelas políticas, a fim de que possamos contornar as dificuldades do momento e de fato levar a nossa Pátria aos destinos que desde meninos nós sonhamos.

Muito obrigado.

08 DE MARÇO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
DISCURSO AO RECEBER A DIRETORIA  
DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUNICÍPIOS

Senhor Presidente,  
Senhores Membros do Conselho Diretor da  
Associação Brasileira de Municípios:

Eu fico muito agradecido pela presença dos Senhores aqui no meu gabinete, incorporados para apresentarem a sua solidariedade às minhas intenções, e, ao mesmo tempo, oferecer os esforços da Associação, para cooperar nas dificuldades que o País enfrenta no momento. Ao falar em conciliação nacional, disse o Senhor Presidente que ela se torna necessária para que nós brasileiros, todos juntos, possamos enfrentar essas dificuldades a que aludi. Eu direi ao Senhor que essa conciliação nacional deve começar lá embaixo, deve começar no município. Não há de ser a conciliação dos homens da administração federal com os líderes políticos, simplesmente, que vai permitir que sentemos todos a uma mesa e discutamos livremente as maneiras ou as formas, já não digo de contornar a crise, mas, pelo menos, de poder enfrentá-la com menor sacrifício. A reforma tributá-

ria que como candidato eu preconizei e que ainda hoje preconizo tornou-se cada vez mais difícil devido particularmente aos encargos que a União tem encontrado para saldar e aos esforços que tem feito para não atrasar, ou para não atrasar mais ainda, em alguns casos, os seus compromissos com empresas privadas e com os bancos estrangeiros. Mas devo repetir aos Senhores que quanto mais dependente do poder central é o município, mais ferida está a Federação. A Federação, ela existirá, no momento em que o município se ligar apenas ao governo estadual, como norma de conduta, e cada município tiver os meios necessários para o desenvolvimento econômico e para oferecer um melhor meio de vida à sua população. Esse o nosso objetivo longínquo. Confesso aos Senhores que, na conjuntura atual, nas dificuldades que nós passamos, eu não vejo como alcançar em curto prazo esse objetivo. Mas isso não significa que nós não nos batamos por ele, e que consigamos, quem sabe ainda eu em vida, ver os municípios brasileiros independentes, livres, autônomos, escolhendo os seus representantes e oferecendo ainda a cada Estado, e ao governo central, a maneira de poder-se representar bem o nosso País no Exterior, e a maneira de poder ditar normas compatíveis com a Cultura e com a necessidade de cada habitante desse País. Muito obrigado aos Senhores.

14 DE MARÇO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
DISCURSO POR OCASIÃO DO QUARTO  
ANIVERSÁRIO DO GOVERNO

As palavras do nobre Ministro Walter Pires, amigo de todas as horas, traduzem, de modo fraterno, os cumprimentos do Ministério pelo transcurso, amanhã, do quarto aniversário da minha investidura na Presidência da República. Depois de lembrar as lutas e dificuldades desses quatro anos, assinala, com propriedade, o Ministro Walter Pires, a diferença entre o Brasil de hoje e o Brasil de 1979. Realça, com isso, a crescente rapidez das mudanças, que se operam na sociedade brasileira bem como a complexidade, também crescente, dos problemas que o Governo é chamado a resolver. O Ministro traça, com segurança, o quadro das realizações governamentais no campo econômico, social e político; lamenta a incompreensão dos negativistas; exprime sua crença na viabilidade do sistema democrático e na governabilidade da democracia; externa sua confiança no futuro do País e manifesta apoio incondicional à obra que venho realizando.

Sobrevém essa manifestação de solidariedade, ampla e incondicional, em momento histórico da nossa vi-

da política. Faz poucos dias, em mensagem dirigida ao Congresso, formulei, quanto aos opositores, proposta de trégua. Há quem a tenha interpretado como tentativa de silenciar a Oposição. A proposta de trégua, que agora reitero, é ato de grandeza. Não constitui convite à capitulação, nem envolve capitulação. Constitui — isso sim — convite a que se identifiquem, pelo diálogo, zonas de entendimento. A trégua deve ser vista como processo, mediante o qual as parcialidades políticas se disponham a superar, acerca de pontos determinados, radicalismos ou divergências injustificáveis em face do interesse nacional. Trégua é procura de conciliação e desarmamento dos espíritos. Trégua supõe a crença de que, pela argumentação entre interlocutores de boa-vontade e de boa-fé, é possível chegar à união dos espíritos e à unidade de ação.

Ressalta, por outro lado, a já mencionada manifestação de solidariedade, ampla e incondicional, quando nos encontramos na véspera da posse dos novos Governadores, acontecimento que abre outra e importante etapa no caminho da democratização do País.

A escolha de novos condutores políticos, nas eleições de 15 de novembro, impõe alteração nas relações de poder, até então existentes, entre as quais a que se refere à trégua, que propus, na luta partidária.

Nesta última fase do meu mandato, continuarei a assegurar condições para a defesa e consolidação das instituições, por via do entendimento e da solução pacífica dos nossos problemas.

Minha disposição é de manter com os novos Governadores, independente de cor partidária, relações funcionais construtivas. Guardados os interesses gerais da União, os interesses particulares dos Estados — cuja au-

tonomia, nos termos da Constituição, é imperativo respeitar — serão superiormente apreciados.

Reafirmo meu propósito de manter diálogo com a Oposição. Combaterei, não obstante, frontalmente, os que se dispuserem a contestar o regime. Não se confunda oposição leal e construtiva com a contestação extremista. Espero que a lucidez e a moderação levem a que se entenda devidamente o momento histórico que vivemos. A esmagadora maioria da Nação deseja, não o confronto e o revanchismo, mas o entendimento e a conciliação entre os brasileiros.

Reafirmo, também, por lealdade institucional e convicção pessoal, o meu inabalável compromisso com a democracia, a crença nos seus valores, a fé nas suas instituições e nos seus métodos.

Assegurarei a liberdade, que é instrumento da democracia e do bem-comum. Não tolerarei, porém, que a liberdade degenerem em licença ou abuso das franquias constitucionais. Velarei pela rigorosa manutenção dos princípios éticos, não permitindo desvios de conduta na gestão dos negócios públicos.

A hora é de austeridade, disciplina, respeito à lei. É preciso que estes valores inspirem a ação dos dirigentes políticos e de todos os agentes do Governo.

No quadriênio que amanhã se completa foram inegáveis os êxitos alcançados. Mas a missão não está concluída. Insisto em que, a partir de agora, entraremos na fase mais importante do processo de abertura política: a consolidação das instituições democráticas. Tarefa árdua, cheia de riscos, mas nem por isso menos necessária.

Dentro das diretrizes já traçadas, conclamo todas as forças democráticas para um esforço conjunto, a fim de

superar as posições irreduzíveis, evitar o retorno a querelas estereis e radicalismos divisionistas. Só pelo diálogo, a negociação leal, flexível e objetiva, será possível estabelecer em nosso País uma sociedade politicamente livre, economicamente forte e socialmente justa.

Aos novos Governadores, que dentro de poucas horas virão compartilhar comigo as responsabilidades executivas e os compromissos com a Nação, os meus votos de pleno êxito e serena condução dos destinos de seus Estados.

Aos Senhores Ministros, que me vieram testemunhar seu apreço e sua confiança, os meus agradecimentos e o meu abraço.

Muito obrigado.

31 DE MARÇO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA PE-  
LA PASSAGEM DO DÉCIMO-OITAVO  
ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO

Brasileiros:

Grande parte de nosso povo não viveu as circunstâncias que deram origem ao movimento revolucionário de 31 de março de 1964. Muitos ainda não tinham idade para avaliar o que então acontecia em nosso universo político; outros vieram ao mundo posteriormente. Para que se tenha idéia de quanto mudou daquele acontecimento aos dias de hoje, a dimensão demográfica do Brasil, basta dizer que, nesses dezoito anos, nossa população aumentou em quase cinquenta milhões de pessoas.

Esses compatriotas, que por si sós, poderiam formar uma grande nação precisam tomar consciência, se ainda não o fizeram, do quadro caótico em que, nos idos de março, se pretendia, calculada ou levemente, mergulhar o País. Por inércia e incapacidade, os responsáveis pela administração pública, na órbita federal, haviam reduzido ao completo descabro o sistema econômico e financeiro. As atividades produtivas, viviam em permanente sobressalto diante da instabilidade do mer-

cado e da ameaça crônica de novas paralisações do trabalho, advindas dos comandos de greve, encorajados, abertamente, pelo beneplácito oficial. A desordem financeira campeava livremente incutindo na sociedade um sentimento de insegurança não distante do pânico. Os jovens da época não encontravam, nesse contexto, meio seguro de traçar seus caminhos e de planejar seu futuro.

Esse desastre econômico e social se abatia sobre o Brasil justamente numa época em que a situação internacional era de relativa paz e prosperidade, com o petróleo cotado a dois dólares por barril, e sem que nenhum fato externo influísse negativamente sobre o que aqui dentro sucedia.

A fraqueza do Executivo, a que não era estranha sua esperança de recolher benefícios da desordem, propiciava a instalação, em vastos setores da vida nacional, de perigoso clima de anarquia. A pregação da esquerda radical e dos demagogos, secundada pela dos porta-vozes de interesses espúrios, aproveitava a situação para fomentar a indisciplina nos meios estudantis, operários, e até militares. Tramava-se, de modo aberto, progressivo e rápido, a subversão das instituições, enfraquecidas pelo tumulto administrativo, social e político. A grave crise institucional, que ameaçava as estruturas do Estado chegava ao seu ponto culminante, quando as classes armadas, com o apoio inequívoco da Nação, se opuseram, mediante decisão histórica, à derrubada da ordem constitucional e democrática.

A restauração da ordem jurídica constituiu o objetivo primeiro do movimento revolucionário. Não quis este sair da legalidade. Se a quebrou, inicialmente, foi para resgatá-la, impedindo que submergisse sob a avalanche subversiva. Ao invés de renegar o regime democrático,

quis defendê-lo dos que lhe maquinavam a ruína. Além de repor o Brasil na normalidade constitucional, cuidou a nova ordem política de reimplantar a austeridade nos costumes administrativos, de sanear as finanças públicas, de retomar a arrancada no sentido do desenvolvimento econômico, de modernizar o País, de atender às exigências da justiça social.

Só a insinceridade política poderá negar o êxito que os governos posteriores ao movimento de março vêm obtendo na sua política reformista. Os melancólicos e os negativistas continuarão a dizer que as coisas vão mal. Mas a realidade mostra que nunca se fez tanto pelo povo e pelo País que figura hoje, graças ao salto desenvolvimentista dos últimos anos, entre as oito maiores potências internacionais. As pregações de caráter humanista jamais alcançaram tamanho vulto, nunca se estenderam a tão grande número de pessoas. Não é exagero afirmar que, hoje a quase totalidade dos brasileiros se acha diretamente protegida pelos serviços assistenciais do Estado. A tutela do trabalhador, sobretudo no que diz com o salário, nunca se exerceu com mais energia e eficácia. A ação do poder público, em defesa dos economicamente fracos, só encontra limites no que é racionalmente impossível.

A sabedoria universal ensina que, quando a proteção governamental aumenta, multiplicam-se as reivindicações populares. Talvez por isso a experiência também adverte que os estadistas e políticos, em todas as democracias, têm que deixar de *prometer o céu*. De minha parte, jamais o prometi, visto que, para tanto, não bastam as forças humanas. Não hesito, porém, em dizer que, embora lutando contra essa crise que o Mundo inteiro enfrenta, e dentro da qual chegamos a pagar quarenta dólares por barril de petróleo, tenho ajudado a le-

var o Brasil, em matéria de progresso social, a um ponto jamais alcançado antes.

Tenho honrado, por igual, o compromisso que está na raiz do movimento de março, com a lei e a constituição. Obedeço, fielmente, à sua inspiração democrática, quando garanto fazer deste País uma democracia. Forma racional de convivência, a democracia supõe que ninguém é dono da verdade; baseia-se no princípio de que o consenso resulta de diálogo travado segundo os moldes da argumentação e da arte de persuadir; funda-se em que, não havendo consenso, a decisão se toma por maioria, assenta na boa-fé e cortesia entre os interlocutores; exige, como regra elementar, o respeito ao adversário; prega a moderação e a tolerância entre as parcialidades.

A democracia de certos dirigentes oposicionistas não é, no entanto, a democracia do diálogo, da moderação e da tolerância. É, pelo contrário, a democracia da agressão e da incontinência. É a democracia dos que, pondo de lado a racionalidade do diálogo, se comprazem na aspereza verbal, na deformação dos fatos, na omissão do respeito devido, por todos os títulos, ao Chefe-de-Estado.

Há quem diga que esses desmandos são defeitos da democracia e que tais defeitos, segundo conhecida sentença, se curam com mais democracia. Suportaria, pois, com tranquilidade, os abusos de linguagem de que tenho sido alvo, se essa frase tivesse o beneplácito geral. A ela se contrapõe, no entanto, e com razão, o princípio de que a cura dos males da democracia não é mais democracia, porém mais inteligência.

Ricos em substância cinzenta, podem, assim, os adversários do Governo, se quiserem, mudar o estilo da

sua democracia, para torná-la mais coerente com o interesse das instituições que desejam aperfeiçoar.

No momento em que entramos na fase mais acesa da luta pré-eleitoral, não é demais lembrar que a Nação, como ficou demonstrado em 31 de março de 1964, quer a tranqüilidade da ordem, exige a conciliação da liberdade com a segurança, repudia as maquinações da esquerda radical, está disposta a defender, intransigentemente, a cidadela da democracia liberal, da democracia pluralista, da democracia econômica, da democracia social, da democracia humanista, da democracia autenticamente brasileira, que estamos construindo, e de cujo caminho nada me desviará.



08 DE ABRIL  
REAL FORTÉ DO PRÍNCIPE DA BEIRA  
MUNICÍPIO DE COSTA MARQUES-RO  
DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA  
AO REAL FORTÉ PRÍNCIPE DA BEIRA

Brasileiros:

Dois séculos transcorreram desde que nossos antepassados, brasileiros e portugueses, concluíram a construção deste Forte do Príncipe da Beira.

Foram anos de trabalhos árduos. Estas muralhas testemunham hoje a tẽpera dos seus construtores. Refletem a vontade fẽrrea, a determinaçãõ inabalãvel que os animaram para enfrentar os desafios e as adversidades resultantes da enormidade das distãncias, da agressividade da floresta e dos animais selvagens, do desgate físico provocado pelas doenças e das investidas do opoente externo.

Cessadas as ameaças externas, contra as quais se erge, o Forte do Príncipe da Beira esteve por longos anos desguarnecido. Abandonado, a floresta chegou a apagã-lo do conhecimento e da memória nacionais. Gerações de brasileiros ignoraram sua existẽncia, atẽ que, em

1914, Cândido Rondon o reencontrasse. De 1930 para nossos dias, o Exército Brasileiro voltou a guarnecê-lo. E, hoje, iniciamos sua restauração.

Para restaurá-lo, não contamos somente com recursos governamentais. As obras receberão também doações e contribuições de empresas particulares, da comunidade, porque não visamos apenas a preservar um belo monumento de arquitetura militar. A restauração desta fortaleza encerra um sentido maior de homenagem de toda a Nação, emocionada, à fibra, à coragem, à determinação daqueles homens heróicos, anônimos, que há duzentos anos a construíram.

Homenagem que se estende até os dias de hoje a tantos quantos, integrando nossas Forças Armadas, guarneceram e guarnecem estras fronteiras:

- a mesma fibra dos que para aqui vieram;
- a mesma coragem dos que aqui nasceram;
- a mesma determinação de todos nós brasileiros.

Este forte é um símbolo marcante do quanto pode a vontade coletiva. A persistência dos homens que realizaram esta obra em meio a tantas dificuldades é explicada pela grandeza dos objetivos que os inspiraram: preservar a integridade do Território, garantir a segurança e tranquilidade para que nosso povo pudesse trabalhar e produzir em paz.

O Forte cumpriu esses objetivos.

Sua história nos renova uma lição. A segurança, a tranquilidade, a prosperidade não se obtêm sem esforço, sem sacrifícios, sem confiança, sem integração da vontade coletiva. Os desbravadores que aqui chegaram e aqui erigiram esta obra monumental sabiam que não os esperavam conforto e facilidades. Os homens que construíram Príncipe da Beira tinham têmpera e disposição

de arrostar sacrifícios para assegurar seus ideais. Sabiam o que queriam. Não recuavam diante de obstáculos.

Esses homens são antepassados nossos. Deles provém o sangue que corre em nossas veias. Suas vivências, suas crenças, suas convicções constituem o legado atávico de nossa formação nacional. Eles acreditaram em um país forte, livre, onde se pudesse viver e prosperar em paz.

E nós, seus descendentes, seus herdeiros, o que queremos? Em que acreditamos? Em que pátria desejamos viver? Que pátria queremos para nossos filhos?

Sem dúvida uma pátria na qual, a cada cidadão esteja assegurado acesso pleno, justo e igual a todos os fatores e oportunidades de realização pessoal, material e espiritual. Uma pátria na qual cada cidadão, com base no próprio esforço e trabalho, possa beneficiar-se da prosperidade coletiva. Uma pátria na qual, se alguém se mantiver à margem dos benefícios e dos frutos do progresso, que o seja por falência de sua própria iniciativa, e não em consequência de injustiças institucionalizadas. Uma pátria na qual o instrumento de conquista desses objetivos maiores seja o esforço integrado em busca do consenso e não a ação perturbadora de grupos minoritários de agitadores e irresponsáveis.

Um país sólido, uma sociedade justa, uma nação próspera, enfim. Mas não a faremos, nem a preservaremos com lamúrias, com queixumes, com desunião. Esta Pátria próspera, justa, aberta a quantos queiram trabalhar com disciplina e afinco, só se atinge com o esforço permanente e coletivo, com a coesão de toda a sociedade.

Se temos expectativas e aspirações sempre maiores e mais elevadas, que sejam elas fatores de inspiração posi-

tiva. Não podemos permitir que o fato de existir ainda uma distância a nos separar do País que desejamos seja elemento gerador de desânimo, de ceticismo, de descrença e de frustração.

O Brasil será o que nós quisermos que seja e o que tivermos capacidade de construir.

Enquanto lutamos, no campo externo, para superar os entraves que retardam e prejudicam o crescimento e a prosperidade econômica de todos os povos do Mundo, impõe-se alcançar e manter, internamente, a união e a integração de propósitos.

Deste Forte, deste bastião resistente, deste longínquo recanto da Pátria, conclamo todos os brasileiros a um esforço conjunto de restauração da confiança em nós mesmos. Conclamo todos a dizerem «Basta!» a quantos nos querem cobrir de desânimo, de descrédito, de ceticismo.

Dificuldades econômicas, crise passageira, deficiências, erros humanos, se vencem com união, com vontade coletiva, com determinação conjunta.

Esta não é hora para debates estéreis e polêmicas institucionais. Nossas instituições básicas aí estão, livres e democráticas.

O projeto político que me impus será levado a termo. Desejo que um processo sucessório tranquilo, rigorosamente pautado nas normas constitucionais vigentes, com participação e apoio da classe política, seja a pedra-de-toque da consolidação definitiva da normalidade democrática no País. Isto ocorrerá a tempo e a hora. Todos os outros interesses e ambições devem subordinar-se a esse objetivo maior que exorto todos a me ajudarem a conquistar no plano político.

Simbolicamente iniciamos hoje a restauração deste imponente Forte do Príncipe da Beira.

É preciso que possamos também operar a restauração do clima político no País.

Para vencer as dificuldades presentes, não podemos permitir que se liberem os ventos da discórdia. É essencial que, pelo exemplo do equilíbrio e da moderação, a classe política restaure e preserve a confiança do povo brasileiro na funcionalidade das instituições democráticas, em sua eficácia como instrumento de promoção da prosperidade e da felicidade de cada cidadão.

Não me deixo guiar por ambições ou objetivos pessoais. Se os tenho, são apenas os de cumprir a promessa de fazer deste País uma democracia. Por isso, não prego a união e a integração de esforços pensando em preservar-me. Penso exclusivamente no interesse maior de nosso povo.

Asseguradas a tranqüilidade e a harmonia internas, teremos clima para lutar e trabalhar para restabelecer a prosperidade e o desenvolvimento, para dominar os flagelos da inflação e do desemprego, para levar adiante os programas da área social — habitação, educação, saúde, alimento para todos.

Possa o exemplo dos que construíram este Forte, em pleno coração da América Tropical, inspirar-nos para que nunca nos afastemos do caudal mais profundo da vontade nacional, tão bem expressa na solidez destas centenárias muralhas.

Muito obrigado.



09 DE ABRIL  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO DIRIGIDO AO POVO BRASI-  
LEIRO ATRAVÉS DE REDE NACIONAL  
DE RÁDIO E TELEVISÃO

Brasileiros:

Briga com o processo de abertura a explosão de violência que o País acaba de testemunhar. O sistema democrático, em cujo aperfeiçoamento povo e Governo se acham empenhados, oferece meios pacíficos e civilizados para a defesa de quaisquer interesses, pretensões ou direitos. Os atos de vandalismo, que alarmaram a Nação, atentam, antes de tudo, contra a ordem democrática, que nos cumpre preservar.

A consciência nacional repele e condena severamente os desatinos perpetrados contra a ordem e a segurança pública.

Ninguém ignora a amplitude e a profundidade da crise que o Mundo enfrenta. Ninguém desconhece que o desequilíbrio reinante impõe sacrifícios sem precedentes. Saímos da prosperidade para entrar na recessão. Deixamos período de euforia econômica para ingressar em períodos de restrições e de ansiedade, da qual compartilho.

Para remediar essa situação, todos os recursos foram mobilizados. Se me perguntarem, no entanto, se estou inteiramente satisfeito com os resultados obtidos, direi também que, apesar da magnitude das dificuldades que nos assoberbam, não há razão para desânimo. Estou seguro, pelo contrário, de que, dentro da ordem, com a colaboração e solidariedade de todos os brasileiros, poderemos vencer a batalha travada para superar os problemas do momento.

Guiado pelo dever do meu cargo, que é o de promover o interesse coletivo, prosseguirei, com as correções e ajustamentos necessários, na realização das diretrizes que estabeleci ao assumir a Presidência da República.

Disposto a ouvir e examinar as reivindicações que se formularem, não tolerarei, contudo, que estas, a qualquer pretexto, se traduzam em atos de violência ou perturbação da ordem e da tranqüilidade pública. A democracia é diálogo em que deve prevalecer o teor racional dos argumentos. Nela não há lugar para razões apoiadas na truculência do arbítrio e da força. A abertura democrática constitui processo de reforma gradual e pacífica da sociedade: não é licença para a subversão da ordem e das instituições.

14 DE ABRIL  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
DISCURSO DIRIGIDO AO POVO BRASI-  
LEIRO ATRAVÉS DE REDE NACIONAL  
DE RÁDIO E TELEVISÃO

**Brasileiros:**

Os trabalhadores foram os mais atingidos pelo impacto da crise econômica mundial sobre o nosso País.

A assistência às categorias profissionais mais necessitadas é dever fundamental do Governo.

Mas é também dever primordial de toda a sociedade.

Esse dever constitui imperativo de solidariedade que atinge a todos.

Em nome desse dever de solidariedade, e preocupado com os efeitos da crise, criei no ano passado o FINSOCIAL.

Mediante o FINSOCIAL, o Governo pode obter, das empresas, vultosa contribuição para beneficiar as camadas mais pobres dos trabalhadores brasileiros.

Nesse programa, o Governo Federal encontra processo eficaz de redistribuição de renda.

A redistribuição é direta, pois os recursos do FINSOCIAL são aplicados no fornecimento de alimentação, casas, escola e assistência médica para os brasileiros mais necessitados.

Ao lado desse efeito distributivo, o programa acarreta também benefícios indiretos, pois aumenta a oferta de empregos nesses setores.

No ano passado, autorizei a liberação de recursos do FINSOCIAL no valor de setenta e dois bilhões de cruzeiros.

Agora, acabo de liberar mais duzentos e cinquenta bilhões para a distribuição de alimentos, a construção de moradias e escolas, a execução de programas educacionais, de saúde e de apoio ao pequeno agricultor.

Esta é a primeira parcela autorizada no corrente ano. Outra parcela, de montante equivalente, será liberada mais adiante, ainda em 83.

Sei que esses recursos, conquanto elevadíssimos, não são suficientes, tal o vulto do que é preciso realizar no campo assistencial. Mas esse investimento melhora a situação de milhares de brasileiros e diminuirá as aflições dos trabalhadores que, em consequência, encontrarão emprego.

A dívida social do País, que é imensa, não pode ser resgatada de um só golpe.

Mediante providências sucessivas e profundas, como essas possibilitadas pelo FINSOCIAL, o Governo caminha no sentido de dar resposta às reivindicações da sociedade.

Conheço as dificuldades que tenho pela frente.

Avalio os esforços e sacrifícios para vencê-las.

Estou certo, porém, que a vontade nacional de superar tais dificuldades é tão firme e decidida como a que me anima.

Apoiado nessa vontade, que é preciso mobilizar, para a solução de nossos problemas econômicos e sociais, só tenho razão para estar confiante no futuro do País.

Muito obrigado.



26 DE ABRIL  
AEROPORTO INTERNACIONAL  
CANCÚN-MÉXICO  
DISCURSO AO DESEMBARCAR EM  
CANCÚN/MÉXICO

Excelentíssimo Senhor Presidente Miguel de la Madrid:

A fraterna acolhida que estamos recebendo é motivo, para mim e para os que me acompanham, da maior alegria e da mais viva emoção.

O gesto generoso de Vossa Excelência, ao oferecer este maravilhoso recanto do Caribe mexicano para a realização de minha visita, é agora multiplicado pelas manifestações de carinho e de amizade que unem brasileiros e mexicanos.

Penso interpretar o sentimento de nossos povos ao afirmar que este momento prenuncia os resultados que surgirão de nossas conversações e das que manterão os nossos colaboradores.

O Brasil e o México cumprem trajetória segura de aproximação e diálogo, que se reflete no número de visitas de alto nível ocorridas nos últimos anos e no vasto arcabouço jurídico que molda o relacionamento bilateral.

A harmoniosa e a intensa cooperação que nossos governos vêm mantendo espelha a vontade de construir um relacionamento que concorra de forma significativa para a manutenção do nosso esforço de desenvolvimento.

O Brasil aguarda com entusiasmo os resultados de nosso encontro. As possibilidades reais de não apenas retomarmos níveis anteriores de comércio e cooperação, mas elevá-los a patamares compatíveis com as necessidades do momento são a melhor perspectiva para o conagraçamento entre mexicanos e brasileiros.

Senhor Presidente,

Distinguiu-me Vossa Excelência com a oportunidade de ser o primeiro mandatário estrangeiro a visitar oficialmente o México, a poucos meses de iniciado seu governo. Vejo, nesse gesto, mais do que a disposição de estreitar adicionalmente a amizade entre nossos países, a expressão da vontade política de demonstrar a forma positiva e realista que deve assumir a cooperação entre nações em desenvolvimento, em momento no qual nossos povos confiam na perseverança de seus governantes na promoção do progresso e do bem-estar social.

A recepção com que nos honram Vossa Excelência, os demais membros de seu governo e o povo amável desta bela e histórica região é a prova mais completa do acerto de nossa visita. Seja ela o marco da amizade confiante que, em conjuntura internacional desfavorável, mas ao mesmo tempo tão propícia à busca de novos caminhos, une nossos povos e há de conduzi-los na trilha do progresso e da paz.

Muito obrigado.

27 DE ABRIL  
HOTEL EL PRESIDENTE  
CANCÚN-MÉXICO

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR  
OFERECIDO PELO PRESIDENTE DO  
MÉXICO, SENHOR MIGUEL DE LA MA-  
DRID

As palavras de Vossa Excelência, a generosidade e o espírito fraterno que as inspiram sensibilizam-me vivamente e a todos os brasileiros aqui presentes. A calorosa hospitalidade mexicana e o cenário paradisíaco de Cancún ficarão indelevelmente fixados em nossa memória.

Realça o prazer deste momento a expectativa de que minha visita possa contribuir para o fortalecimento de nossa amizade, para melhor compreensão de nossos objetivos e para uma aproximação ainda maior entre mexicanos e brasileiros.

Senhor Presidente,

Os latino-americanos aprendemos a apreciar e admirar a experiência do México. Sua capacidade de aliar o respeito às tradições a dinâmico processo de modernização, bem como de preservar sua identidade cultural e de reafirmá-la, a cada instante, num contexto histórico que se renova constantemente, encerra valiosas lições que não nos cansamos de admirar.

Pujante pelas suas riquezas, pelas suas imensas potencialidades, pelo valor de sua gente, o México se projeta no cenário internacional como força criativa, a serviço da equidade, do equilíbrio e da justiça.

Seu papel, sempre destacado, assume especial relevo no momento presente, em que o sistema internacional, vergado ao peso das hegemonias, busca soluções satisfatórias para os mais fundamentais problemas da Humanidade, políticos ou econômicos, e procura novas fórmulas de convivência entre as nações de diferentes culturas, regimes políticos e níveis de desenvolvimento econômico.

O México faz-se presente no debate de todas as grandes questões internacionais, contribuindo com seu espírito criativo e conciliador para a paz e o entendimento entre as nações. Quando de sua posse como Presidente, Vossa Excelência sublinhou este traço da política exterior mexicana ao afirmar: «el aislamiento no es sólo anacrónico, sino imposible la cooperación entre pueblos libres es el único camino para la paz en un mundo interdependiente»...

Ao investi-lo no supremo mandato presidencial, a nação mexicana reconheceu as qualidades de liderança, a lucidez do pensamento, a ampla experiência acadêmica, política e administrativa, que fazem de Vossa Excelência figura exemplar do México moderno.

Os princípios que norteiam seu governo — o nacionalismo revolucionário, a democratização integral, a renovação da sociedade, a descentralização e o planejamento democrático — espelham os valores e aspirações do povo mexicano. A fidelidade com que sabe interpretá-los e traduzi-los em ação consolida a incontável liderança exercida por Vossa Excelência e destaca,

aos olhos da comunidade internacional, o perfil do condutor político e do estadista.

Senhor Presidente,

Vive o Mundo momentos difíceis, pela conjunção de profunda crise econômica com o acirramento das tensões políticas, em nível global e regional. Numa conjuntura extremamente desfavorável, o Brasil e o México desempenham importante papel quando reafirmam, nos mais diversos foros e nas mais variadas oportunidades, sua adesão ao diálogo e ao processo de cooperação.

Essa atitude é particularmente necessária nestes tempos em que a Humanidade se vê ameaçada pela desordem do sistema produtivo, pela diminuição do comércio internacional e pela queda dos níveis de bem-estar.

O desequilíbrio crescente entre países em desenvolvimento e países desenvolvidos requer ação imediata, não apenas porque representa flagrante injustiça, mas porque afeta o progresso de toda a Humanidade, transformando-se em fator de entorpecimento das economias dos próprios países desenvolvidos.

Os países em desenvolvimento não podem arcar com o peso maior da presente crise, já porque não são os principais responsáveis por ela, já porque carecem de estrutura e meios para superá-la. Sujeitar-nos aos sacrifícios maiores impostos pelo desajustamento internacional representa grave risco, até mesmo para os que se crêem, de forma ilusória, beneficiários das estruturas vigentes.

O equilíbrio e a austeridade não podem ser obtidos à custa do crescimento econômico, nem da asfixia do aparelho produtivo, dos quais dependem o bem-estar e a estabilidade social de nossas populações. Não podemos

aceitar a queda indefinida dos níveis do comércio internacional e do intercâmbio que a duras penas soubemos criar entre os países em desenvolvimento. A sustentação do crescimento de nossas economias é fator importante para o relançamento da economia mundial em bases duradouras.

Esforços unilaterais e descoordenados não nos levarão à recuperação. Se a interdependência é real, é preciso reconhecê-la em toda sua magnitude e em todos os seus desdobramentos.

Não será estável ou eficaz o sistema econômico internacional enquanto tantas de suas partes estiverem submersas na incerteza e assoladas por males de toda índole.

Os países em desenvolvimento aguardam ansiosamente os sinais da disposição das nações desenvolvidas de procurar soluções globais para a crise atual. A presença entusiasta e o espírito de conciliação, com que representantes do Mundo em desenvolvimento acorreram à Reunião de Cancún, demonstraram o muito que se poderia fazer no âmbito Norte-Sul, se houvesse compreensão para o verdadeiro sentido desse diálogo e vontade política para conduzi-lo a seus objetivos.

Da Reunião de Cancún até hoje, lamentavelmente, o diálogo entre Norte e Sul só regrediu. A crise prosseguiu seu doloroso trajeto, passando de comercial a financeira, em eloqüente testemunho da interrelação entre os diversos aspectos do sistema econômico global e da fragilidade dos mecanismos de cooperação multilateral.

Para o bem de todos, é premente a tarefa de soerguer a cooperação internacional para o desenvolvimento, em particular pelo esforço das instituições financeiras e pela abertura de espaços, nos mercados internacio-

nais, aos produtos exportados pelos países em desenvolvimento.

É evidente que a organização da vida econômica internacional, traçada pelo grande esforço de reconstrução, empreendido após a Segunda Guerra Mundial, exige profundo estudo crítico com vistas à sua adaptação a novas realidades e a momento histórico diverso. É preciso que as nações desenvolvidas e as nações em desenvolvimento tenham a humildade e a coragem de reconhecer as falhas e insuficiência do atual sistema e de buscar, em novos mecanismos ou em novas instituições, os instrumentos do equilíbrio, do progresso e do bem-estar da Humanidade.

Senhor Presidente,

A transferência de tensões para os países do Terceiro Mundo perturba os esforços para resolver os problemas que pesam sobre os povos desses países.

A generalização das tensões bloqueia o diálogo e cerceia as iniciativas mais construtivas, voltadas para a constituição de uma ordem internacional justa, mediante o revigoramento dos princípios da autodeterminação dos povos, igualdade soberana dos Estados e não-ingerência.

A situação na América Central é prova concreta da necessidade de uma nova ordem internacional. Palco de convulsões cujas causas se encontram na História, em estruturas economicamente desequilibradas e socialmente injustas, a região não pode ser considerada apenas pelo ângulo de confrontação ideológica ou no recurso a soluções de força.

Agora que propostas de paz e conciliação estão formuladas, é urgente criar condições para que os países centro-americanos possam soberanamente engajar-se no esforço para deter a violência e a destruição. Para isso,

poderão eles contar com a solidariedade de todos os seus irmãos latino-americanos.

É rica a tradição de nossa região na solução pacífica de controvérsias e na consideração prudente e hábil, madura e eficaz de problemas políticos. Julgo que a crise centro-americana muito poderia beneficiar-se de um esforço amistoso e coordenado principalmente por países latino-americanos que, em virtude de seus contratos mais intensos e sua proximidade geográfica, possuem melhores condições de contribuir para o encaminhamento de soluções adequadas quanto aos problemas da América Central. Exorto, pois, os países centro-americanos a juntarem sua experiência e capacidade de negociação às de países como o México, a Venezuela, a Colômbia e o Panamá para o exame franco, leal e lúcido das maneiras de ultrapassarem esta crise.

Não tenho ilusões quanto à complexidade dos problemas nem quanto à carga de antagonismos que tornam essa tarefa politicamente árdua. Não vejo, porém, alternativa ao exercício incansável do entendimento e do diálogo. Os homens e mulheres da América Central estão fartos da violência. Clamam pela paz edificada sobre a justiça; paz que abra caminho ao progresso econômico e ao aperfeiçoamento social; paz acompanhada de garantias efetivas de não-intervenção, de segurança das fronteiras, de respeito aos direitos humanos, de preservação da democracia representativa e pluralista.

Senhor Presidente,

Está o Brasil empenhado num gigantesco esforço de transformação, que visa ao bem-estar e à prosperidade do povo, no quadro de uma democracia social, baseada no respeito aos direitos e na livre iniciativa.

A realização de nossos objetivos reclama clima internacional propício à paz e ao desenvolvimento.

A força e a tradição do relacionamento do Brasil e México, a capacidade imaginativa de nossos povos, nossas tradições comuns, as vicissitudes da conjuntura, a semelhança de nossa visão da ordem internacional e das medidas para aperfeiçoá-la conduzem à intensificação do nosso relacionamento bilateral. O programa é claro: estreitar as relações bilaterais no campo econômico como instrumento para atenuar os efeitos da crise; buscar fórmulas novas, sem preconceitos, nas áreas que se abrem para a cooperação bilateral; dar peso maior ao diálogo político; numa palavra, criar novo horizonte diplomático entre os dois países, que constitua resposta adequada ao desafio do nosso tempo.

Tenho certeza de que estamos à altura desse desafio.

Em anos recentes, México e Brasil se beneficiaram pela trajetória segura de aproximação e diálogo, intensificados por visitas e contatos do mais alto nível.

Ampliou-se o intercâmbio econômico e novas áreas de cooperação se estabeleceram. Laços de complementaridade se criaram entre setores produtivos. Nossos produtos primários são intercambiáveis.

Nossa balança comercial ultrapassou, em 1981, a casa de um bilhão de dólares, mais do que decuplicando as marcas do último decênio.

Se hoje esse intercâmbio está prejudicado por fatores alheios à vontade dos nossos países, cumpre-nos retomar os níveis anteriores, mediante formas criativas e sistemáticas.

A recuperação dos níveis do comércio bilateral, além de demonstrar a capacidade mexicana e brasileira de enfrentar dificuldades, servirá de exemplo das possi-

bilidades de intercâmbio entre países em desenvolvimento.

Cabe-nos igualmente impulsionar a cooperação técnica, a formação de recursos humanos e o intercâmbio cultural e científico, assim como fazer pleno uso da importante estrutura jurídica que alicerça nosso relacionamento.

Esse esforço de entendimento bilateral se complementará com a decisão de intensificar o já existente diálogo político entre nossos países. Acolhi com satisfação sua proposta de instituir um mecanismo de consultas sobre temas de nosso interesse recíproco. Aperfeiçoaremos, dessa forma, nossa compreensão das questões que nos afetam diretamente e ao nosso Continente.

Senhor Presidente,

Temos muito a fazer. Num tempo de crise, nossa tarefa se coloca sob o signo da urgência.

A superação da crise far-se-á pela conquista de novos equilíbrios, baseados em crescente respeito aos valores fundamentais da Humanidade, entre eles a preservação das identidades culturais e nacionais.

Animado pelo espírito de amizade, admiração e confiança a que preside minha estada no México, convido todos os presentes para que se unam a mim num brinde à prosperidade da Nação mexicana, à amizade e cooperação entre nossos povos e à saúde e felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora de la Madrid.

28 DE ABRIL  
HOTEL CANCÚN-SHERATON  
CANCÚN-MÉXICO

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR  
OFERECIDO AO PRESIDENTE DO MÉ-  
XICO, SENHOR MIGUEL DE LA MA-  
DRID

Grata é a oportunidade de manifestar a Vossa Excelência, ao Governo e ao povo mexicano meu reconhecimento pela recepção fraterna e calorosa que tivemos — eu, minha mulher e minha comitiva — nesta agradável visita ao México. Guardaremos lembrança indelével da simpatia e do carinho dos mexicanos.

Levo, ademais, a experiência enriquecedora das conversações que tive a oportunidade de manter com Vossa Excelência e a estimulante certeza de que nossos entendimentos contribuirão para estreitar as relações entre nossos países e aproximar ainda mais os povos mexicano e brasileiro.

Na riqueza e multiplicidade da América Latina, destaca-se o México pela nitidez de seu perfil cultural, pela fidelidade a suas tradições, pela capacidade de revivê-las em contextos históricos renovados e de compatibilizá-las com um constante processo de modernização. O México é um país em que o desenvolvimento não desfigurou o caráter nacional, nem afetou a notável criatividade de seu povo, traduzida na riqueza do seu

pensamento, das letras e das artes, na pujança de sua expressão erudita ou na multiplicidade de suas criações populares.

Desde a Independência, a história mexicana tem sido um processo de inovação e um exemplo de tenacidade na busca do aperfeiçoamento das estruturas sociais e políticas. Os heróis e os próceres mexicanos iluminam toda a história latino-americana. As lendárias figuras dos chefes astecas — cujo heroísmo e determinação Montezuma personifica — são constante inspiração para os ideais de liberdade, justiça e dignidade tão caros à América. Liberdade, justiça e dignidade protagonizadas, em sua máxima dimensão, por Juárez, o reformador de origem humilde, grandioso na antevisão da modernidade da sua Pátria.

O último decênio registrou crescente aproximação entre o México e o Brasil, fruto do sistemático esforço de nossos governos, da natural inclinação de nossos povos e das condições e circunstâncias que nos tornam parceiros naturais em múltiplos campos.

Almejando um relacionamento caracterizado pelo equilíbrio, igualdade e mútuos benefícios, busca a diplomacia brasileira identificar todas as oportunidades de cooperação. Essa política alcança, naturalmente, seus mais expressivos resultados no Continente e contempla o México com especial atenção.

O México e o Brasil se assemelham nas propostas anti-hegemônicas de sua política externa, no repúdio a pretensões da liderança, à formação de eixos ou blocos e à manipulação de tensões.

Valorizando esta identidade de pontos-de-vista, México e Brasil têm sabido, com inteligência e denodo, ampliar e aprofundar suas relações.

Em anos recentes, desenhou-se o quadro institucional que dá apoio ao desenvolvimento de importantes esquemas de cooperação econômica e industrial entre os nossos países.

Nesta oportunidade, os mecanismos de cooperação bilaterais foram acrescidos de novo instrumento, que tornará mais sistemáticos e eficazes os nossos contatos e consultas, no domínio dos assuntos de política internacional.

Senhor Presidente,

É auspicioso o fato de minha visita se realizar nesta cidade. Cancún é símbolo e exemplo para todos os países em desenvolvimento. Símbolo por ter sido, graças ao entusiasmo e esforço do México, palco do debate de mais alto nível no âmbito do Diálogo Norte-Sul, em torno da necessidade de uma ordem internacional mais justa e equitativa. É exemplo porque representa, com sua beleza natural e a audácia do seu projeto urbanístico, a capacidade dos mexicanos de conciliar a construção de um maravilhoso centro turístico com as necessidades de desenvolvimento de uma região hoje plenamente integrada na vida desta Nação corajosa e perseverante.

Senhor Presidente,

As qualidades pessoais e de homem público, que lhe asseguram um papel de destaque na História do México, reservam igualmente a Vossa Excelência lugar não menos importante na História do nosso Continente e das relações de cooperação entre os países em desenvolvimento.

Como testemunho da amizade do povo brasileiro, tenho a honra de condecorá-lo com o Grande Colar do Cruzeiro do Sul. É também um prazer entregar as

insígnias da Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul à Senhora de la Madrid.

Senhor Presidente,

Peço a todos que me acompanhem em um brinde ao grandioso futuro da Nação mexicana, à continuação dos sólidos laços que unem os povos de nossos países e à saúde e felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora de la Madrid.

03 DE MAIO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
IMPROVISO AO RECEBER ALUNOS DA  
ESCOLA BASE DO GAMA

Eu queria agradecer a vocês terem vindo aqui fazer uma visita para mim. Nada me é mais agradável do que estar entre crianças. Eu sou um velho mas tenho também espírito de criança.

Agradeço as palavras generosas que a sua professora acabou de pronunciar, a oferta que o Marcelo me fez de Título Honorário da Associação de vocês, como também agradeço as palavras da representante da classe. Eu prometo que na primeira oportunidade vou visitar a cidade de vocês e lá terei ocasião, então, de rever novamente cada um.

Quanto às duas perguntas que me foram feitas: a primeira, se quando eu era pequeno eu pensava em ser Presidente? Não. Quando eu era pequeno eu pensava apenas ser soldado de cavalaria para montar cavalo, para jogar laço, para brincar de mocinho e bandido. Esse era o meu sonho dourado quando eu era pequeno. Depois, ela me perguntou se era difícil ser Presidente. É difícil. Mas quando fica muito difícil mesmo, e a gente

não está encontrando jeito de agüentar, acontece uma coisa como esta: vêm umas crianças aqui me visitar e então eu acho que a coisa já fica mais fácil. Por isso eu peço a vocês que, sempre que puderem, venham me visitar aqui para que a coisa fique mais fácil para mim.

Muito obrigado a vocês. Agradeço muito as orações que vocês fazem por mim. Podem ter a certeza de que as minhas orações também serão para vocês.

Muito obrigado.

13 DE MAIO  
GINÁSIO PRESIDENTE MÉDICI  
BAGÉ-RS  
DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA À  
CIDADE

Excelentíssimo Senhor Governador Jair Soares;  
Senhores Parlamentares,  
Autoridades Municipais,  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Eu desejo agradecer a calorosa manifestação que acaba de me proporcionar o povo desta terra. E ao fazer este agradecimento, eu peço ao Azambuja, às autoridades do Município, a todos os que aqui estão presentes que transmitam a toda a população do Município os meus agradecimentos pela maneira com que me receberam.

Só por estes momentos que aqui passei, os sacrifícios, as decepções, as injustiças, as tristezas, por que tenho passado com estes quatro anos de governo, só por esses poucos momentos de alegria e emoção, que o povo de Bagé me proporcionou, as decepções e as decepções que sofri durante o meu governo, foram bem recompensadas. Posso garantir ao povo de Bagé que foi necessá-

rio este sacrificio, ele valeu a pena apenas por esses momentos.

Eu tenho a consciência de que não consegui, não estive ao meu alcance, durante esses quatro anos, dar ao povo do meu País, dar ao povo de Rio Grande, dar ao povo de Bagé, a melhoria de condições de vida que eu desejava e que a minha gente almeja e merece.

Mas até isso me serve, também, para dar maior valor para mim este gesto da gente de Bagé. Que também conscientes de que eu nada fiz, ou que pouco fiz, ainda teve a gentileza, a cortezia de me receber como se eu tivesse tido muito sucesso.

Com a volta para Brasília, eu posso assegurar a todos os Senhores, reconfortado e almejando novos sofrimentos, almejando, disse eu, para que momentos como este possam se repetir, porque só com o sofrimento é que se consegue dar valor ao carinho, à amizade e ao amor que todos vocês demonstraram.

Muito obrigado.

16 DE MAIO  
PALÁCIO DO ITAMARATY  
BRASÍLIA-DF  
DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR  
OFERECIDO AO REI DA ESPANHA,  
JUAN CARLOS

Majestade:

Berço de um dos florões mais ricos da cultura europeia, presente, por seus reflexos, em tantos países irmãos, a Espanha é, para os brasileiros, muito mais do que uma nação amiga. A ela nos une infinidade de laços, cujas origens vão encontrar-se nas tradições ibéricas comuns, nas fontes de nosso direito e de nossa história administrativa, na admiração pelas grandes obras das letras, das artes e das ciências hispânicas.

Nosso afeto pela nação espanhola se renova constantemente, graças à íntima e fraterna convivência latino-americana. Na personalidade dos povos vizinhos sentimos a força e a criatividade da cultura espanhola, de sua capacidade de renovar-se, de assimilar as contribuições de outras culturas e de renascer, forte e rica, sob novas formas.

Essa vitalidade não nos é estranha. Manifesta-se nas tradições de uma cultura afim, a lusitana, de que somos

os herdeiros americanos, e na presença, em nosso território, de tantos imigrantes espanhóis e de seus descendentes.

Vieram eles trazer sua contribuição a nossa obra de desenvolvimento nacional. Integrados em nosso esforço, participam de nossas dificuldades, compartilham nossos desafios e oferecem-nos a energia de sua inteligência e de seus braços.

Vossa Majestade é lídimo intérprete dos anseios de todos os espanhóis, o fiador da unidade e da democracia espanhola. Há quase dez anos, em palavras dirigidas ao seu povo, Vossa Majestade afirmou: «todos unidos conseguiremos alcançar para nossa pátria os horizontes de justiça, liberdade e grandeza, merecidos pelo trabalho, o esforço e o sacrifício que com tanta generosidade dependem os espanhóis.» Com satisfação vemos, hoje, que essas palavras se transformaram em realidade.

Já no início de meu governo, tive a honra de receber a visita do então Presidente do Governo espanhol, Adolfo Suárez, acompanhado de importante comitiva. Posteriormente, acolhemos, com prazer, o Ministro do Trabalho e Assuntos Sociais, o Chefe do Estado-Maior da Armada da Espanha e outros ilustres representantes do Governo espanhol.

Por sua vez, vários ministros brasileiros visitaram Madri, onde mantiveram entendimentos que têm impulsionado as relações bilaterais nos mais diversos campos.

A presença de Vossa Majestade entre nós simboliza a vontade da Espanha e do Brasil de aproveitarem as múltiplas oportunidades de aproximação e amizade. A participação, em sua comitiva, do Ministro Fernando Morán Lopes, é eloqüente testemunho do empenho em dar conteúdo denso ao quadro de nossas relações.

A presença de Vossa Majestade entre nós enseja franca e variada troca de opiniões sobre as questões internacionais e bilaterais de interesse de nossos países. O momento é particularmente oportuno, em virtude da crise internacional que vivemos: as vozes do Brasil e da Espanha podem contribuir para o encaminhamento de soluções dos principais problemas que afligem a comunidade internacional.

Majestade,

A busca da prosperidade e da paz é o objetivo, por excelência, da política externa do Brasil e da Espanha. A concretização desse ideal tem sido dificultada nos últimos anos, por empecilhos de toda sorte. Acompanhamos, com apreensão, a crescente deterioração dos padrões de relacionamento internacional, que deixaram de responder às necessidades e aspirações dos Estados e dos povos. A real interdependência política e econômica dos povos não está refletida no sistema vigente de convívio entre os Estados, onde prevalecem tantas vezes a intransigência, a confrontação e a discórdia.

Crises se sucedem em diferentes quadrantes do Globo; conflitos se agravam e se perpetuam ante a frequente inoperância dos mecanismos de solução pacífica das controvérsias.

Mais do que nunca são essenciais o diálogo, o entendimento e a cooperação entre os povos.

O Brasil acredita nos ideais da cooperação internacional, no princípio da igualdade soberana dos Estados, no respeito às particularidades nacionais e regionais. Urge evitar a transposição de conflitos de nível global ao regional, para impedir que se propaguem os focos de tensão.

É preciso criar nova realidade política sem caráter de força ou predomínio. É preciso, sobretudo, comparti-

lhar a responsabilidade da negociação e das decisões, para que se logre a correção de desequilíbrios e injustiças.

Com esse propósito, o Brasil propugna novo ordenamento mundial fundado no consenso e na participação democrática de âmbito universal. Cada Estado tem o direito e o dever de contribuir, na medida de suas possibilidades, para o progresso de todos.

Nenhum país pode pretender, isoladamente, ser o detentor de fórmulas ou receitas para solucionar as dificuldades contemporâneas. O Brasil não é exceção. Não quer fazer discípulos ou seguidores. Exorta, porém, à negociação serena, construtiva e equilibrada, por acreditar que dela podem advir a cooperação e a boa-convivência internacionais. Esforça-se pela generalização de um clima de confiança, para que nele germinem a Paz, a Justiça e o Desenvolvimento.

Foi essa a mensagem que procurei transmitir quando me dirigi, ano passado, à Assembléia-Geral das Nações Unidas.

Detive-me, então, nos efeitos da crise econômica que atinge o mundo inteiro e nos caminhos para pôr fim às dificuldades que enfrentamos. É uma crise profunda do próprio sistema, que afeta os países industrializados e as economias em desenvolvimento. A própria crise reflete, para quem a analisa de modo objetivo e lúcido, a complementaridade dos interesses do Norte e do Sul, empenhados na reativação e expansão da economia internacional.

Elemento essencial para superar essa situação adversa é a dinamização dos fluxos de comércio e finanças entre os países desenvolvidos e as nações em desenvolvimento. A estreita ligação dos diversos setores da econo-

mia mundial faz com que a recuperação das economias do Norte não se possa realizar sem a efetiva participação do Sul, muito menos às suas custas.

A realidade contemporânea clama por um esforço renovado, por parte de todos os membros da comunidade internacional, para a preservação do patrimônio que lhes é comum, em nome do futuro da Humanidade.

Majestade,

Espanha e Brasil conhecem, com clareza, seus respectivos papéis no cenário mundial. Não nos faltará bravura para corresponder às nossas responsabilidades históricas, nem galhardia para perseverar em nossos esforços, apesar das dificuldades que o momento internacional nos cria.

O nosso relacionamento bilateral constitui larga história de entendimento e cooperação.

É minha convicção que, a partir desta visita de Vossa Majestade, os homens de Estado e de empresa, brasileiros e espanhóis, sentir-se-ão estimulados a encontrar fórmulas criativas para ampliar e aperfeiçoar a cooperação entre nossos países.

Estimo que, em todo o transcurso da visita, vossa Majestade possa colher em sua plenitude as demonstrações do desejo sincero de todos os brasileiros de estreitar cada vez mais os laços de fraternidade que nos unem à Espanha.

Em nome de todos os brasileiros saúdo Vossa Majestade e convido todos os presentes a erguerem suas taças pelo desenvolvimento das relações de amizade entre a Espanha e o Brasil, pela prosperidade crescente do povo espanhol e pela felicidade pessoal de Suas Majestades o Rei Juan Carlos I e a Rainha Sofia.



17 DE MAIO  
EMBAIXADA DA ESPANHA  
BRASÍLIA-DF  
DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR  
OFERECIDO PELO REI DA ESPANHA,  
JUAN CARLOS

Majestade:

Suas amáveis palavras refletem, de forma generosa, o clima de amizade e de entendimento que marca a visita de Vossas Majestades ao Brasil. Ao mesmo tempo, bem ilustram a excelência das relações entre os nossos dois países.

A freqüência das visitas de alto nível trocadas por autoridades espanholas e brasileiras, nos últimos anos, atesta o interesse recíproco e a vontade política de traduzi-las em benefício de nossos povos.

Nossa cooperação bilateral vem-se desenvolvendo de modo construtivo e dinâmico. Nos campos da cultura, da indústria, do comércio, da técnica e da tecnologia assomam perspectivas promissoras de maior colaboração e, portanto, de aprimoramento das relações bilaterais.

Vossas Majestades deixarão Brasília para conhecer, a partir de amanhã, outras cidades brasileiras. Como em Salvador e aqui, também no Rio de Janeiro e São Paulo

terão a oportunidade de verificar os frutos da civilização ibero-americana em nosso País e testemunhar a amizade e admiração que o povo brasileiro vota ao povo espanhol e aos seus soberanos.

É meu desejo que Vossa Majestade e a Rainha Sofia levem de nossa terra a imagem de um povo irreversivelmente comprometido com a amizade e a cooperação no plano internacional e com a busca de seu desenvolvimento integral, nos planos político, econômico e social.

Ergo minha taça e peço a todos que me acompanhem num brinde à amizade entre os povos espanhol e brasileiro, à grandeza e prosperidade da Espanha e à felicidade pessoal de Don Juan Carlos I e Dona Sofia.

24 DE MAIO  
PALÁCIO DO ITAMARATY  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMO-  
ÇO OFERECIDO AO PRIMEIRO-  
MINISTRO DO SURINAME, SENHOR  
ERROL ALIBUX

Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro:

Constitui para o Governo brasileiro, e para mim pessoalmente, motivo de satisfação a visita de Vossa Excelência e de sua comitiva ao Brasil. É especialmente grato para nós o fato de Vossa Excelência ter escolhido o Brasil como o primeiro país a ser visitado após sua posse no cargo de Primeiro-Ministro.

Recebemos Vossa Excelência, no contexto das profícuas relações entre o Brasil e o Suriname, como significativo ato que traduz, mais uma vez, a confiança recíproca que tem marcado o diálogo dos dois governos. Pretendemos que essa confiança recíproca continue a fortalecer-se mediante atos concretos e de efetivo trabalho conjunto, demonstrando que o relacionamento bilateral é instrumento valioso para o desenvolvimento de nossos dois países.

O potencial humano e de recursos naturais do Suriname e do Brasil, assim como a firme determinação

política de nossos Governos, são condições essenciais para que possam ser exploradas amplas perspectivas de incremento da cooperação bilateral. Vossa Excelência certamente compartilhará minha convicção de que os vínculos de amizade que unem os dois países constituem fator de fortalecimento ainda maior dessa cooperação que queremos baseada, sempre, no respeito mútuo e benefícios recíprocos.

Senhor Primeiro-Ministro,

A posição brasileira é sobejamente conhecida na sua promoção dos ideais de concórdia e solidariedade no Continente e na certeza de que a cooperação igualitária e a troca de experiências entre países em desenvolvimento, como o Brasil e o Suriname, serão particularmente úteis, com reflexos positivos, em termos de paz e prosperidade para toda a região.

O momento atual marcado pela crise e pelas dificuldades crescentes nos anima a um renovado esforço de criação de bases sólidas para a cooperação bilateral. Cabe-nos, a brasileiros e surinamenses, o exercício criativo de identificação e desenvolvimento das áreas de interesse recíproco, para ampliar nossos entendimentos e tornar realidade concreta e significativa a decisão política de aprofundar as relações entre os dois povos.

Dentre as diversas áreas que estão sendo identificadas para a colaboração ressaltam a pesquisa mineral, as telecomunicações, a tecnologia de construção de estradas, a hidreletricidade, os transportes marítimos e aéreos.

São positivas, também, as possibilidades de fortalecimento dos fluxos comerciais, mediante a ampliação do intercâmbio de produtos tradicionais da pauta de nosso comércio e a criação de oportunidades para produtos

novos. Tenho confiança em que, a par das perspectivas que se abrem nos setores mencionados, existem muitos outros que oferecem oportunidade de cooperação entre o Suriname e o Brasil.

Senhor Primeiro-Ministro,

Cabe a cada país encontrar, soberanamente, seu próprio caminho de afirmação nacional, com vistas à realização das justas aspirações de seu povo, sem interferências externas de qualquer espécie.

É com esse espírito que o Brasil deseja, sincera e fraternalmente, que o Suriname possa alicerçar, seguramente, no contexto de crescente aproximação e harmonia com seus vizinhos sul-americanos, o seu progresso, seu bem-estar e a afirmação de sua personalidade nacional. O Brasil estará sempre disposto a prestar ao país vizinho e amigo, em tudo o que lhe for possível, a sua colaboração franca e eficaz.

O Brasil e o Suriname vêm mantendo, nos dois últimos anos, intenso intercâmbio de visitas em alto nível. Em janeiro de 1982, o meu Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ramiro Saraiva Guerreiro, teve a oportunidade de iniciar nova etapa do relacionamento bilateral ao visitar oficialmente Paramaribo. Seguiram-se as visitas do Tenente-Coronel Bouterse e do ex-Chanceler Naarendorp ao Brasil e, mais recentemente, a viagem de meu representante pessoal, o Ministro Danilo Venturini, ao Suriname. A presente visita de Vossa Excelência dá seqüência a esses proveitosos contatos. Desejo que sua estada no Brasil seja tão útil e agradável quanto o foram as dos ministros brasileiros no Suriname.

Convido todos a que comigo se unam em um brinde à saúde de Suas Excelências o Presidente Ramdat Mi-

sier e o Tenente-Coronel Desiré Bouterse, à prosperidade da fraterna nação surinamense, ao desenvolvimento das relações de amizade e cooperação entre o Brasil e o Suriname e à felicidade pessoal de Vossa Excelência.

Muito obrigado.

26 DE MAIO  
CLUBE DAS PAINEIRAS  
SÃO PAULO-SP

DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE DO SINDICATO DE EMPRESAS DE COMPRA, VENDA, LOCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DE IMÓVEIS DE SÃO PAULO, SENHOR ROMEU CHAP CHAP

Meus Senhores:

Agradeço as palavras cheias de bom-senso e ânimo positivo que o Engenheiro Romeu Chap Chap acaba de proferir. Representante e porta-voz de um importante setor da economia paulista, empresário destacado, líder de sua classe, encarna as qualidades e a capacidade de iniciativa do paulista, que fizeram deste Estado o mais dinâmico pólo do desenvolvimento nacional.

Suas palavras espelham qualidade de bom empresário: objetividade e ousadia.

Em rápidos traços, descreveu o significado da criação do Sistema Nacional de Habitação e as medidas que adotei para aperfeiçoá-lo e torná-lo mais amplo e mais eficaz.

Analizou as repercussões da atual conjuntura sobre o setor. Refletindo o espírito do verdadeiro homem de empresa, não vê nas circunstâncias adversas fonte de desânimo, percebendo que, mais do que nunca, é nos de-

safios que o empresário encontra a medida de sua competência e nos momentos difíceis que o País mais necessita do civismo, da tenacidade e da iniciativa dos seus cidadãos.

Alegra-me participar de uma reunião que congrege no amplo espectro da sociedade paulista, homens imbuídos desse espírito. Foi ele, alimentado pelo conhecimento objetivo das nossas riquezas e potencialidades e pela fé no nosso futuro, que deu o grande impulso à nossa prosperidade. É esse mesmo espírito que vai conduzir a Nação a um novo patamar do seu desenvolvimento econômico, social e político.

Avançamos, a passos seguros, no caminho da consolidação democrática. Não prevaleceram contra nossos desígnios os cálculos mesquinhos que queriam ver incompatibilidade entre o programa democrático do Governo e a situação econômica.

Continuamos tratando, de forma segura e adequada, dos problemas do nosso balanço de pagamentos, sabidamente o estrangulamento mais agudo de nossa economia. Em diálogo contínuo com nossos parceiros internacionais, buscamos soluções que atendam a nossos interesses e procuramos evitar fórmulas drásticas, prejudiciais a todos.

No plano interno, a política de contenção, que, certamente pede sacrifícios a todos os segmentos da sociedade, é o caminho adequado para alicerçar um novo surto de prosperidade.

A Nação vem enfrentando, de forma corajosa e eficaz, as adversidades econômicas. O Governo, fiel a seu programa e ao programa de seu partido, tem aprovado ou proposto ao Congresso a aprovação de medidas de amplo alcance social, de forma a elevar o nível de bem-estar de nosso povo. Vivemos, no respeito à lei e às li-

berdades individuais, clima de segurança propício à realização do programa político do Governo: a consolidação do regime democrático.

Estes propósitos merecem apoio. Consagram os mais lídimos e profundos anseios da Nação brasileira, que deseja viver num regime democrático, onde o respeito à livre iniciativa e às liberdades individuais assegure a realização de suas potencialidades e de seu alto destino.

Agradeço aos presentes esta homenagem, que aceito prazerosamente, porque não visa à minha pessoa, mas à política e aos ideais que represento.

Muito obrigado.



27 DE MAIO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

MENSAGEM ENVIADA AOS CHEFES-  
DE-GOVERNO, QUE PARTICIPAM DO  
ENCONTRO DE WILLIAMSBURG

Faltaria eu o meu dever para com o povo brasileiro se não me dirigisse a Vossa Excelência, às vésperas do encontro que terá com os Chefes-de-Governo de outros países desenvolvidos em Williamsburg, nos EUA, para expressar-lhe alguma das preocupações e esperanças que, em face de penoso quadro de dificuldades geradas em grande medida por circunstâncias externas, são hoje amplamente partilhadas pela opinião pública brasileira.

As preocupações que entretenho estão relacionadas, essencialmente, com a instabilidade e precariedade que caracterizam o sistema econômico internacional, após as numerosas convulsões por ele sofridas em pouco mais de uma década. Para os países em desenvolvimento, parte mais fraca de tal sistema, suas eficiências acarretam, a cada momento, novos e cada vez mais árduos desafios, por vezes agravados também pelas próprias políticas econômicas dos grandes centros.

O Brasil, de sua parte, foi severamente atingido pela crise de liquidez deflagrada nos últimos meses de 1982 — precisamente quando começava a colher os resultados

de intenso esforço de ajustamento às dificuldades dos anos 70 — esforço sem paralelo pela amplitude dos programas contemplados, em particular no setor energético, onde pela primeira vez um país realiza a substituição em larga escala do petróleo pela biomassa como combustível.

Após ter dado, nos anos 70, por sua integração na economia internacional e pela mobilização do financiamento externo, considerável contribuição aos ajustamentos das economias desenvolvidas, vê-se o Brasil duramente afetado pelo estreitamento de seu acesso aos mercados no mundo desenvolvido e pelo encolhimento dos fluxos financeiros a que tivera de recorrer. Mais do que negarem-lhe a justa remuneração de seu trabalho, as atuais vicissitudes da economia mundial hoje negam a meu País a própria oportunidade de realizar o trabalho necessário para responder às aspirações de desenvolvimento de seu povo. Quando um país em desenvolvimento se vê atingido pelo movimento de pinças de uma duplicação em dois anos do montante de juros sobre o serviço de sua dívida e, de outra parte, uma perda de 30% no poder de compra de suas exportações — e quando verifica que fatos semelhantes se dão com numerosos outros países em desenvolvimento — não há como silenciar quanto à urgência da tarefa de retomada de um diálogo objetivo e efetivo entre Norte e Sul, para o bem de ambos.

Estou convicto, Senhor Presidente, de que só mediante firme decisão política será possível restituir à economia mundial, e a seus mecanismos comerciais e financeiros, as condições de geração de crescimento sustentado sem as quais não haverá solução duradoura nem para os problemas do Norte nem para os do Sul.

São três as áreas em que a meu ver se devem desdobrar as ações a tomar:

medidas de curto prazo tendentes a permitir a reativação da economia mundial, tanto no Norte quanto, paralelamente, no Sul;

reajustamento das estruturas produtivas internas, para adequá-las aos novos padrões de produção e comércio: no caso de países desenvolvidos, o ajuste estrutural deve visar à modernização da economia e à superação definitiva das razões que levam à adoção de barreiras protecionistas, para que estas não persistam a ponto de restringir, ou mesmo desfazer, o efeito de expansão do comércio que pode advir da reativação econômica de curto prazo;

início da revisão, em bases coordenadas, dos sistemas de comércio e finanças, sem o que malograriam esforços limitados ao reaquecimento e ao reajuste interno, ou restritos a ações tópicas diante de problemas específicos e situações emergentes.

Meu País, como sabe Vossa Excelência, encontra-se neste momento empenhado em árduo programa de contenção, para o ajustamento a uma crise de liquidez gerada por fatores externos. Meu governo encara tal programa como esforço indispensável de reajuste, e o executará com empenho, sobretudo por considerá-lo como preparação para a retomada, no mais breve prazo, do crescimento dinâmico sem o qual não nos seria possível superar as carências do subdesenvolvimento.

Confia o Brasil, Senhor Presidente, em que as Nações do Ocidente desenvolvido saberão compreender a necessidade de ações coordenadas para a superação das dilacerantes tensões políticas e sociais do reajuste à crise, e não deixarão de aproveitar todas as oportunidades que doravante se apresentem para imprimir ao diálogo

com as nações em desenvolvimento o impulso político capaz de permitir o lançamento das bases de uma nova fase de prosperidade na economia mundial.

É por essa razão que me dirijo a Vossa Excelência a fim de expressar-lhe o interesse com que aguardo os resultados, que confio serão proficuos, do encontro de Williamsburg.

30 DE MAIO  
PALÁCIO DO ITAMARATY  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR  
OFERECIDO AO PRIMEIRO-MINISTRO  
DOS PAÍSES BAIXOS, SENHOR RUDOL-  
PHUS FRANCISCUS MARIE LUBBERS

Senhor Primeiro-Ministro:

Ao distinguir-nos com a primeira visita de um Chefe-de-Governo dos Países-Baixos a Brasília, Vossa Excelência dá testemunho do desejo de aprofundar as relações de cordialidade e cooperação que prevalecem entre nossos países.

Esse desejo encontra plena ressonância entre nós. Ao recebê-lo, na companhia da Senhora Lubbers e de ilustre comitiva, desejo dar-lhes, a todos, as boas-vindas do povo e Governo do Brasil.

O descortino e a sensibilidade demonstrados por Vossa Excelência à frente do governo de seu país se refletem, também, na ação externa neerlandesa, de repercussão européia e mundial. Sensibiliza-nos a circunstância de Vossa Excelência fazer-se acompanhar, nesta visita ao Brasil, do eminente membro de seu gabinete, titular da Pasta dos Negócios Estrangeiros, Senhor Hans van den Broek.

Seu país, Senhor Primeiro-Ministro, extravaza suas dimensões geográficas no espírito corajoso e empreendedor de seu povo. Foi esse espírito que trouxe a presença batava a terras brasileiras, nos primórdios da formação de nossa nacionalidade. Ao evocar essa época, não se pode deixar de mencionar o nome de Maurício de Nassau, cujas altas qualidades pessoais cumpre reconhecer.

Inspirados pela teoria do «Mare Liberum» formulada pelo iminente jurista neerlandês Hugo Grotius, no século XVII, seus compatriotas constituíram vasto império mercantil. Fiéis a essa tradição, os Países-Baixos têm hoje, no comércio mundial, posição de realce, evidenciada pelo volume da frota neerlandesa e pela pujança de Rotterdam, primeiro porto do Mundo.

O oceano incentivou os neerlandeses também a arrebatarem, das águas, grande parte do solo pátrio. Seu país é exemplo singular de uma terra conquistada pelo trabalho engenhoso de um povo. Por essa razão, diques e moinhos são, mais do que imagem típica, símbolo do efetivo poder da cooperação entre os homens para submeter a natureza a seus desígnios.

O Brasil, fiel às suas tradições hospitaleiras, abriu as portas a imigrantes de variada procedência. Entre estes, os neerlandeses, que, com sua índole industriosa e a crença no cooperativismo, trouxeram-nos a valiosa contribuição de suas técnicas, mormente no campo da agropecuária.

Hoje, cerca de seis mil agricultores de origem batava, distribuídos em sete núcleos de colonização espalhados por vários Estados da Federação, participam do esforço comum de toda a população pela prosperidade do País.

Senhor Primeiro-Ministro,

Além dos laços forjados nos empreendimentos conjuntos de seus nacionais, o Brasil e os Países-Baixos partilham, como precioso patrimônio comum, os valores permanentes do ideário ocidental. A reconhecida vocação internacionalista e a arraigada tradição liberal neerlandesa transparecem na própria imagem que o Mundo tem de seu país. O Brasil, de sua parte, cultiva ideais pluralistas e democráticos em seu cotidiano interno e em sua ação externa. Devotamos, também, profundo respeito à individualidade das nações e ao direito de todos os Estados à soberania, à independência e ao desenvolvimento.

Vivemos dias atribulados na esfera internacional. A persistência de estruturas injustas e obsoletas agrava tensões e conflitos que minam o bom-convívio entre as gentes, com graves conseqüências para a paz, o desenvolvimento e a segurança internacionais.

Preocupam-nos, sobretudo, as crescentes dificuldades que embaraçam a solução pacífica das controvérsias. Repetem-se episódios de suma gravidade, que ameaçam a soberania, a dignidade nacional e os direitos elementares dos povos. Seja no plano político, seja no econômico, proliferam atitudes exclusivistas. Em mais de um caso, membros da comunidade internacional deixam de empenhar-se na busca de fórmulas eficazes de entendimento e conciliação.

Seu país, Senhor Primeiro-Ministro, soube reunir e conciliar, no passado, os diversos elementos que hoje enriquecem e singularizam a sociedade neerlandesa.

Possui, assim, todos os requisitos para exercer papel significativo na promoção de um clima internacional propício à paz e a harmonia. Nas comunidades européias, onde ocupam lugar de relevo, os Países-Baixos

dispõem de amplo espaço para uma atuação construtiva, inclusive no âmbito da cooperação política européia.

A crescente e irreversível interdependência entre as nações clama pela instauração de uma nova ordem, em que cada Estado exerça o direito de participar amplamente dos processos decisórios internacionais; e em que todos os membros da comunidade mundial cumpram os deveres que a História lhes impõe.

Sua responsabilidade avulta diante da atual crise da economia internacional e seus profundos reflexos nas nações do Norte e do Sul.

Estas últimas, porém, que menos contribuíram para gerar a crise, são as mais duramente atingidas por seus efeitos. A crise de liquidez e o recrudescimento do protecionismo tornam ainda mais árduos os esforços dos países que buscam o desenvolvimento econômico e social.

É a própria interdependência global que vincula a recuperação da economia internacional à participação efetiva dos países em desenvolvimento. Resistir a essa evidência seria ineficaz e contraproducente, pois o Norte acabaria por sofrer, cada vez mais, as conseqüências nocivas do desequilíbrio com o Sul.

Os efeitos adversos da crise econômica geram graves riscos de desestabilização política e social, sobretudo no Terceiro Mundo. Em diversas áreas em desenvolvimento, assistimos à proliferação de tensões decorrentes da situação econômica.

Por isso, acredita o Brasil que não devem ser medidos esforços para que se mantenha e se estimule o processo de desenvolvimento em todos os quadrantes do globo, a bem da recuperação do sistema econômico como um todo e da paz e segurança internacionais.

Nesse contexto, esperamos da comunidade das nações, e dos países industrializados em particular, manifestação clara da vontade política de buscar soluções para a presente crise. Urge adotar providências para a pronta reativação econômica, no Sul e no Norte, para o reajustamento das economias, sobretudo as desenvolvidas, a fim de torná-las mais ajustadas aos novos padrões de produção e comércio. É mister a eliminação das barreiras protecionistas e a revisão coordenada dos sistemas financeiro e comercial, essencial para dar viabilidade aos esforços nacionais de recuperação e desenvolvimento.

Senhor Primeiro-Ministro,

No plano bilateral, é especialmente alvissareira a visita que Vossa Excelência ora nos faz. Ao inaugurar nova etapa no diálogo entre nossos dois governos, deverá também estimular a cooperação, já tão fecunda, nos campos da economia, finanças, comércio e tecnologia.

Os Países-Baixos ocupam importante lugar entre os parceiros comerciais do Brasil na Europa. O Brasil, por seu lado, responde pela maior parcela do comércio dos Países-Baixos com a América Latina. O vigor dos portos neerlandeses na disseminação dos fluxos do comércio mundial faz com que os Países-Baixos apareçam como o segundo comprador de produtos brasileiros no mercado europeu.

Os Países-Baixos detêm, igualmente, posição de relevo no rol dos investidores estrangeiros no Brasil, com a presença de cerca de sessenta indústrias, que participam ativamente de diversos setores da economia nacional.

Tal participação, já bastante expressiva, só tende a beneficiar-se com a implementação do Acordo de Coo-

peração Industrial que entrou em vigor em outubro de 1981.

Também no âmbito das Comunidades Europeias, abrem-se novas oportunidades para o incremento da cooperação, por meio da participação neerlandesa em empreendimentos comunitários com o Brasil, do que deverá constituir exemplo significativo o desenvolvimento do Projeto Carajás. Pioneiro dos sistemas de integração econômica e membro fundador da Comunidade Econômica Européia, seu país poderá prestar colaboração inestimável ao estreitamento das relações entre o Brasil e a Europa dos Dez.

Senhor Primeiro-Ministro,

É desejo de todos nós que a cooperação entre o Brasil e os Países-Baixos venha a ampliar-se cada vez mais. Confio em que as conversações que Vossa Excelência e sua comitiva ora mantêm em Brasília contribuam para esse fim e para propiciar melhor conhecimento mútuo.

Ao formular meus votos pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora de Lubbers, peço a todos que me acompanhem num brinde muito cordial à saúde de Sua Majestade a Rainha Beatrix, à prosperidade do povo neerlandês e à perene amizade entre o Brasil e os Países-Baixos.

1º DE JUNHO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO NA SOLENIDADE DE ASSI-  
NATURA DO DECRETO REGULAMEN-  
TANDO A POLÍTICA NACIONAL DO  
MEIO-AMBIENTE.

O decreto que acabo de assinar regulamenta as leis que dispõem sobre a Política Nacional do Meio-Ambiente e sobre a criação de Estações Biológicas e Áreas de Proteção Ambiental.

Vem tornar plenamente aplicável a legislação sobre a matéria aprovada em 1981. Representa importante passo na política da preservação do meio-ambiente, a que meu governo tem dado especial ênfase.

Reflete novo estágio da consciência nacional com respeito à natureza, à preocupação de preservar suas riquezas para as gerações futuras, à percepção mais clara das limitações que, com este objetivo, se devem impor à atividade do homem.

Corresponde à necessidade de que o meio urbano, abrigando hoje dois terços dos brasileiros, se desenvolva de forma a assegurar maior bem-estar à população.

Os primeiros ocupantes do nosso Território, ao arrostar a pujança da floresta tropical, parecem ter estabelecido relação de antagonismo com a natureza, des-

truindo as florestas e exaurindo as terras, numa agricultura já comparada à mineração do solo.

Estas práticas que pesaram sobre nosso desenvolvimento são coisas do passado. Paralelamente à revolução que renova os trabalhos agrícolas, vai o brasileiro adquirindo nova visão da importância do meio-ambiente e da necessidade de sua preservação.

A Lei nº 6.938, de 1981, é o instrumento legal desta nova postura, da qual o Governo se faz paladino.

A regulamentação aprovada dará agilidade à tutela governamental dos interesses da comunidade na preservação do meio-ambiente, tutela que deve ser exercida de forma criteriosa para que não se constitua em desnecessário estorvo à atividade econômica.

O novo instrumento de que se dota o Governo e a seriedade e competência com que a Secretaria Especial do Meio-Ambiente vem desenvolvendo suas funções são garantia da execução equilibrada da política neste setor.

É, pois, com grande satisfação que assinalo por este ato o transcurso de mais uma Semana Nacional do Meio-Ambiente e do décimo ano de existência da SEMA.

Muito obrigado.

06 DE JUNHO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
IMPROVISO AO RECEBER OS ESTA-  
GIÁRIOS DA ESCOLA SUPERIOR DE  
GUERRA

Excelentíssimo Senhor General Alzir Benjamin Chalub,  
Comandante da Escola Superior de Guerra,  
Senhores Estagiários:

Inicialmente, devo agradecer ao Comandante da Escola e aos Estagiários a deferência de, ao iniciarem o seu ciclo de viagens do ano de 83, passarem aqui em Brasília na casa de trabalho do Presidente da República virem aqui para me cumprimentarem. Mas, o agradecimento maior não é bem o Presidente que deve fazer aos Senhores, nem tampouco o ex-estagiário, pela deferência com que os Senhores acabam de fazer à minha família, adotando, como Patrono da turma, o nome do meu saudoso pai. Creio mesmo que o ex-estagiário está satisfeito por esta deferência, mas o filho sente-se recompensado, pelos maus momentos por que tem passado na Presidência da República, por esse gesto dos Senhores, alguns dos quais meus amigos particulares, em que vejo desde o meu amigo, o Tenente Chalub, até os meus ex-cadetes como o Cadete Noronha. Alunos, companhei-

ros, mas grande parte — e aí o valor da deferência que os Senhores acabam de fazer — grande parte desconhecida para mim.

Queira Deus possa eu, nesses vinte e dois meses que me restam de mandato, ter sempre presente o Patrono dos Senhores, que tantos exemplos me deu em vida, e que agora, depois de morto, continua a me dar forças para eu continuar sendo o que ele quis que eu fosse.

Muito obrigado.

08 DE JUNHO  
HOTEL INTERCONTINENTAL  
RIO DE JANEIRO-RJ  
IMPROVISO DURANTE ENCONTRO  
COM POLÍTICOS DO PDS

Excelentíssimo Wellington Moreira Franco,  
Presidente Regional do nosso Partido;  
Excelentíssimo Senhor Senador Amaral Peixoto,  
Senhores Parlamentares,  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Ao agradecer as palavras do presidente do nosso Partido no Estado do Rio de Janeiro, eu devo dizer que fiquei muito sensibilizado com a deferência do Partido em dar a coordenação do problema sucessório a mim, à minha revelia, mas pesei bem, antes de iniciar essa coordenação, as dificuldades que iria ter pela frente. E é em razão dessas dificuldades que eu devo dizer aos Senhores que mais do que nunca o Partido deve estar unido.

A primeira condição para se praticar a democracia é aceitar a vontade da maioria. Se me deram a missão de coordenar o problema sucessório, eu bem entendi como colocar em ordem as idéias, as vontades, os anseios

de todas as seções regionais do Partido e de suas lideranças.

A tarefa não tem sido fácil. Mas tenho fé de que pela democracia, a fim de que ela, de fato, se implante no nosso País, o nosso Partido permita que chegue a uma conclusão, e eu possa dizer a palavra final aos convencionais, dizendo, não aquele que eu quero que seja eleito, mas dizendo aos convencionais que a grande maioria que eu ouvi se inclinava por um determinado nome.

Eu quero crer que, apesar das dificuldades, repito, apesar das incompreensões de alguns elementos do Partido, apesar, inclusive, das afrontas e dos ataques que já se iniciam contra a minha pessoa — porque fui incumbido de coordenar — eu tenho muita esperança de chegar a uma conclusão que desde logo, repito o que já disse à Imprensa uma vez, não será, necessariamente, de um amigo, mas será daquele que o Partido achar que é o mais indicado para exercer a Presidência da República de modo a continuar o processo de normalização democrática do País.

Nem posso dizer ao menos: Deus queira que seja um amigo. Porque eu não quero ter a desventura de ver um amigo passar pelos momentos que eu tenho passado. Prefiro até que não o seja.

Mas, com a ajuda dos Senhores, com a palavra sincera de cada um dizendo-me, abertamente e francamente, o que pensa, eu tenho esperança, repito, de poder dizer, francamente, aos convencionais a resultante das idéias dos Senhores.

Muito obrigado aos Senhores.

16 DE JUNHO  
CLUBE MONTE LÍBANO  
SÃO PAULO-SP  
DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR  
EM SUA HOMENAGEM OFERECIDO  
PELA COLÔNIA LIBANESA EM SÃO  
PAULO

Minhas Senhoras e Meus Senhores,  
Doutor Leonardo Keydi,  
Professor Camillo Ashcar:

Minhas primeiras palavras são de agradecimento por esta esplêndida festa de confraternização. Reunidos neste recinto estão os mais destacados líderes da comunidade brasileira de origem libanesa. Não por acaso, fazem parte da vanguarda empresarial de São Paulo. Não posso calar minha emoção ante as amáveis palavras com que fui saudado. Encontro, no carinho desta reunião, conforto e encorajamento para enfrentar as graves responsabilidades do Governo. Por tudo isto, pela luzida recepção, pelo calor e pelo afeto desta festa, pelo apoio e pelo estímulo, muito obrigado.

Fruto de diferentes raízes étnicas e culturais, a nação brasileira extrai da variedade destas fontes sua força, a riqueza de suas potencialidades, o perfil original que a distingue entre os povos americanos.

A corrente imigratória libanesa, iniciada há mais de um século trouxe valiosa contribuição à nossa formação nacional. O Professor Ashcar soube descrever, com acuidade e graça, as etapas da integração libanesa na comunidade brasileira. Esta integração terá sido facilitada pela comunhão de valores, pela capacidade de adaptação às novas condições de vida, pelo denodo, iniciativa e competência com que os libaneses enfrentaram suas responsabilidades em sua pátria de adoção.

A maneira fraterna com que se inseriram na vida brasileira parece sugerir alguma outra causa, talvez uma profunda empatia a explicar um relacionamento que se revelou, desde logo, harmonioso e positivo.

Afirmou-se que esta festa de confraternização deseja também manifestar o reconhecimento e a gratidão dos libaneses do Brasil e de seus descendentes.

Gostaria de dizer, em meu nome e em nome da Nação brasileira, que o Brasil é grato pela contribuição que os libaneses trouxeram ao nosso desenvolvimento, pelo seu trabalho, pela sua capacidade empresarial, pelo seu espírito comunitário.

Ao dizê-lo, sinto que é um agradecimento supérfluo, porque o Brasil somos todos nós, porque somos todos tão brasileiros uns quanto os outros, porque a Nação brasileira é exatamente a soma de todas as nossas tradições, de todos os nossos ideais, de todos os nossos esforços para a construção de uma sociedade mais próspera, mais democrática e mais justa.

A linha mestra de meu governo visa a assegurar ao povo brasileiro a realização de sua vocação democrática, o desenvolvimento de suas virtualidades, no quadro de uma sociedade em que a livre iniciativa e os direitos individuais sejam preservados.

Sei que partilhais destes valores, que lutais pelos nossos ideais e objetivos. Agradeço vossa compreensão, vosso esforço e vossa solidariedade.

Convido todos os presentes a brindarem à prosperidade da comunidade brasileira de origem libanesa, às boas relações entre o Brasil e o Líbano e à grandeza de nossa Pátria.



17 DE JUNHO  
BASE AÉREA  
BRASÍLIA-DF

IMPROVISO AO AGRADECER AS MANIFESTAÇÕES DE APOIO E SOLIDARIEDADE QUE RECEBEU DO PDS AO DESEMBARCAR EM BRASÍLIA

Recebo o documento que me foi entregue pelas mãos do Senador José Sarney, Presidente do nosso Partido, como mais uma solidariedade dos homens do nosso Partido que, como representante do povo, foram eleitos pelo Partido para as duas Casas do Congresso Nacional. Solidariedade esta que para mim representa um estímulo para que possa persistir com a mesma determinação com que vinha fazendo, apesar de incompreensões, de injustiças, de decepções e até mesmo de ingratições, na busca de um nome que levarei à Convenção Nacional do Partido como aquele que, de fato, represente a vontade da maioria das nossas lideranças e dos nossos representantes. Aqueles que ontem disseram que ao invés de coordenar eu vou ordenar, respondo apenas que já despi a farda do Exército brasileiro desde quando ingressei na Presidência da República e que até hoje não tenho feito senão ouvir, compreender ou contornar dificuldades, tendo bem presente que democracia é isto. É que todos possam realmente dizer o que pensam. Podem aqueles que assim pensam ou dizem, ter a certeza de que

nossa tarefa, como já disse anteriormente, esquecerei as amizades, esquecerei as minhas próprias inclinações para pensar apenas no futuro do meu País. Serei isento como até agora fui. Só peço a Deus que este estímulo que os Senhores me trazem me permita continuar no futuro.

•  
Muito obrigado.

22 DE JUNHO  
BAIRRO PLANALTO  
CUIABÁ-MT

IMPROVISO AO INAUGURAR O PRO-  
LONGAMENTO DA AVENIDA JOÃO  
GOMES SOBRINHO NO PROJETO  
AGLURB

Excelentíssimo Senhor Governador Júlio Campos,  
Excelentíssimos Senhores Senadores,  
Senhores Deputados,  
Senhores Ministros,  
Meus patrícios de Cuiabá e de Mato Grosso:

Deveria iniciar agradecendo a gentileza do povo cuiabano ao pedir que eu lhe dirija algumas palavras nesta oportunidade. Essa gentileza vem acrescentar-se a outra, a de haver saído o povo cuiabano dos seus afazeres e dos seus descansares para vir à rua ver de perto o seu Presidente. Isso é particularmente agradável e honroso para mim porque de fato se há alguém, se há uma parte deste País que tem me tratado com justiça, se há alguém neste País que tem conseguido compreender bem as dificuldades do meu governo, se há alguém neste País que tem se identificado com as minhas idéias e eu sinto que mesmo votando às vezes na Oposição torce para que o João acerte. Se há alguém que eu sinto que es-

tá ao meu lado prestigiando com a sua presença, com o seu carinho, com o seu abraço, e às vezes até com lágrima. É a gente humilde da minha Pátria, a gente humilde que melhor que aqueles que sabem compreender porque tiveram oportunidade de estudar, tiveram oportunidade de conhecer outras terras, tiveram oportunidade de ouvir os mestres explicar o porquê das coisas. Estes, muitos destes, teimam porque teimam em não querer compreender as nossas dificuldades e chamam de incompetente a mim e aos meus auxiliares, esquecendo-se que a mais rica nação da terra, os Estados Unidos têm hoje mais de 10 milhões de desempregados, que a Europa industrializada, a Inglaterra, França, Alemanha andam pela taxa de 7 a 10 e 12% do seu desemprego e não há de ser o Brasil com seus 20 milhões de dólares exportáveis que vai resolver de uma hora para outra o problema do desemprego resultante da recessão, se um país como os Estados Unidos com seus 300 bilhões de dólares não conseguiu resolver. Mas tudo isso tão fácil de entender, tão fácil de explicar para aqueles que tiveram oportunidade de fazê-lo porque foram beneficiados por Deus e tiveram recursos para fazê-los. Eu só vejo a compreensão e às vezes até a aceitação do sacrifício, por parte, repito, da gente humilde da minha terra. Daí porque meus amigos, eu me emociono cada vez que tenho oportunidade de um contato como este em que não trago nada, trago muito pouco, trago o infinitésimo das necessidades do que vocês necessitam, e ao invés de me pedirem mais, ao invés de clamarem aos céus que está faltando uma porção de coisa, vêm a praça pública para bater palmas pelo quase nada que eu lhes trago. Só por momentos como este, eu garanto a vocês, e talvez só por ele, valeu a pena ter deixado de ser soldado para ser Presidente da República.

Muito obrigado.

22 DE JUNHO  
PALÁCIO PAIAGUÁS  
CUIABÁ-MT  
IMPROVISO DURANTE ENCONTRO  
COM AS LIDERANÇAS POLÍTICAS DO  
ESTADO

Inicialmente devo agradecer as bondosas, por demais bondosas palavras do Governador Júlio Campos, na oportunidade em que venho de visita ao Estado de Mato Grosso. Eu desejava que todas as vezes em que eu visitasse um Estado, tivesse, em tão curto espaço de tempo, as alegrias que já tive nesta tarde aqui em Cuiabá.

Primeiro, a recepção calorosa e carinhosa que me proporcionou o povo cuiabano. Em seguida, as gentilezas de que fui alvo por parte do Senhor Governador e seus auxiliares. Em terceiro lugar, por verificar que, quer administrativa, quer politicamente, o Estado de Mato Grosso vai bem.

Nesta oportunidade em que eu agradeço aos Senhores sua presença aqui, é forçoso que eu faça algumas afirmações a respeito da incumbência que, a minha revelia, foi-me dada pelo Diretório Nacional do nosso Partido e reiterada a cerca de três dias atrás pela assinatura dos nossos representantes na Câmara e no Senado: A de coordenar o processo da minha sucessão. Apesar das fa-

las de alguns elementos de responsabilidade neste País, de que esta coordenação está se transformando, de que ao invés do verbo coordenar eu estaria tentando conjugar o verbo ordenar, eu devo dizer que, dado o tumulto com que alguns se lançam no problema sucessório é minha intenção, de fato, conjugar o verbo ordenar. Mas ordenar não no sentido de dar ordem aos meus companheiros; e sim com o sentido de colocar em ordem, por em ordem, as idéias, a fim de que os meus companheiros sintam, de fato, o que se passa no restante do País a respeito do problema sucessório.

A pergunta que mais me fazem a esse respeito quando em encontro com políticos, os líderes, os representantes do povo a respeito desse problema é como é Presidente, o que acha dessas candidaturas? A própria pergunta, como eu dizia hoje ao Doutor Leitão de Abreu, e ao nosso Presidente Sarney, já encerra em si uma forma de aceitação de uma ordem minha o que acho. E eu sempre lhes respondo que eu recebi essa incumbência do meu Partido para primeiro saber o que acham os meus correligionários. Eu tenho que vir ao encontro de todos e saber o que eles acham desses homens que estão aspirando à Presidência da República. E eu, com o senso que peço a Deus que não me falte na hora de aconselhar os meus companheiros, quero anunciar ao fim a resultante dessas conversas, e dizer aos companheiros o que eu acho que os meus amigos, os meus correligionários pensam anunciar que a melhor forma é essa. E não a forma que eu acho. Daí por que eu solicito aos Senhores, do Diretório Regional, que conversem e troquem idéias e que levem ao Presidente do Diretório o que acham os Senhores, para que eu tenha mais um elemento, para que enfim eu possa de fato, dizer com isenção, a resultante do meu Partido, pois só assim, só com a de-

cisão de cada uma das partes, seja essa decisão qual for, eu poderei dizer, com a consciência tranqüila, qual é aquele que os nossos dirigentes, os nossos líderes políticos desejam levar à convenção do Partido.

Muito obrigado.



07 DE JULHO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO POR OCASIÃO DA ENTREGA DO PRÊMIO TECNOLOGIA LICEU

Ilustríssima Senhora Maria Cláudia Schmidt,  
Senhores Conselheiros e Administradores do  
Liceu de Artes e Ofícios,  
Ministro Camilo Penna,  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

A entrega do Prêmio Tecnologia Liceu é oportunidade para o reconhecimento público dos esforços e conquistas do empresariado nacional no desenvolvimento de tecnologias próprias. Iniciativa do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, é uma entre as muitas contribuições desta notável instituição ao nosso progresso industrial.

A Fundação Tupy, premiada em 1983, é notável exemplo do que pode fazer uma liderança empresarial competente, ágil e responsável em favor do desenvolvimento da própria empresa, do progresso tecnológico do País e do bem-estar da comunidade.

Associo-me com prazer à concessão deste prêmio, porque consagra valores que julgo essenciais ao desenvol-

vimento e à grandeza do nosso País: a iniciativa privada nacional, a competência empresarial, o desenvolvimento tecnológico, relações de trabalho harmoniosas, a visão do empreendedor que, tendo no lucro o instrumento de avaliação da eficácia da empresa, não perde de vista a função social que esta desempenha.

No caso da Fundação Tupy, cujos quarenta e cinco anos de vida são uma ilustração de todos estes valores, merecem ainda destaque dos fatos importantes. A Fundação Tupy, fruto do trabalho obstinado de Albano e de Dieter Schmidt e do grupo de colaboradores que souberam formar, surgiu e desenvolveu-se fora dos grandes centros industriais do País. É um bom exemplo de viabilidade da desconcentração industrial, a contribuir para uma ocupação mais equilibrada do espaço brasileiro, um objetivo que tem a ver tanto com a segurança nacional, quanto com a criação de uma sociedade mais equilibrada e mais justa, garantia do bem-estar das gerações futuras.

Com particular satisfação entreguei o prêmio à Senhora Maria Cláudia Schmidt. Sua presença atesta o papel crescente que a mulher vem assumindo em todas as atividades da vida social e econômica do Brasil. É mais um sinal do processo de modernização de nossa sociedade e um estímulo ao surgimento de novas vocações empresariais entre as brasileiras.

Por todas estas razões, realçadas pelo momento histórico presente, em que o Brasil, mais do que nunca, precisa do trabalho, da criatividade, da capacidade organizacional, do espírito empreendedor e do patriotismo de seus filhos, por todas estas razões, repito, é com grande prazer que presido a esta cerimônia de entrega do Prêmio Tecnologia Liceu à Fundação Tupy.

13 DE JULHO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
DISCURSO DIRIGIDO AO POVO BRASI-  
LEIRO EM CADEIA NACIONAL DE RÁ-  
DIO E TELEVISÃO

Meus queridos Patrícios:

Boa-noite.

Nos últimos dias tenho recebido pelo correio, pela Imprensa, pela televisão, mensagens de todos quantos se interessam por minha saúde.

É impossível traduzir toda a emoção e o conforto que me trazem essas expressões de carinho, que tanta gente amiga me envia em um momento difícil da vida.

Afasto-me temporariamente da Presidência e do País com um profundo sentimento de gratidão, que quero expressar pessoalmente a você, meu amigo, que se preocupa comigo.

Que Deus os abençôem. E até breve.



26 DE AGOSTO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

IMPROVISO POR OCASIÃO DE SUA  
REASSUNÇÃO NO CARGO DE PRESI-  
DENTE DA REPÚBLICA

Excelentíssimo Senhor Doutor  
Aureliano Chaves de Mendonça,  
Vice-Presidente da República,  
Excelentíssimo Senhor Deputado Flávio Marcílio,  
Presidente da Câmara dos Deputados,  
Excelentíssimo Senhor Senador Nilo Coelho,  
Presidente do Senado Federal,  
Excelentíssimo Senhor Ministro Cordeiro Guerra,  
Presidente do Supremo Tribunal Federal,  
Excelentíssimos Senhores Governadores de Estado,  
Excelentíssimos Senhores Ministros,  
Excelentíssimos Senhores Parlamentares,  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Volto ao exercício da Presidência da República com o quadro da crise mais profunda que envolve o Mundo e a sociedade brasileira. Crise econômica e financeira que se prolonga há quase 3 anos. Volto à Presidência

com o País ainda sob os efeitos catastróficos das enchentes que devastaram o Sul e da seca que por 5 anos arrasa imensas regiões do Nordeste.

Volto à Chefia da Nação com a consciência das dolorosas preocupações que afligem o povo e o Governo. Sei que as dificuldades em todos os setores são enormes. Estou certo de que, para superá-las, conto com a ajuda de todos os brasileiros. Confio na sua colaboração, na solidariedade de que são capazes.

A democracia constitui regime em que é mister pensar em conjunto e agir em conjunto. As questões de âmbito nacional não dizem respeito a este ou aquele grupo, a esta ou aquela classe social ou parcialidade política. São questões que concernem à Nação como um todo. São questões cuja solução é encargo coletivo.

O momento em que vivemos torna esse dever particularmente imperioso. A disposição para cumpri-lo supõe vontade política de levar ao diálogo entre protagonistas expressivos da nossa vida pública. A minha disposição para o diálogo não é de agora. Já a manifestei, mais de uma vez, e continuo a acreditar que a concórdia e o consenso oferecerão novas perspectivas para as soluções dos nossos problemas econômicos, sociais e políticos.

Retomarei o Governo na certeza de que as dificuldades atuais serão superadas em curto prazo. Espero contar, para isso, com o apoio do povo, a fim de que possamos viver a salvo das dificuldades que o País atravessa.

Possuo delegação partidária para encaminhar a sucessão presidencial. Exercerei esse mandato imbuído do propósito de encaminhar a solução mais conveniente para o País. O candidato que sair das articulações que

promoverei deverá estar capacitado para valer-se dos elementos que meu governo ainda criará a fim de proporcionar melhores dias ao povo brasileiro. Cumpre ao candidato que se revista de credenciais para prosseguir, com a confiança da Nação, na institucionalização democrática do nosso País, para assegurar a paz, a prosperidade e a justiça social.

A soberania nacional é intocável. A honra da Nação sobrepõe-se a quaisquer vantagens ou concessões que firam a dignidade nacional. Não admitirei negociações econômico-financeiras que atinjam a nossa autoridade moral. Desejamos cumprir os nossos compromissos financeiros. Mas não aceitaremos imposições que impliquem na abdicação da nossa autonomia.

Sou particularmente grato ao Deputado Flávio Marcílio, Presidente da Câmara dos Deputados; ao Senador Nilo Coelho, Presidente do Senado Federal; e ao Ministro Cordeiro Guerra, Presidente do Supremo Tribunal Federal, pela presença nessa solenidade. Agradeço a presença dos Senhores Governadores dos Estados da União, testemunho eloqüente de que o espírito democrático e a cordialidade presidem às relações políticas do Brasil de hoje.

Vejo, com satisfação, reunidos, os Senhores Ministros de Estado, meus auxiliares diretos nas graves responsabilidades de Governo. Desejo ressaltar, Doutor Aureliano Chaves, a competência, a lealdade e a exação com que Vossa Excelência me substituiu durante o meu forçado afastamento, cumprindo fielmente as diretrizes já traçadas pelo meu governo.

Não é próprio do homem fugir ao seu destino. Não fugirei ao meu. Enfrentarei os obstáculos da atual conjuntura certo de contar com o apoio do povo brasileiro. A minha palavra, ao reassumir a Presidência da Repú-

blica, é de confiança e de otimismo. E é com este espírito e com este ânimo que me dedicarei à luta de restituir ao País a tranqüilidade de que necessita para prosperar e para o bem-estar do povo brasileiro, que tanto o merece.

Muito obrigado.

31 DE AGOSTO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
IMPROVISO AO RECEBER A SENADO-  
RA EUNICE MICHILES ACOMPANHA-  
DA DOS PREFEITOS DO ESTADO DO  
AMAZONAS

Excelentíssima Senhora Senadora Eunice Michiles,  
Senhores Senadores,  
Senhores Deputados Federais e Estaduais,  
Senhores Prefeitos,  
Senhor Prefeito de Parintins:

Eu agradeço, comovido, a homenagem que os Senhores acabam de me prestar com a sua presença, com a palavra do nosso Prefeito e com a palavra da nossa Senadora.

Agradeço, penhorado, esse ato de calor humano e de consideração para comigo, vindo aqui para dizer, em nome de todos os amazonenses que os Senhores representam, da satisfação pelo pronto restabelecimento.

Desejo louvar a iniciativa dos Senhores, consubstanciada nesse documento que me apresentaram, em que vejo o amazonense preocupado com o desenvolvimento do seu Estado, e buscar as experiências possíveis no seu

solo, em solos de outros Estados, que este exemplo frutifique para outras regiões do País.

Meus parabéns.

Eu desejo agradecer também, Senhora Senadora, o convite que me foi feito para que vá ao Amazonas, convite que eu aceito prazerosamente. E entrarei em ligação com a Senhora e com o Governador do Estado para verificarmos qual a melhor data.

E finalmente, Senadora Michiles, poucos, muito poucos, mas muito poucos mesmo tiveram a coragem que teve a Senhora de vir a mim diretamente e dizer que o povo está sofrendo com as medidas que o Governo está tomando, mas que compreende como necessárias essas medidas pela situação que o País está atravessando. Só por essas palavras, Senadora, de confiança naquilo que está sendo feito na Amazônia, só por essas palavras eu devo meditar mais um pouco sobre o que se passa na Zona Franca de Manaus. Não que eu julgue que as medidas não são devidas, mas que eu julgue, isto sim, que as medidas podem ser amainadas com um pouco de prejuízo, é verdade, para a Nação, mas com grande satisfação para o povo do Amazonas.

Muito obrigado.

02 DE SETEMBRO  
CLUBE DO EXÉRCITO  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMO-  
ÇO OFERECIDO PELOS OFICIAIS-  
GENERAIS

Senhores Ministros,  
Senhores Oficiais-Generais:

Reconfortante e estimulante, além de generoso, está sendo meu retorno à Pátria e ao exercício de meu cargo.

Materializado, inicialmente, pela recepção que me proporcionaram as autoridades, os parlamentares e a população de Brasília e também pela correspondência recebida, prossegue agora com esta homenagem.

Este reencontro — verdadeiro agasalho — com os companheiros e amigos de tantos anos, é complementado pelo afetuoso e firme pronunciamento do Ministro Walter Pires.

Seis semanas de convalescença precederam meu retorno, na última sexta-feira, à Presidência da República. Foram dias de observação e de reflexão.

Longe do centro dos acontecimentos nacionais, pude analisar e conferir, com perspectiva ampla e visão de

conjunto, o rumo da trajetória que adotamos para superar os problemas que nos afligem.

Dificuldades econômicas, desajustes financeiros, desigualdades sociais. No Mundo e no Brasil. A hora é de crise.

Toda a sociedade está em crise, porque dela não escapa qualquer cidadão. Todos estamos envolvidos e atingidos. Fatos e acontecimentos desfavoráveis e prejudiciais nos alcançam sempre. Ora, diretamente, por suas repercussões e conseqüências materiais; ora, emocionalmente, pela carga incessante e inescapável do noticiário que nos avassala a cada dia.

A tensão crescente que daí se origina repercute e ecoa no meio social. Todos vivem sob a perplexidade, imersos em angústias e insegurança e, mais que tudo, ansiosos de que se obtenham, de repente, resultados positivos por meio de miraculosas soluções indolores; que se restabeçam, a curtíssimo prazo, condições de retomada do desenvolvimento, com o pleno emprego e a prosperidade que há poucos anos atrás imperavam no Brasil e no Mundo.

Temos de encarar as coisas tais como são. Visamos ao desenvolvimento e ao pleno emprego. Queremos o aumento da renda real de cada brasileiro e a correção das injustiças sociais. Mas não podemos resvalar para a demagogia das promessas infundadas.

Vamos restabelecer a prosperidade no País. Entretanto, a amplitude e a profundidade das causas dos problemas atuais não permitem antever saídas fáceis e rápidas.

Não há soluções eficazes ao alcance exclusivo de um só grupo social ou de um só país. O consenso, que se reclama internamente, é também condição necessária

para que se possa reativar os mecanismos da prosperidade no plano internacional. O Mundo está cada vez mais integrado, e as nações, cada vez mais interdependentes.

Por isso, a busca de soluções duradouras para problemas de grande amplitude é penosa. Exige contatos e negociações continuadas, com múltiplos interlocutores. É tecer a trama positiva do entendimento, com persistência, com paciência, sem esmorecimento.

Em certos momentos avultam as dificuldades, aguçam-se as tensões, crescem as ansiedades.

Nessa hora, multiplicam-se as críticas e despontam os oráculos apressados, com avaliações injustas, sugestões parciais e contraditórias, muitas vezes sem pleno conhecimento de causa, outras realmente de má-fé. Reclamam-se resultados impossíveis para o dia de amanhã. Pressiona-se por mudanças e alterações nos rumos da política.

Enfrentar os problemas criados no Brasil pela crise econômico-financeira equivale a lutar uma longa batalha. Estamos, agora, vivendo os momentos críticos de negociações e entendimentos vitais para que possamos equacionar, no plano externo, soluções viáveis e adequadas a nossos interesses e aspirações.

Senhores Oficiais-Generais,

Batalhas se vencem e se perdem nesse momento crítico. É a hora decisiva em que é preciso manter o equilíbrio psicológico. É a hora em que se impõe guardar a serenidade, a firmeza diante do alarido crítico e da reclamação imatura que prega precipitadas modificações táticas e até estratégicas.

É o momento de manter posições, aferrar-se ao terreno conquistado, confiar na estratégia adotada e manter a linha de ação. É a hora de resistir ao peso da psi-

colôgia da crise: ante o perigo, coragem; na incerteza, segurança; na desordem, firmeza; na crise, o exemplo da serenidade.

Não por teimosia cega. Não por facciosismo radical. Não por exclusiva disciplina. Mas porque conhecemos o potencial do País e a sólida base econômica que nele construímos; sabemos da capacidade produtiva de nossa gente e confiamos na inevitabilidade do império da razão e do equilíbrio nas relações entre as nações.

O projeto democrático, que marca o nosso rumo e consubstancia as aspirações de nosso povo, propicia a diversidade de idéias, de interpretações, de propostas.

Império do estado de direito, a democracia pressupõe que cada instituição nacional exerça estritamente, e em sua plenitude, suas funções sociais.

As Forças Armadas e cada um dos seus integrantes, como bem assinalou o Ministro do Exército, fazem desse postulado sua diretriz maior de atuação, não se afastando do cumprimento rigoroso de suas funções constitucionais.

É essencial que todas as demais instituições do Estado igualmente cumpram o papel que a comunidade e as leis lhes reservam.

No difícil momento em que vivemos, avulta a responsabilidade dos partidos e dos políticos.

A cidadania deles espera que saibam superar as divergências, sufocar as ambições menores e, preservando a unidade partidária, orientar suas atividades para a promoção do interesse coletivo.

A democracia cresce e se fortalece na liberdade de expressão, com a informação objetiva, verdadeira e completa. Com a crítica construtiva, com a variedade de

opiniões, com a independência de posições dos protagonistas da cena política.

Com o exercício dessa liberdade, cresce em paralelo a responsabilidade de todos. Responsabilidade para com o País, para com os concidadãos, para com as gerações vindouras, para com a coisa pública, para com a verdade, para com o bem-comum. Responsabilidade não só pelas palavras, mas pelos atos. Pelas conseqüências e pelo exemplo das ações e posturas adotadas.

Nesse exercício conjunto de liberdade e responsabilidade, o diálogo construtivo substitui as pressões descabidas e se expande, necessariamente, em todos os campos.

Senhores Oficiais-Generais,

Quero dizer-lhes que volto fortalecido pelo otimismo e pela confiança. Cresceu a dimensão dos nossos problemas porque o Brasil cresceu. E igual se tornou a missão constitucional das Forças Armadas e a expectativa da Nação que lhes atribui essa responsabilidade.

Momentos de transformação e de dificuldades, como vivemos agora, os homens e os povos atravessam, apoiados na confiança, na firmeza, na serenidade, no otimismo que fluem da solidez de suas instituições e organizações fundamentais.

Essa firmeza emocional, essa confiança e esse otimismo estão no espírito da missão que nossa Lei Maior atribui às Forças Armadas. Esse espírito, essa missão imanente está aqui, no coração e na razão de todos.

Agradeço aos companheiros, tantos de vós colegas e amigos de uma vida inteira, o gesto comovedor desse instante de conagraçamento, expressivamente registrado nas palavras do General Walter Pires.



26 DE SETEMBRO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
DISCURSO AO RECEBER HOMENA-  
GEM DO PRESIDENTE DA ABRAJORI E  
PRESIDENTES DAS ADJORIs.

Senhor Presidente da ABRAJORI,  
Senhor Presidente das ADJORIs:

Agradeço, sensibilizado, a demonstração de apreço e de carinho que os Senhores acabam de me dar, em particular com esta significativa e emocionante alusão ao Mapa do Brasil com um coração nele incrustado e que, no dizer das palavras do seu Presidente, feriu meu coração. Mas, tal como ele se apresentava, Senhor Presidente, incrustado de brilhante, eu poderia dizer que esse coração representa mais que o coração dos Senhores porque, para colocar brilhantes no coração, só mesmo com a gratidão que os Senhores estão demonstrando por tão pouco que fiz pelas Associações.

Para mim, sempre que olhar para essa placa eu vou lembrar do Brasil da década de hoje.

Muito obrigado.



27 DE SETEMBRO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRÁSÍLIA-DF  
IMPROVISO AO RECEBER A COMIS-  
SÃO INTERPARTIDÁRIA DE PREFEI-  
TOS

Senhores Prefeitos,  
Senhores Vereadores:

Eu agradeço a presença honrosa, para mim, dos Senhores aqui na minha casa de trabalho com o simples motivo de me cumprimentar.

O trabalho que os Senhores acabam de realizar me foi entregue pela comissão designada e eu tive a oportunidade de dar minha opinião sobre o assunto. Opinião franca e sincera em que disse para eles que eu esperava ter a primeira possibilidade de um início de reforma tributária no 2.º semestre do ano que vem. Expliquei as razões à Comissão porque não devo e não posso, mesmo que o quisesse fazer, fazer desde já como era da opinião dos Senhores.

Muito obrigado pela presença dos Senhores e muitas felicidades.



29 DE SETEMBRO  
ESPORTE CLUBE PINHEIROS  
SÃO PAULO-SP  
DISCURSO POR OCASIÃO DA POSSE  
NA DIRETORIA DA FIESP

Excelentíssimo Senhor Governador do Estado,  
Excelentíssimos Senhores Ministros de Estado,  
Senhores Parlamentares,  
Autoridades presentes,  
Meus Senhores:

Reunidos em torno de Luiz Eulálio de Bueno Vidigal para homenageá-lo no início de um novo mandato à frente da FIESP estão as mais altas figuras das classes empresariais de São Paulo e do Brasil.

Aceitei com muito prazer o convite para comparecer a esta reunião porque desejava, mais uma vez, manifestar pela minha presença a fé inabalável que deposito na livre iniciativa e no funcionamento da economia de mercado como pilares de sustentação do Brasil livre e democrático.

Não preciso aprofundar-me nos problemas enfrentados pela economia brasileira, nem nas causas externas e internas que deram origem à atual crise.

Não creio necessário, tampouco, enumerar os sintomas econômicos que afligem a todos os brasileiros, mas cujas manifestações mais dolorosas são certamente a alta do custo-de-vida e o desemprego.

Conhecemos os nossos males. O que importa é unir forças para enfrentá-los e para levar avante o programa de reajustamento da economia brasileira e o combate drástico à inflação.

A adesão da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo à campanha de mobilização da sociedade brasileira para apoiar o programa de recuperação de nossa economia é altamente estimulante. Demonstra a maturidade de nossa classe empresarial, capaz de bem avaliar a presente situação e de compreender a política econômica que devemos adotar; política difícil, porém inadiável.

A solução de nossos problemas, assinalou o Presidente da FIESP, exige atitudes corajosas. Não foge o Governo à sua responsabilidade. Tem arrostado a incompreensão de muitos; alguns, ainda que bem intencionados, incapazes de perceber a gravidade da situação ou de compreender os mecanismos financeiros internacionais contemporâneos; outros, pescadores de águas turvas, interessados em propiciar o caos na esperança de ilusório ganho de prestígio ou de poder.

A hora não comporta hesitações. É hora de união em torno dos objetivos nacionais para consolidar a sociedade livre e democrática que a Nação deseja construir e preservar.

O programa econômico do Governo é coerente e não se lhe oferecem alternativas viáveis nas atuais circunstâncias. É preciso que todos os segmentos da sociedade o apoiem, aceitando sua parcela de sacrifício. É preciso que todos atentem para o alcance de sua responsabilidade, porque a desunião e a falta de colaboração,

neste grave momento, podem ter um custo por demais elevado para a Nação.

De minha parte, não fugirei à responsabilidade de meu mandato. Estou decidido a empenhar todas as energias para a recuperação de nossa economia, objetivo que diz respeito, hoje, à própria segurança da Nação.

Não pouparei esforços, nem hesitarei diante de qualquer sacrifício para cumprir meu dever. Não desejo arcar com o peso da consciência de haver abandonado o caminho correto, mas penoso, da austeridade por incursões aventurosas em trilhas aparentemente fáceis, que só nos levariam ao descrédito e à desarticulação da economia nacional.

Cioso da compreensão e do apoio que o povo brasileiro tem dado à minha luta pela consolidação democrática e pela recuperação de nossa economia, não admito a hipótese de sacrificar os mais altos objetivos do meu governo, que são os objetivos da Nação, às impressões passageiras de desânimo ou desencorajamento, fruto do período difícil que nos impõe o combate à inflação.

Agradeço a manifestação da tranqüilidade, da coragem e do equilíbrio que os dirigentes da Indústria de São Paulo acabam de demonstrar, pela palavra autorizada de seu presidente.

Da colaboração dos Senhores depende a concretização do propósito de entregar a meu sucessor um País fundado em sólidas instituições democráticas e uma economia novamente em crescimento.

Muito obrigado.



05 DE OUTUBRO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO DIRIGIDO À NAÇÃO BRASILEIRA EM CADEIA NACIONAL DE RÁDIO E TELEVISÃO

Brasileiros:

As atenções das correntes políticas e da Imprensa têm-se voltado, predominantemente, para a questão da sucessão presidencial. Embora relevante, e merecedora, por isso mesmo, de meus cuidados, tal questão deve, por ora, passar a segundo plano.

Vivemos momentos de grandes dificuldades econômicas. Precisamos concentrar nosso esforço criativo na identificação de soluções para os problemas que decorrem dessa crise econômica. O debate, e mesmo a controvérsia, que presenciamos diante das opções que se apresentam, são próprios da vivência democrática. Considero-os saudáveis e necessários. Provam o fortalecimento das instituições democráticas. Tenho tomado conhecimento de todas as alternativas e sugestões apresentadas. Diante desse quadro, e da necessidade de dar conseqüência prática a esse amplo processo de análise, determinei o reexame das medidas adotadas em julho passado.

Os objetivos da política adotada têm de permanecer porque o problema permanece: temos de reduzir o *deficit* público, combater o desemprego, controlar a inflação e restabelecer o crescimento econômico. As medidas exigidas para atingir esses objetivos impõem sacrifício a toda a sociedade. No debate, há um ponto de convergência: o combate à inflação. Existe consenso em torno dessa diretriz: É preciso reduzir a inflação. Não podemos continuar com a alta de preços, com a destruição do nosso poder aquisitivo, com o enfraquecimento da nossa atividade empresarial. Não podemos continuar com as expectativas negativas da inflação, tanto para os assalariados quanto para os empresários.

Em relação ao componente externo da questão, as soluções estão sendo equacionadas com árduo e paciente trabalho. Desde o meu pronunciamento nas Nações Unidas, e os vários contatos que mantive com líderes de países industrializados, negociamos meios de fortalecer nossa posição financeira externa.

No *front* interno, chegamos à proposta adotada no Decreto-lei n.º 2.045, que ataca três dos fatores que alimentam a inflação: a elevação do custo salarial, dos aluguéis, e da prestação da casa própria.

Desde então, assisto à controvérsia instaurada na sociedade brasileira em torno das opções apresentadas nesse decreto-lei. Em todos os países que enfrentaram o mesmo problema, nos últimos anos, a sociedade começou o combate por medidas semelhantes e obteve sucesso. Isso ocorreu inclusive em países de governos socialistas ou trabalhistas.

Minha consciência democrática aponta o caminho do diálogo, da sensibilidade a sugestões, da busca do entendimento sobre as melhores opções. Cumprindo minha orientação, o Governo já iniciou esse processo de reexa-

me por uma consulta partidária. A distribuição mais equânime dos inevitáveis sacrifícios que a política de combate à inflação acarreta será mais adequadamente alcançada com a audiência da sociedade política.

Numerosas sugestões e alternativas estão sendo recolhidas pelo Governo, buscando identificar, no campo fiscal e trabalhista, medidas que reforcem os instrumentos de que dispõe a Nação para combater a inflação e o desemprego.

O País atravessa verdadeiro estado de necessidade. A situação exige medidas adequadas à gravidade do tempo em que vivemos.

Confio em que todas as forças políticas corresponderão ao desafio da hora. É imprescindível que se unam ao Governo na defesa do bem-comum e do interesse nacional.

Muito obrigado.



12 DE OUTUBRO  
CINERAMA  
CAMBORIÚ-SC

DISCURSO POR OCASIÃO DA ABERTURA DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE AVICULTORES E 8º CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE AVICULTORES.

Minhas Senhoras,  
Meus Senhores:

Minha presença nesta reunião, que congrega avicultores do Brasil e da América Latina, testemunha meu interesse por um dos mais dinâmicos setores de nossa economia rural. Demonstra o reconhecimento pelo trabalho que multiplicou nossa produção avícola e conquistou para o Brasil importante posição no mercado internacional, contribuindo com valores crescentes para nosso esforço de exportação.

Congratulo-me com todos os presentes pelas deliberações dos dois Congressos — o brasileiro e o latino-americano — que, estou certo, muito contribuirão para o desenvolvimento da avicultura no Brasil e na América Latina.

Conheço os resultados alcançados por nossa avicultura e as dificuldades que ora enfrenta. O Governo examinará atentamente os trabalhos e as reivindicações

apresentadas para procurar, nos limites das dificuldades do momento, atender da melhor forma os interesses do setor.

É com grande prazer que volto a Santa Catarina. Tinha para comigo mesmo o compromisso de vir aqui dizer ao povo catarinense o quanto aprecio sua competência, sua coragem, sua capacidade de trabalho postos a prova, mais uma vez, na dura experiência das terríveis enchentes que flagelaram o Estado.

Os catarinenses souberam construir uma das sociedades mais equilibradas no âmbito da família brasileira. A difusão da propriedade agrícola de pequeno e médio porte, a desconcentração urbana e industrial, o equilíbrio entre atividades agrícolas, industriais e de serviços fazem da economia e da sociedade catarinense um modelo a ser estudado e meditado. Profundamente castigados pelas cheias que destruíram tantos anos de trabalho individual e coletivo, e o capital social acumulado pelo esforço de gerações, os catarinenses demonstram, no esforço de reconstrução, as qualidades que forjaram ao escrever a história da conquista e do desenvolvimento destas terras.

Não lhes faltou a solidariedade de todo o povo brasileiro e o apoio do Governo Federal. A liberação dos recursos do Fundo de Garantia e as linhas de crédito especial forneceram os recursos financeiros indispensáveis à arrancada de reconstrução. O mérito da notável obra já realizada cabe, por inteiro, ao povo catarinense e ao seu governo, que deram a medida de seu valor e de sua competência.

A dura experiência que vive Santa Catarina e a capacidade de enfrentar a adversidade revelada por seu povo encerram uma lição para todos nós. Unidos em

torno de um objetivo comum, os catarinenses não pouparam esforços na recuperação da economia do Estado.

Com eles, devemos todos os brasileiros unir forças e partilhar sacrifícios para a recuperação da economia nacional. Este esforço só produzirá resultados se for aceito e querido por todos. O Governo tomou a iniciativa: dispõe-se a rever posições à luz de novas propostas e sugestões, venham elas do PDS, dos partidos da oposição ou de outros setores representativos da sociedade brasileira.

Os brasileiros somos, por índole, inclinados ao diálogo, à negociação, ao entendimento. O país confia em seus líderes e representantes. Espera que, movidos do mesmo ânimo positivo, possamos compor interesses e pontos de vistas diversos numa linha de conduta que nos leve, em bases realistas, ao controle da inflação, do desemprego e à retomada do crescimento econômico.

Confiante no valor do diálogo como instrumento da democracia, espera o Governo que seus interlocutores venham, de espírito desarmado, colaborar na importante tarefa de enfrentar a crise, reequilibrar a economia e dar bases sólidas ao desenvolvimento de uma sociedade democrática.

Não ignoro as dificuldades desta nova etapa do processo de abertura. Estou certo, porém, de que, se todos estiverem animados do mesmo espírito construtivo que inspira minhas iniciativas estaremos no bom caminho.



27 DE OUTUBRO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO AO RECEBER O «OPERÁ-  
RIO PADRÃO DO BRASIL» 1983

Senhor Ministro do Trabalho, Murilo Macedo,  
Senhor Senador Albano do Prado Campo,  
Presidente da Confederação Nacional da Indústria,  
Senhor Arnaldo Nogueira, meu particular amigo,  
representante do jornalista Roberto Marinho,  
também meu fraternal amigo,  
Meus Senhores e Minhas Senhoras:

As portas do Palácio do Planalto abrem-se mais uma vez para receber os operários-padrão, selecionados anualmente numa promoção do Serviço Social da Indústria e de «O Globo».

O significado deste ato está na manifestação de apreço e de reconhecimento do Governo e de toda a sociedade pelas altas qualidades do operário brasileiro, por sua capacidade de trabalho, pela sua crescente competência profissional, pela sua atitude responsável como chefe de família e membro da comunidade.

Num momento em que toda a Nação unida participa de um penoso esforço pela recuperação de nossa economia, mediante o reequilíbrio das contas externas e o controle inflacionário, merece especial referência a coragem com que os trabalhadores de todo o Brasil vêm aceitando as inevitáveis restrições e limitações decorrentes da crise.

Aproveito esta oportunidade para agradecer, na pessoa do operário-padrão do Brasil, de seus colegas operários-padrão de todos os Estados e a todos os operários e trabalhadores do Brasil sua colaboração nos duros momentos que vive o país.

A «O Globo» e ao SESI os renovados cumprimentos pela meritória iniciativa.

Aos operários-padrão aqui presentes, a Celso Santos Valentim, operário-padrão de 1983, meus cumprimentos pela justificada escolha.

Muito obrigado.

10 DE NOVEMBRO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

IMPROVISO POR OCASIÃO DA SOLE-  
NIDADE DE LANÇAMENTO DO PRI-  
MEIRO DOS CINCO MILHÕES DE  
EXEMPLARES DA CARTILHA «ABC  
DA TERRA»

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente,  
Doutor Aureliano Chaves,  
Excelentíssimo Senhor Ministro Danilo Venturini,  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Entre os problemas cruciantes que afligem a nação brasileira, antes, muito antes de estar envolvido na vida pública — estar ainda entre os muros dos nossos quartéis — eu tinha bem presente que entre esses problemas cruciantes três coisas me preocupavam acima de qualquer outras: uma, a questão fundiária; a outra, a questão demográfica; e a terceira, a pobreza absoluta de certas áreas. Dessas três questões cheguei à conclusão de que os males que, no futuro, poderiam advir à Nação, eles viriam em progressão geométrica, caso não enfren-tássemos resolutamente cada um deles.

Infelizmente a crise econômica que assolou o País, a partir de 1974, e que se acirrou mais no meu governo, face ao paralelismo da crise mundial, não foi possível enfrentar, como era de desejar, o terceiro problema.

Mas, razão de sobra eu tinha para, na primeira oportunidade que tive, criar um Ministério que especificamente tratasse da questão fundiária e paralelamente desse ao nosso homem e à nossa sociedade um código agrário para o país.

Eu me congratulo com o Ministro Venturini e com a sua equipe por esse primeiro grande passo que está sendo dado no sentido de resolver a primeira grande questão que me preocupou muito antes de ser candidato.

Muito obrigado.

14 DE NOVEMBRO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

IMPROVISO AO DAR POSSE NO CAR-  
GO DE MINISTRO DA PREVIDÊNCIA E  
ASSISTÊNCIA SOCIAL AO DOUTOR  
JARBAS PASSARINHO

Excelentíssimo Senhor Doutor Aureliano Chaves,  
Vice-Presidente da República,  
Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,  
Excelentíssimo Senhor Presidente  
da Câmara dos Deputados,  
Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal  
Federal,  
Senhores Líderes do PDS na Câmara dos Deputados  
e no Senado Federal,  
Excelentíssimo Senhor Presidente  
do Partido Democrático Social,  
Senhores Ministros:

Jarbas Passarinho, eu o conheci cadete. Eu o conheci como tenente, instrutor na Escola Militar, onde juntos partilhamos as mesmas alegrias e as mesmas amarguras. Eu o conheci aluno da Escola do Estado-Maior e depois o conheci, junto comigo, como instrutor. Conheci o Oficial do Estado-Maior, conheci o ad-

ministrador, conheci o governador, conheci o senador e o Presidente do Senado. Daí porque fui buscá-lo para essa difícil missão: gerir, na atual conjuntura de dificuldades, as questões da Previdência Social e da Assistência Médica.

Tenho certeza que Jarbas Passarinho vai se portar como das outras vezes, como Ministro que foi, menos como amigo que sempre foi desde tenente, e mais como administrador e como patriota.

Tenho certeza que ele fará a sua gestão moldada à sua fértil imaginação, impulsionada pela sua inteligência brilhante e que ele vai me trazer aquelas sugestões possíveis dentro da realidade do momento.

Agradeço ao Jarbas Passarinho a presteza com que veio fechar a lacuna deixada pelo Doutor Hélio Beltrão.

E tenho a certeza que, após essa gestão, Passarinho continuará mais amigo do que agora, porque é, de fato, a missão mais difícil que ele já teve em toda a sua vida pública.

Felicidades, Passarinho.

15 DE NOVEMBRO  
RESIDÊNCIA OFICIAL (STATE HOUSE  
MARINA)  
LAGOS-NIGÉRIA  
DISCURSO AO INICIAR OS TRABALHOS EM LAGOS

Excelentíssimo Senhor Presidente Shehu Shagari,

Desejo que minhas palavras sirvam para expressar a Vossa Excelência minha satisfação pessoal e de toda minha comitiva com a magnífica acolhida que estamos recebendo em seus país. A generosa hospitalidade do povo e do Governo da Nigéria muito nos emociona e confirma mais uma vez o valor humano dos laços que tradicionalmente unem os nossos países.

Desejo, igualmente, agradecer-lhe as palavras que acaba de proferir com relação ao meu país e a mim mesmo e manifestar a honra que sinto ao inaugurar juntamente com Vossa Excelência esta reunião, que permitirá às nossas duas delegações dar continuidade ao profícuo diálogo que caracteriza as relações entre a Nigéria e o Brasil.

Na busca de caminhos para dar expressão concreta à vontade política de nossos Governos em favor de sua maior aproximação, estou certo de que os representantes

nigerianos e brasileiros, unidos, saberão conduzir os trabalhos que ora se abrem com dinamismo e espírito de entendimento.

Desse esforço conjunto em favor dos legítimos anseios de nossos países surgirão certamente perspectivas de um novo patamar em nosso relacionamento amigo.

Dei aos representantes brasileiros instruções para que tudo façam para cooperar com seus colegas nigerianos no trabalho de consulta e negociações que ora se inicia.

Desejo agora apresentar a Vossa Excelência os membros da delegação aqui presente.

16 DE NOVEMBRO  
TEATRO NACIONAL  
LATOS — NIGÉRIA

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR  
OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA  
NIGÉRIA SENHOR SHEHU SHAGARI

Excelentíssimo Senhor Presidente Shehu Shagari:

Desejo inicialmente agradecer a Vossa Excelência as palavras fraternas que acaba de dirigir ao meu país e a mim e manifestar, por seu intermédio, ao povo e ao Governo da Nigéria o meu reconhecimento e de todos os que me acompanham pela acolhida extraordinariamente calorosa que estamos recebendo desde que chegamos ao seu país.

Não seria demais ressaltar que nós, brasileiros, pela semelhança do clima e de costumes e pela gentileza do tratamento que nos está sendo dado em Lagos, sentimos-nos em casa.

Em 1961, a Nigéria e o Brasil inauguraram seu diálogo político como países independentes e, desde então, construíram uma convivência que se distingue pela amizade, pela franqueza e pela cooperação construtiva.

A visita que ora realizo ao grande país de Vossa Excelência constitui novo marco nesse processo de apro-

ximação e certamente irá fortalecer os vínculos tão importantes que nos unem.

Ao pisar o solo africano, não posso deixar de manifestar que o faço com emoção e também com legítimo orgulho.

Pela primeira vez, um Presidente do Brasil vem à África e, por felicidade, começa sua visita por Lagos, dinâmica capital de um país tão amigo do Brasil, de um país cujo povo tanto contribui para a formação da nacionalidade brasileira. Um país, além do mais, de significativa expressão política e econômica, de personalidade marcante e que desempenha papel de relevo no Continente e no cenário internacional.

Do Brasil, trago um sentido agradecimento, pois da África, e em boa parte da Nigéria, o povo de meu país herdou muitos de seus sentimentos mais enraizados, de seus traços culturais mais autênticos e de suas mais caras tradições.

Por outro lado, aqui mesmo em Lagos encontramos o chamado bairro brasileiro para onde reluíram, em busca de suas origens e na reconquista da liberdade, africanos e afro-brasileiros que trouxeram traços de nossa cultura até hoje conservados na paisagem desta pujante Cidade.

Senhor Presidente:

A coesão que estão destinados a manter o Brasil e a Nigéria não reflete apenas o nosso passado comum, mas também interesses e aspirações convergentes e a consciência das evidentes vantagens que decorrem da cooperação mútua.

No Brasil, acompanhamos com o maior interesse o processo de afirmação internacional da Nigéria e podemos muito bem aquilatar a importância da liderança de

Vossa Excelência como intérprete autêntico dos anseios do povo nigeriano, assim como reconhecer o valor dos esforços desenvolvidos por Vossa Excelência em prol das causas da liberdade, da justiça e do desenvolvimento econômico e social.

Senhor Presidente:

As afinidades e os vínculos que temos com a África conferem dimensão e natureza especiais ao relacionamento do Brasil com os países irmãos deste Continente.

Ligam-nos a tradição histórica, o parentesco entre nossos povos e as águas de um mesmo oceano, assim como as aspirações comuns de paz, segurança e bem-estar.

Não poderia, conseqüentemente, o Brasil alhear-se aos destinos do continente africano.

Para o Brasil, na verdade, é prioritário o seu relacionamento com as nações irmãs deste lado do Atlântico. Visamos à cooperação igualitária baseada no respeito mútuo e orientada pelo espírito de independência autêntica que anima nossas nações.

Desejamos — e temos encontrado ampla compreensão por parte da Nigéria e de outros países africanos — manter o mar que banha nossos litorais a salvo das tensões internacionais e permanentemente voltado ao nosso intercâmbio pacífico.

A aproximação crescente e fraternal com nossos vizinhos da África constitui vetor fundamental da ação diplomática do Brasil. O relacionamento frutífero, denso e abrangente, que mantemos com a República Federal da Nigéria é uma de suas manifestações mais expressivas.

Senhor Presidente:

Verifico que as relações entre a Nigéria e o Brasil depois de passarem por expressivo processo de cresci-

mento e diversificação estão hoje enfrentando, no plano comercial, severas dificuldades em consequência das vicissitudes decorrentes da presente crise econômica internacional.

Havíamos conseguido ampliar nosso intercâmbio comercial da faixa de 22 milhões de dólares, nos dois sentidos, em 1972, para 1 bilhão e meio de dólares em 1981, de forma equilibrada.

Mas a Nigéria e o Brasil, justamente por se terem revelado economicamente dinâmicos e por se haverem integrado nas grandes correntes de comércio internacional, estão sofrendo de forma frontal e desproporcional o impacto da recessão internacional.

Já no ano passado, os efeitos adversos da crise começaram a fazer-se sentir nos fluxos comerciais. Testemunhamos, assim, queda substancial no promissor intercâmbio comercial entre a Nigéria e o Brasil.

Cabe a nossos países neste momento, Senhor Presidente, o dever de responder ao desafio que nos é feito e unir esforços para a retomada da cooperação econômica e comercial a níveis compatíveis com o vasto grau de complementaridade de nossas economias e as legítimas expectativas de nossos povos.

Para tanto não nos faltam nem vontade política nem capacidade empreendedora. Mesmo diante da escassez de recursos e da conjuntura internacional adversa, estou certo de que saberemos desenvolver fórmulas novas e criativas que promovam mecanismos viáveis de estímulo à cooperação bilateral.

Os domínios que nos oferecem as potencialidades de nossas nações incluem áreas tão diversificadas quanto os setores de telecomunicação, construção civil, engenharia de base, consultoria técnica, urbanismo e implan-

tação de projetos industriais. A agricultura nos abre avenidas amplas de cooperação e no domínio do petróleo são visíveis as possibilidades concretas derivadas de entendimento consistente e de relações sólidas e duradouras entre a PETROBRÁS e a NNPC.

Para a consecução desses objetivos devemos continuar a incentivar os contatos já numerosos entre brasileiros e nigerianos. Também a Comissão Mista de Coordenação bilateral constitui mecanismo precioso para o exame de novas idéias.

Torna-se necessário que nossos governos e todos os segmentos das sociedades brasileira e nigeriana se empenhem num esforço de imaginação sério e conseqüente que permita dar forma e contornos próprios ao grande objetivo de fortalecer nossa cooperação.

Senhor Presidente:

A recessão em escala mundial, a séria retração dos fluxos financeiros internacionais e a perda do dinamismo do comércio internacional compõem um quadro de graves e profundas dificuldades.

Para os países do Terceiro Mundo, essa dura realidade encontra já conhecida tradução: a deterioração grave dos seus termos de troca; o agravamento e a sofisticação das modalidades de protecionismo contra seus produtos nos mercados dos países industrializados; a persistência de elevadas taxas de juros reais e as reduzidas perspectivas de alteração desse comportamento; as novas e mais diretas formas de pressão sobre os instrumentos de política econômica adotados pelos países em desenvolvimento para legitimamente procurar preservar a dinâmica de seu intercâmbio de bens e serviços; e a insuficiência dos recursos financeiros internacionais, que se reflete na dramática escassez do aporte financeiro ao Terceiro Mundo.

A duração, amplitude e profundidade da crise comprovam o seu caráter estrutural e revelam a visível incapacidade de o atual sistema econômico internacional — sem reformas de substância — estimular uma recuperação sustentada em escala mundial.

Os esforços de cooperação internacional realizados até agora não se têm revelado capazes de enfrentar o dramático quadro de crise que não se cinge apenas às relações entre o Norte e o Sul, mas que afeta o sistema econômico internacional como um todo.

O Brasil persiste em acreditar que somente mediante iniciativas inovadoras de cooperação internacional poderá a comunidade das nações responder aos graves desafios do presente e promover a reativação da economia mundial e que o êxito dessas iniciativas depende do reforço do entendimento e da solidariedade e não da confrontação e da acrimônia.

Renovo, pois, o meu apelo aos países industrializados no sentido de que demonstrem, na prática das negociações econômicas, sua adesão tantas vezes proclamada às virtudes de cooperação internacional para o desenvolvimento.

Senhor Presidente:

O Brasil encara com preocupação o agravamento das tensões internacionais, o surgimento de novas áreas de confrontação e a aceleração da corrida armamentista, especialmente nuclear.

Constituem esses fatos séria ameaça à paz e à segurança internacionais. Tendem a perpetuar políticas de poder que afetam adversamente os países do Terceiro Mundo, empenhados na construção pacífica de seu futuro, livres de imposições hegemônicas e de constrangimentos.

Coerente com os princípios que marcaram a construção de nossa nacionalidade, a política externa brasileira busca a prevalência do diálogo como modalidade de resolução de conflitos.

A História tem repetidamente ensinado que o uso da força não é capaz de moldar soluções equitativas e duradouras para as graves questões internacionais. Ao contrário, as soluções baseadas no diálogo franco, na negociação aberta tendem a revestir-se de maior justiça e conseqüentemente de maior permanência.

Inspirado por essa disposição ao diálogo, o Brasil defende os princípios da não-intervenção, da autodeterminação dos povos e da não-ingerência nos assuntos internos de outros países.

Dentro do espírito de solidariedade com os demais países em desenvolvimento, o Brasil repudia a tendência de transferir as tensões e os conflitos entre as Superpotências para áreas do Terceiro Mundo.

Senhor Presidente,

Unido à África por laços profundos, o Brasil não poderia deixar de expressar sua ampla solidariedade às grandes causas deste Continente, que entendemos serem as de todos os povos que lutam pela paz e pela justiça.

Por esta razão, o Brasil condena as formas superadas e anacrônicas de dominação e de injustiça ainda existentes no Sul deste Continente e manifesta repulsa às práticas de segregação e discriminação racial, que caracterizam a política de *apartheid* na África do Sul.

O Brasil defende o acesso da Namíbia à independência plena e a cessação imediata da ocupação ilegal de seu território, em cumprimento às resoluções aprovadas praticamente pela totalidade dos Estados-Membros da Organização das Nações Unidas.

Nossa condenação ao racismo e ao colonialismo se inspira no respeito aos princípios basilares do Direito Internacional, na promoção do respeito à dignidade do ser humano e na defesa de nossos interesses como povo que recebeu da África uma contribuição decisiva para sua formação e prosperidade.

Senhor Presidente:

Estou convencido de que a amizade entre a Nigéria e o Brasil não deixará de fortalecer-se e de que os valiosos contatos que pude manter com Vossa Excelência em muito contribuirão para o aprofundamento do diálogo entre os nossos países.

Ao agradecer-lhe uma vez mais as gentilezas e deferência com que estou sendo recebido em seu país, peço a todos os presentes que comigo ergam suas taças em um brinde à nação nigeriana, ao estreitamento dos laços que unem tão significativamente os povos de nossos países e à saúde pessoal de Vossa Excelência.

16 DE NOVEMBRO  
RESIDÊNCIA OFICIAL (STATE HOUSE  
MARINA)  
LAGOS — NIGÉRIA  
DISCURSO AO ENCERRAR OS TRABALHOS EM LAGOS

Excelentíssimo Senhor Presidente Shehu Shagari,

Foram tocantes e sinceras a simplicidade e cordialidade que permitiram aos representantes nigerianos e brasileiros considerar em profundidade o amplo espectro das relações entre as duas nações irmãs que são a Nigéria e o Brasil.

Nossos propósitos foram atingidos e é vasto o potencial que se descortina.

Nos campos político, cultural, científico, tecnológico, econômico e comercial, ficou patente que o intercâmbio pode aproximar-se de níveis muito mais condizentes com a potencialidade que os dois países ineludivelmente oferecem, apesar dos problemas provocados por uma conjuntura internacional desfavorável.

No aspecto econômico-comercial, nossas delegações verificaram que as oportunidades concretamente existem e que poderão ser aproveitadas pelos operosos empresários de ambas as partes. A cooperação mais densa e

mais variada pode ser imediata e mutuamente vantajosa, conforme a experiência tem inequivocadamente demonstrado.

No plano sócio-cultural, a própria identidade histórica atua como fator natural de aproximação e se transforma num elemento importante para a ampliação do interesse espontâneo de se conhecerem as manifestações artísticas produzidas num e noutro país.

No âmbito científico e tecnológico, apraz-me assinalar que já estão identificadas as numerosas áreas em que nossos técnicos poderão operar para o real proveito dos dois parceiros.

A vontade política encontra apoio nos numerosos instrumentos e mecanismos bilaterais em vigor, aos quais se juntará esse expressivo comunicado que terei a honra de assinar com Vossa Excelência e que reflete com exatidão nossas afinidades de toda a ordem.

Muito obrigado.

17 DE NOVEMBRO  
PALÁCIO DA REPÚBLICA  
BISSAU — GUINÉ-BISSAU  
IMPROVISO AO SER RECEBIDO PELO  
POVO DA CIDADE

Os nossos deuses, que são comuns ao povo da Guiné-Bissau e ao povo Brasileiro deram a mim a graça e a honra de ser o primeiro Presidente da República do Brasil a pisar as terras da Guiné-Bissau.

Trago aqui o abraço, não apenas o meu e dos meus auxiliares, mas o abraço amigo, irmão, de todo o povo brasileiro ao povo da Guiné-Bissau, pois tivemos presentes, sempre, nesses 150 anos e muito de nossas origens, das nossas tradições, da nossa História, do nosso sangue, das nossas virtudes saíram daqui da terra da Guiné-Bissau.

Queira Deus que com essa primeira visita de um Presidente brasileiro ao povo da Guiné-Bissau, as nossas relações de irmãos se apertem, se estreitem cada vez mais e possam os mandatários como o Presidente Bernardo Vieira e eu vamos procurar fazer os mandatários no futuro, trabalharem para o bem-estar de nossos povos, trazendo a felicidade, trazendo a bem-aventurança, trazendo a paz e a alegria que eu já notei neste povo, a

alegria e a felicidade permanente para os povos da Guiné-Bissau e do Brasil.

Nós, o Presidente Bernardo Vieira e eu assim o queremos e Deus há de conceder a nós esse nosso desejo

Muito obrigado.

17 DE NOVEMBRO  
AEROPORTO BISSALANCA (SALA VIP)  
BISSAU — GUINÉ-BISSAU  
DECLARAÇÃO DIRIGIDA À IMPRENSA  
POR OCASIÃO DA CHEGADA A BIS-  
SAU

É com satisfação especial que visito a República da Guiné-Bissau atendendo a convite do Presidente João Bernardo Vieira. Teremos a grata oportunidade de consolidar e aprofundar ainda mais os vínculos de amizade e cooperação que unem os nossos países.

Não poderiam ser melhores as nossas perspectivas, apoiadas que estão, desde nossos primeiros contatos, na facilidade de nosso entendimento mútuo, em nossa língua comum, em nossos pontos de vista tantas vezes convergentes.

Primeiro país de língua comum no Continente africano com o qual o Brasil estabeleceu relações, a Guiné-Bissau é também o primeiro que um Chefe-de-Estado brasileiro visita na África.

Conhecemos no Brasil a luta da Guiné-Bissau por sua independência. Conhecemos o relevante papel desempenhado pelo Presidente João Bernardo Vieira nessa luta, assim como vimos, na obra de Amílcar Cabral, os povos africanos em geral, e a Guiné-Bissau em particu-

lar, reconquistarem o direito de realizar sua própria história.

O Brasil acompanha com interesse fraterno toda a evolução dos Estados africanos nos seus esforços pela autodeterminação, independência e eliminação dos resquícios existentes de colonialismo, dominação e racismo. Conscientes e orgulhosos que somos da fundamental contribuição da África para a formação de nossa nacionalidade, as causas do nacionalismo africano são também causas brasileiras. Especialmente importante para nós é a amizade que nos une aos países de idioma comum.

Durante minha estada, infelizmente curta, concentraremos a atenção na dinamização de nossas relações de amizade e cooperação. Estou seguro de que com o Presidente João Bernardo Vieira e com a ajuda de nossos colaboradores saberemos aproveitar esta oportunidade para desenvolver ainda mais as afinidades que nos irmanam. É fácil e prazerosa esta missão, quando tão cordiais e construtivos são os propósitos que nos animam.

Reitero, pois, a felicidade que sinto em estar em Guiné-Bissau e a plena disposição de todo o meu governo em trabalhar pelo progresso de nossos entendimentos.

Muito obrigado.

17 DE NOVEMBRO  
PALÁCIO DA REPÚBLICA  
BISSAU — GUINÉ-BISSAU

DISCURSO POR OCASIÃO DO BRINDE  
NO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRE-  
SIDENTE DA REPÚBLICA DA GUINÉ-  
BISSAU SENHOR JOÃO BERNARDO  
VIEIRA

Excelentíssimo Senhor João Bernardo Vieira:

Desejo inicialmente expressar a Vossa Excelência a satisfação que esta visita a seu país representa para mim.

Minha vinda a este continente é a realização de um velho projeto e não poderia ser mais apropriado que fosse Guiné-Bissau o primeiro país de fala portuguesa ao qual me dirijo.

Há mais de nove anos, Brasil e Guiné-Bissau estabeleceram relações diplomáticas. Desde então, invariavelmente, soubemos, guineenses e brasileiros, desenvolver relacionamento profícuo e exemplar, animado pelo espírito de justiça, pela coincidência de aspirações, dentro do mais estrito respeito às respectivas soberanias e identidades nacionais. Soubemos sempre incentivar nossa cooperação bilateral, expandindo-a a diversos domínios.

As afinidades existentes entre nossos países explicam o êxito de nosso relacionamento. Nossas culturas e

nossas etnias são irmãs e é grande o orgulho brasileiro de suas raízes africanas. Grande também é o espírito de cooperação que caracteriza nossos povos na busca de parcerias equilibradas e mutuamente satisfatórias.

Não posso deixar de ressaltar ainda a permanente vontade política de nossos dois Governos, empenhados em dar forma concreta à aproximação brasileiro-guineense.

A confiança no futuro sólido da Guiné-Bissau e de nossas relações bilaterais vê-se reforçada pela lúcida liderança de Vossa Excelência que, no desenvolvimento do caminho aberto por Amílcar Cabral, constitui garantia de resultados positivos para o bem-estar do povo guineense e o estreitamento de nossos vínculos.

Sabemos hoje, com clareza, que o único entrave ao aprofundamento ainda maior de nossa cooperação mútua decorre da escassez de recursos que os países em desenvolvimento, hoje mais do que nunca, vêm enfrentando.

Não desejo discorrer sobre a crise econômica internacional e suas pesadas conseqüências no Terceiro Mundo, porquanto a recente intervenção do Senhor Ministro Fidélis Cabral d'Almada perante a Assembléia Geral das Nações Unidas evidenciou que as percepções de nossos Governos nesta matéria se assemelham.

Acredito, no entanto, que, irmanados por firme determinação comum conseguiremos, com criatividade, montar mecanismos capazes de aperfeiçoar nossa cooperação bilateral, erigindo-a em exemplo construtivo para países em condições similares.

Temos plena confiança em que os esforços empreendidos pelo Governo de Vossa Excelência, entre os quais o Plano de Estabilização e o Plano Econômico

Quadrienal, constituirão instrumentos importantes para a superação das dificuldades presentes.

Temos a convicção de que o Brasil, dentro de suas possibilidades, mediante cooperação amigável e desinteressada, poderá participar, em benefício dos nossos povos, do trabalho de soerguimento econômico guineense conduzido por Vossa Excelência.

Senhor Presidente,

Já por ocasião de minha chegada a Bissau salientei os laços especiais que nos unem aos países africanos de língua comum. Observamos com apreço e respeito os esforços de coordenação política, econômica e diplomática desenvolvidos nas Conferências de Cúpula que têm reunido os dirigentes da Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique.

Desejo manifestar a Vossa Excelência, desde já, meus sinceros votos pelo êxito da IV CIMEIRA, a realizar-se nesta Capital, em dezembro próximo, que certamente há de acentuar ainda mais a trilha de êxito crescentes da cooperação entre os países africanos de expressão oficial portuguesa.

Assim como saudamos, os brasileiros, as conquistas e êxitos de nossos países irmãos, sentimos os sofrimentos infligidos a alguns deles, como Angola, Lesoto e Moçambique, que têm sido vítimas de injustificáveis agressões.

Sabemos que a ameaça à paz na África Austral decorre principalmente da ocupação ilegal na Namíbia, assim como das próprias características do regime apartheidista. Não há razões aceitáveis que possam impedir a aplicação da Resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas para a solução do problema namibiano.

Múltiplos são os motivos concretos que levam o governo brasileiro a repudiar o *apartheid* e a apoiar as resoluções internacionais que o condenam. Ao institucionalizar a segregação racial, o sistema aparteista fere princípios éticos e denega direitos elementares, inclusive o da cidadania, à grande maioria da população sul-africana. Para o Brasil, o regime de segregação e discriminação racial é incompatível com a própria formação de nossa nacionalidade, reconhecida mescla de elementos étnicos e culturais das mais diversas procedências.

Tais vicissitudes, no entanto, não diminuirão nosso empenho em trabalharmos unidos por um futuro melhor para nossos povos.

Na África, assim como na América Latina, nossos esforços construtivos e autênticos prevalecerão sobre os conflitos que ainda hoje afetam determinadas áreas.

Nossos continentes saberão construir para si, livre de ingerências externas e de tensões estranhas à índole de nossos países, um futuro de paz, justiça e prosperidade.

Reitero, pois, Senhor Presidente, o apoio do Governo brasileiro às iniciativas destinadas a promover, pela cooperação, o desenvolvimento africano.

Como parceiro fraterno, e malgrado as sérias limitações financeiras que nos tolhem, participamos do esforço multilateral em favor da Guiné-Bissau que hoje se inaugura em Lisboa, assim como pretendemos estar presentes à Conferência Internacional sobre o seu país, que se reunirá proximamente em Genebra.

Da mesma forma, temos participado de todas as reuniões anuais da Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC), conscien-

tes da importância de apoiar a justa luta pela independência econômica e pela dignidade nacional de seus países membros.

O Brasil se associa com convicção a todas estas demonstrações de confiança nos destinos de autenticidade, afirmação nacional e desenvolvimento dos países africanos.

Senhor Presidente,

A acolhida fraterna de Vossa Excelência, das autoridades e do povo guineense testemunham a amizade que anima nossos povos e Governos.

Desde os primeiros momentos de nossa estada, sentimo-nos, eu e minha comitiva, como se em nossa própria Pátria estivéssemos envolvidos pelo calor humano e pela confiança mútua que caracteriza o relacionamento entre povos irmãos.

Receba, Senhor Presidente, os meus agradecimentos pessoais, e os de meus acompanhantes, pela fidalguia de todos com que tivemos a satisfação de nos avistar.

É, assim, com profundo contentamento e viva emoção que convido os presentes a erguerem suas taças num brinde à cooperação fraterna entre o Brasil e a Guiné-Bissau, à prosperidade do povo guineense e à felicidade pessoal de Vossa Excelência.



18 DE NOVEMBRO  
PALÁCIO PRESIDENCIAL  
DACAR — SENEGAL

DISCURSO POR OCASIÃO DO BRINDE  
NO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRE-  
SIDENTE DO SENEGAL SENHOR AB-  
DOU DIOUF

Excelentíssimo Senhor Presidente Abdou Diouf:

Tenho muitas razões para sentir-me feliz nesta visita ao Senegal.

A acolhida fidalga prestada por Vossa Excelência e ilustres membros de seu governo a mim e a minha comitiva, a satisfação de estar em um dos mais belos países da África, a honra de retribuir as visitas que o ilustre antecessor de Vossa Excelência, Léopold Senghor, fez ao Brasil somam-se ao imenso prazer de dialogar com Vossa Excelência sobre as questões mais importantes de nosso relacionamento bilateral e pontos internacionais de interesse comum.

É motivo de especial satisfação para mim poder contribuir nos contatos profícuos que mantivemos, nós e os membros de nossos Governos, para o aprofundamento das relações entre o Brasil e o Senegal.

Graças à visão e ao elevado espírito de cooperação de Vossa Excelência, seremos capazes de superar obstá-

culos, dinamizar o intercâmbio, ampliar contatos e colocar o relacionamento bilateral em novo patamar, consentâneo com as expectativas de nossas nações.

Escreve-se, assim, mais um capítulo da história da aproximação entre nossos continentes, unidos por tantos laços, interesses e empreendimentos comuns, destinados a marchar juntos na senda do progresso, da cooperação igualitária, do respeito mútuo e animados pela adesão irrestrita aos princípios e normas do Direito Internacional e da boa-convivência.

Senhor Presidente:

Expresso-lhe meu profundo agradecimento pelas reiteradas manifestações de apreço e cordialidade que, desde que chegamos a Dacar, temos recebido, certo de que essas manifestações contribuem para revigorar nossa aproximação e consolidar nossos laços de amizade.

Ergo, pois, a minha taça em brinde ao contínuo aprofundamento das relações entre o Senegal e o Brasil, à prosperidade do povo senegalês e à felicidade pessoal de Vossa Excelência.

19 DE NOVEMBRO  
AEROPORTO DACAR IOFF  
DACAR — SENEGAL  
DECLARAÇÃO DIRIGIDA À IMPRENSA  
POR OCASIÃO DA PARTIDA DE DA-  
CAR

Coube-me a honra de ser o primeiro Presidente Brasileiro a visitar o Senegal.

Este evento é um reflexo da importância que a nação brasileira atribui às relações com um parceiro nobre, com o qual nos sentimos irmanados pela História, unidos pela cultura, solidários na luta pelos ideais comuns de desenvolvimento e comprometidos com a preservação da paz, da fraternidade e da boa-convivência internacional.

Foi também motivo de grande prazer para mim esta oportunidade de dialogar com sua Excelência o Presidente Abdou Diouf; Interlocutor de admirável lucidez e equilíbrio, firme na disposição de alargar os caminhos do entendimento e da compreensão. Nossas conversações constituíram claro prenúncio de uma nova e grande etapa no relacionamento brasileiro-senegalês.

Nossos países têm dado demonstração sobeja de sua vontade de progredir, de sua capacidade realizadora e de sua propensão natural a cooperar. Somos nações irmãs

em muitas dimensões e dedicamos, como parte da vocação de nossos povos, nossos melhores esforços à aproximação mútua, em benefício de nosso povos.

Diante do agravamento dos problemas e das tendências polarizantes que prevalecem internacionalmente, cabe a nossas nações estreitar seus vínculos próprios. Brasil e Senegal, América Latina e África têm muito o que fazer em comum. São grande os espaços abertos a um relacionamento calcado no respeito à igualdade, no acatamento tranqüilo da diversidade, na busca lúcida do interesse compartilhado. Um relacionamento que, por sua natureza, seja exemplo concreto daquilo que pretendemos venha a vigorar para toda a Humanidade.

O prevalecimento da idéia da cooperação sobre as relações de poder; a união de esforços em prol da solução de problemas a construção do progresso por sobre as disputas estereis e as rivalidades de blocos, esta é a contribuição maior, concreta e exemplar, que nossos países podem dar a si próprios e à comunidade internacional.

Todos estamos ligados a um mesmo sistema internacional e é dentro dele que se desenvolve nossa atuação. Também neste nível global não nos movem hostilidades ou visões egoístas. Não estamos de costas para ninguém e com todos desejamos cooperar.

Mas, paralelamente à dimensão global, há algo que compete a nossos países fazer: o adensamento de nossas próprias relações. Não estamos nos primeiros passos dessa marcha. Já trilhamos um longo caminho que cada vez mais confirma a correção de nosso rumo.

O Brasil sempre confiou no espírito de independência autêntica das nações africanas e com ele se identifica no processo de estreitamento de laços através do Atlântico Sul.

O Brasil se congratula com o processo de afirmação da África, do qual emerge todo um continente de nações jovens.

O Brasil expressa seu apoio à Organização da Unidade Africana, entidade que já deu, como confiamos em que continuará a dar, sobejos exemplos de capacidade de encarnar os melhores ideais da África.

A experiência diversificada e rica da nação senegalesa, que se destaca em uma das regiões mais promissoras do continente africano mostra, em seus aspectos gerais, as vantagens do equilíbrio, da moderação e do diálogo.

Estou certo de que nossos governos, nossos empresários, nossos povos saberemos estar à altura dos desafios que se nos oferecem para construir uma ponte sólida e permanente de entendimento sobre nossas nações.

É meu desejo dar minha contribuição pessoal para que se chegue à consciência cada vez mais clara da importância do estreitamento de nossas relações bilaterais, da necessidade da aproximação progressiva entre o Brasil e a África, do desenvolvimento da cooperação internacional e em particular entre os países do Sul e da união de esforços em prol de um novo ordenamento internacional, mais justo e equitativo, de que nossos países devem ser exemplo na prática de seu relacionamento.



19 DE NOVEMBRO  
AEROPORTO INTERNACIONAL (HOUARI BOUMEDIENE)  
ARGEL — ARGÉLIA  
DISCURSO AO DESEMBARCAR NA ARGÉLIA

É com viva emoção que inicio minha visita à Argélia, a primeira realizada por um Presidente da República do Brasil.

Há muito, no Brasil, admiramos a rica trajetória desta grande Nação árabe e africana na construção de sua própria História.

Trago de meu país uma mensagem de fraterna amizade, mensagem de reconhecimento da coragem, operosidade e talento do povo argelino.

A gravidade sem precedentes da época em que vivemos, obriga todos a um redobrado esforço para a construção da paz e o reerguimento da cooperação internacional para o desenvolvimento.

Alastram-se hoje as tensões política e os problemas econômicos. Nesse contexto de crise, é dever dos governantes intensificar o diálogo construtivo e buscar coincidências positivas.

A Argélia, sob a eficiente liderança do Presidente Benjedid, é um país que, reconhecidamente, pauta seu

comportamento internacional pelos grandes ideais da paz, justiça e desenvolvimento.

As relações Sul-Sul têm papel fundamental a desempenhar em nossos tempos. Brasil e Argélia, por sua posição entre os países do Terceiro Mundo, podem e devem empenhar-se, cada vez mais, em apontar rumos e abrir novos e exemplares caminhos, que constituam marcos positivos nas relações entre as nações em desenvolvimento.

Vejo, assim, com fundadas esperanças o futuro de nossa cooperação. Creio firmemente na importância e na utilidade das conversações que manteremos durante esta visita. Acima de tudo, confio nas convergências que observo na forma de encararmos e compreendermos a realidade internacional e na justiça dos grandes princípios que defendemos.

A Argélia e o Brasil, impulsionados pelo ânimo de trabalhar em conjunto e apoiados na sólida base de suas economias, têm tudo para lograr êxito num intercâmbio aumentado e diversificado.

Para isto, cabe-nos aprofundar a buscar das variadas oportunidades de cooperação, dentro de um relacionamento de equilíbrio, igualdade e mútuos benefícios.

Com a entrada em vigor do Acordo que cria a Comissão Mista, do Acordo Comercial e do Acordo de Cooperação Científica, Tecnológica e Técnica, estaremos estabelecendo os mecanismos de cooperação bilateral que tornarão sistemáticos e, portanto, mais eficazes os nossos contatos.

A oportunidade de estarmos em Argel para manter conversações com o Presidente Benjedid e proporcionar um diálogo direto entre autoridades de nossos dois Governos, nos é da maior valia.

A ampla capacidade de atuação diplomática nas instâncias regionais, nos importantes foros do Movimento Não-Alinhado, e enfim em todo o cenário internacional fazem da Argélia um parceiro privilegiado para o diálogo político.

A troca de opiniões sobre os problemas internacionais que nos preocupam e o impulso que daremos a nosso relacionamento bilateral, graças ao exame construtivo não só das dificuldades concretas que enfrentamos, mas também dos amplos horizontes que vislumbramos para o futuro, fazem-me confiante e otimista.

É nesse espírito que saúdo o Governo e o povo deste grande país.



21 DE NOVEMBRO  
AEROPORTO INTERNACIONAL (HOUARI BOUMEDIENE)  
ARGEL — ARGÉLIA  
DISCURSO AO PARTIR DE ARGÉLIA

Ao finalizar minha visita, desejo expressar ao Governo e ao povo da Argélia os meus agradecimentos sinceros e emocionados pela acolhida fraterna proporcionada a mim e a minha comitiva.

Minha visita propiciou a oportunidade de desenvolvermos um diálogo profícuo e enriquecedor que muito há de contribuir para o estreitamento dos laços que unem a Argélia e o Brasil.

Foram para mim motivo de grande prazer as conversações que mantive com o Presidente Benjedid.

Nossos encontros confirmam o espírito de cooperação que anima nossas nações.

Não me surpreendi com o êxito desses encontros, assim como dos entendimentos mantidos entre os demais membros de nossos Governos.

Países como os nossos, respeitosos dos princípios básicos da boa convivência internacional e empenhados nas tarefas do desenvolvimento, só podem ganhar com o diálogo.

Pude avaliar a dedicação com que o Presidente Benjedid e o Governo argelino se empenham na superação dos problemas de origem internacional que afetam neste momento a generalidade dos países. Pude aquilatar com precisão ainda maior as razões por que a Argélia é um país mundialmente respeitado.

Deixo a cidade de Argel consciente de que nossos países deram passos importantes no sentido da consolidação de seu fértil relacionamento.

Os Acordos que assinamos — o que cria a Comissão Mista Argélia-Brasil, o acordo de comércio e o acordo de cooperação científica, tecnológica e técnica — constituem demonstração da nossa confiança no futuro de nossas relações e representam instrumentos valiosos para que, juntos, possamos oferecer contribuições significativas para o bem-estar de nossos povos.

É fácil prever o desenvolvimento promissor de nosso relacionamento.

São múltiplas as convergências entre nossos países e múltiplos os pontos concretos de interesse comum.

São também por todos reconhecidas a capacidade de trabalho e de realização de nossos povos e a dedicação com que nossos Governos lutam por transformações no ordenamento internacional que o tornem mais justo e equitativo.

Nossos esforços ultrapassam os limites de nossa negociação bilateral, estendendo-se, como realização exemplar, ao âmbito do fortalecimento da cooperação entre os países em desenvolvimento, ao encorajamento da cooperação internacional para o desenvolvimento, à atenta consideração internacional dos problemas que afetam nossos interesses comuns, ao empenho pela prevalência da cooperação igualitária entre os Estados, com

base na independência, no respeito mútuo e na busca de benefícios recíprocos.

Deixo Argel com a convicção de haver cumprido com inteiro êxito missão para mim especialmente grata. Parto com a certeza de uma amizade reforçada entre o Brasil e a Argélia e com a mais viva impressão ante o progresso deste belo e pujante país, sob a liderança do Presidente Benjedid.



21 DE NOVEMBRO  
SALÃO NOBRE AEROPORTO INTER-  
NACIONAL  
AMÍLCAR CABRAL  
ILHA DO SAL — CABO VERDE  
DISCURSO APÓS ASSINATURA DO CO-  
MUNICADO CONJUNTO BRASIL-CABO  
VERDE

Excelentíssimo Senhor Presidente Aristides Pereira:

Muito agradeço as fraternas palavras que Vossa Excelência acaba de me dirigir.

Sinto-me extremamente honrado em participar desta solenidade e em haver assinado juntamente com Vossa Excelência o Comunicado Conjunto relativo à minha visita a Cabo Verde.

É esta a primeira vez que um Chefe-de-Estado brasileiro visita a República de Cabo Verde, o que é motivo de intensa satisfação para mim e para todos os que me acompanham.

Desde o estabelecimento de relações diplomáticas entre Cabo Verde e o Brasil, no auspicioso dia em que esta República irmã se tornou independente, inumeráveis têm sido as iniciativas de ambas as partes com vistas a desenvolver os laços que nos unem.

Poucos países estão ligados por tantas afinidades como os nossos, afinidades resultantes de uma história

tantas vezes entrelaçada e de contatos que remontam a séculos.

Com a independência caboverdiana, alcançada sob a inspiração e a liderança inesquecível de Amílcar Cabral, nossos povos, em grande parte forjados com os mesmos elementos, puderam expandir sua compreensão recíproca.

A essa aproximação natural e em virtude da História, da cultura e da língua comum, nossos respectivos Governos souberam corresponder com a vontade política de sempre buscar formas novas e criativas para aprofundar o nosso relacionamento.

Não raras foram as vezes em que pude aferir pessoalmente a convergência de aspirações, interesses e opiniões entre o Brasil e Cabo Verde.

Por exemplo, em 1980, quando da visita ao Brasil do então Chanceler Abílio Duarte, hoje ilustre Presidente da Assembléia Nacional Popular, verifiquei de perto a fluidez do diálogo brasileiro-caboverdiano. Na mesma oportunidade, recebi importante mensagem de amizade de parte de Vossa Excelência, juntamente com o convite para visitar seu país.

Novamente, há apenas um mês, repetiu-se a percepção das muitas convergências entre nós, quando recebi, em Brasília, o Ministro Silvino da Luz.

Senhor Presidente:

Não creio necessário alongar-me sobre os fundamentos e os objetivos da política brasileira para com a África. Vossa Excelência bem a conhece e sabe que ela se orienta por anseios de paz, amizade e desenvolvimento, tendo por objetivo a cooperação mutuamente vantajosa.

Cabo Verde e Brasil, unidos em sua luta nos foros multilaterais para o estabelecimento de condições mais eqüitativas no cenário econômico internacional, acreditam também na cooperação entre os países em desenvolvimento como elemento importante para a consecução de nossos objetivos.

Nesse sentido, julgo apropriado qualificar como exemplares as relações mantidas entre os nossos dois países.

Muito temos feito e muito projetamos ainda fazer.

É firme disposição brasileira continuar a estreitar nossos laços dentro do espírito que os tem sempre norteado: o da igualdade entre países soberanos, ciosos de suas identidades próprias e dedicados à promoção de seu desenvolvimento e do bem-estar de seus povos.

Em todas as oportunidades, nossos contatos têm sido fáceis, cordiais e fecundos, o que demonstra ainda uma vez a naturalidade da fraterna amizade entre nossos povos, amizade que é refletida, também, pela presença no Brasil de importante comunidade caboverdiana que, sem perder seus vínculos com o país de origem, encontra-se plenamente integrada em nossa sociedade e nos presta, por seu talento e trabalho, uma contribuição verdadeiramente inestimável.

O Brasil acompanha com toda atenção a política externa do Governo de Vossa Excelência e suas realizações especialmente no plano africano

Seguimos na qualidade de parceiro amigo a realização, em 1982, da Mesa Redonda dos Parceiros de Cabo Verde.

Igualmente, desejo dar nossa palavra de estímulo aos esforços de coordenação empreendidas pelos cinco países de língua comum na Conferência de Cúpula ocor-

rida em Praia a ter seguimento proximamente na IV CIMEIRA, em Bissau.

Temos, também, acompanhado com interesse o esforço de Cabo Verde ao proporcionar oportunidade para a busca de uma solução negociada para os candentes problemas da África Austral.

Reconhecemos, em suma, o estrito e autêntico não-alinhamento de Cabo Verde como importante fator de paz e o importante papel que desempenha no cenário africano.

Solidariza-se o Brasil com Cabo Verde e com toda a África nas nobres lutas pela completa descolonização, pela independência real, pela afirmação nacional, pela construção de um perfil próprio, legitimamente africano, de atuação internacional.

É preciso dar seguimento a esses ideais, para atingirmos o fim de todas as formas de discriminação racial, sobretudo a prática institucionalizada do *apartheid*, a pronta independência de Namíbia, graças à implementação da Resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, a eliminação definitiva dos reiterados atos de agressão que têm vitimado países da África Meridional como Angola, Moçambique e Lesoto.

Países de reconhecida vocação atlântica, Brasil e Cabo Verde, compreendem que o oceano que os une deve servir à aproximação pacífica entre seus povos e entre os Estados atlânticos da América Latina e da África, membros da Organização da Unidade Africana.

O Brasil acredita, Senhor Presidente, que a região atlântica meridional deve ser considerada sob a ótica da cooperação entre os países em desenvolvimento de ambas as suas margens e não à luz de fatores exógenos. Sa-

bemos, os brasileiros, ser igual a percepção caboverdiana sobre a questão.

Aqui encerro esta minha viagem à África.

A par dos demais vínculos que unem Cabo Verde e o Brasil, o Atlântico constitui o caminho natural de nossa aproximação. A manutenção de seu caráter pacífico, objeto das preocupações de ambos os países, representa, assim, questão crucial, que proponho seja mantida sob constante exame por nossos dois Governos.

Senhor Presidente,

A fraternal acolhida prestada nesta visita a minha pessoa e a minha comitiva demonstra, mais do que quaisquer palavras, a firmeza dos laços que ligam nossos povos e governos.

De minha parte, desejo testemunhar ao Governo e ao povo de Cabo Verde a perene amizade dos brasileiros.



07 DE DEZEMBRO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
DISCURSO POR OCASIÃO DA ENTREGA DO PRÊMIO «JOVEM CIENTISTA»

É-me grato presidir à cerimônia de entrega do «Prêmio Jovem Cientista», porque é oportunidade de ver enaltecidas idéias e iniciativas que merecem destaque e encorajamento: o estímulo à pesquisa científica, o apoio aos jovens, a associação da iniciativa privada e do Estado na promoção da ciência.

Realça a importância deste acontecimento o fato de que, em 1983, o prêmio destina-se ao controle biológico em suas aplicações agrícolas.

A agricultura representa para o Brasil um dos setores mais dinâmicos de nossa economia, fonte de alimentos, de combustível, de matérias-primas e de divisas, apta a crescer e a desenvolver-se graças à grande reserva de terras cultiváveis e aos constantes progressos tecnológicos.

É de bom-senso, portanto, que procuremos dedicar constantes esforços de pesquisa ao seu progresso, incorporando novos conhecimentos e técnicas, adaptando ou desenvolvendo espécies adequadas ao nosso meio, bus-

cando possibilidades de cultivo, em condições econômicas, de espécies nativas.

Os progressos vertiginosos da biologia abrem amplos horizontes ao desenvolvimento agrícola. A escolha da área de conhecimento contemplada, este ano, com o Prêmio Jovem Cientista não poderia ter sido mais adequada.

Estimo que o prêmio não somente recompense a qualidade do trabalho realizado mas possa estimular vocações e pesquisas em setor tão vital para o nosso País e para o progresso e o bem-estar das gerações futuras.

Felicito a Fundação Roberto Marinho e a Companhia União dos Refinadores de Açúcar e Café por se haverem associado ao Conselho Nacional de Pesquisa nesta nobre e meritória iniciativa.

Ao cumprimentar os jovens cientistas tão merecidamente agraciados em 1983, agradeço, em nome de todos os brasileiros, o valor exemplar de sua atividade e faço votos pela continuidade e pelo êxito de seu trabalho científico.

Muito obrigado.

07 DE DEZEMBRO  
CLUBE NAVAL  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO DURANTE O ALMOÇO  
ANUAL OFERECIDO PELAS FORÇAS  
ARMADAS AO SEU COMANDANTE SU-  
PREMO

Senhores Ministros,  
Meus Camaradas:

Mais um ano se passou desde a última vez em que estivemos juntos, em um almoço como este, todos velhos amigos e leais companheiros.

O cumprimento de mais de uma etapa de vida ou de tarefas profissionais sempre nos leva a questionamentos interiores.

E esta sensação que hoje e aqui me domina, provocada pelo esmaecimento das cores de 1983 e pelo calor humano de suas presenças constantes e reconfortantes ao longo de grande parte de minha vida me induz a convidá-los a participar comigo, agora, de uma análise crítica do papel que desempenharam as Forças Armadas nos últimos anos da vida nacional.

Assim como considero um sofisma separar as ações do Presidente das de seu Ministério, como se Ministros existissem à revelia de quem, em verdade, os escolheu;

do mesmo modo abomino o entendimento de que a abertura é um fato novo, sem ligações com o processo revolucionário de 64. Existem até mesmo aqueles que, por conveniência ou desinformação, vêm na abertura a anti-revolução, como se nos confessássemos, em tardia *mea culpa*, por decisões impensadas do passado. Grande engano. Fizemos o que a Nação clamava, no tempo próprio e em condições extremas, que não podem ser julgadas com a leviandade dos que, usando parâmetros de hoje, tentam reescrever a História, estabelecendo uma inaceitável dicotomia da Nação brasileira com suas forças Armadas. De nada nos envergonhamos.

Permanentemente renovada em seus valores, em função mesmo de sua capacidade de promover o aprimoramento individual de seus membros, a sociedade brasileira sempre se projetou em busca da satisfação de suas aspirações.

A intensidade, a velocidade ou a forma de satisfazer tais aspirações ou mesmo o seu grau de autenticidade determinaram, por vezes em nossa história, intolerável fustigamento de nossas instituições.

Em geral, esse quadro se formou a partir da caracterização episódica do dissenso em nossa sociedade. Findo o diálogo, o entendimento, a composição, sempre restou à sociedade, em litígio interno, o apelo à intermediação do seu segmento militar. E isso aconteceu algumas vezes nos últimos noventa e quatro anos, a partir da própria Proclamação da República. A última intervenção — e a mais longa delas —, ocorrida em 1964, me anima a considerações mais profundas, mesmo porque neste salão se reúne alguns de seus mais destacados protagonistas.

Durante quase vinte anos, os destinos nacionais estiveram intimamente ligados às nossas forças Armadas.

Tais liames, evidentemente, continuarão fortes e profundos, apenas regidos por novas condicionantes.

Não posso me arvorar em porta-voz dos presidentes revolucionários que me antecederam, mas tenho a convicção de que a longevidade de nossa intervenção no processo institucional se deveu exclusivamente à falta de condições para o retorno à normalidade democrática em face da fragilidade de nossas instituições. Nenhum de nós, militares, foge à característica básica da personalidade do brasileiro médio: não procedemos de castas, não cultuamos preconceitos, não nos entregamos a sonhos de hegemonia. Tivemos, isso sim, a coragem de nos entregar na defesa das tradições nacionais, em expor nossas carreiras e até nossas vidas em movimentos, cujos princípios políticos, étnicos e morais nos entusiasmavam.

Cobram-nos, hoje, os mais críticos, os resultados da crise financeira por que passa o País, como se responsáveis exclusivos fôssemos, como se nossas famílias estivessem imunes às mesmas conseqüências, como se representássemos, nós, interesses outros que não os da média nacional. Repilo com veemência as insinuações de que nossas dificuldades econômicas decorrem principalmente da intervenção militar no processo político-institucional. A falácia que se vende a vil preço no mercado da fantasia sectária não é produto forte bastante para abalar a confiança que a Nação deposita em suas Forças Armadas.

Que não se negue ao 31 de março de 64 o seu sentido democrático, porque isso é uma injustiça profunda para com os líderes do movimento, homens de reconhecida estatura moral e de ideologia claramente definidas.

Que não se negue ao 31 de março de 64 as suas conquistas, porque se fácil é apontar as dúvidas e os en-

ganos ao longo do percurso, mais fácil ainda é verificar, com um mínimo de isenção, o quanto foi feito em todos os campos da vida nacional.

A partir de 1964, procuramos promover o desenvolvimento da sociedade como um todo e o aprimoramento do indivíduo através do fortalecimento das instituições. A ninguém é dado desconhecer que pertencemos a uma sociedade em formação e, portanto, sujeita a inquietações cíclicas decorrentes dos movimentos naturais de ajustamentos de suas camadas. Nessas ocasiões, a influência negativa dos radicalismos costuma gerar situações de turbulência que, via de regra, em nossa História, têm sido aplacadas com uma tradicional dose de tolerância brasileira.

Latinos por formação cultural e por localização geográfica, temos nos provado ao longo da História quanto às nossas inclinações de comportamento e verdadeiramente somos cultores da paz e promotores do entendimento. O invejável parque industrial de material bélico brasileiro, cuja política decorreu e cuja execução decorre do trabalho de muitos dos Senhores que aqui estão, é demonstração cadente de que nossas Forças Armadas integram-se vigorosamente no processo de desenvolvimento da Nação. Eis nosso maior papel ao longo de nossa História: o de mantenedores permanentes da paz, objetivo tão perseguido no Mundo e produto raro de encontrar-se.

Assumi o Governo com uma missão que me atribuí, interpretando-a como síntese dos objetivos de 64, qual seja, a de promover o reencontro da Nação com suas origens democráticas. Entendia eu, em 1979, que as instituições já haviam sido convenientemente fortalecidas para o reinício do embate das forças democráticas e até

mesmo para suportarem o assédio dos segmentos radicais.

Enfrentando incompreensões naturais dos adversários e lamentáveis defecções de aliados, promovi ao longo dos quatro primeiros anos de meu mandato as medidas que julgava imperiosas ao restabelecimento da normalidade democrática em nosso País. A partir do quarto ano de meu mandato, excitaram-se forças ditas leais e oposicionistas em torno de minha sucessão como Presidente.

Tentam pressionar o Governo no sentido de que se dê mais velocidade ao processo de abertura democrática, esquecidos de que o fundamental, o básico para a condução segura do processo de democratização está sendo realizado: o fortalecimento das instituições, inclusive o das instituições militares. Se assim não for, será o retorno ao caos, à desordem, à indisciplina, à exarcebação de todos os apetites, à luta inglória, enfim.

Meus Camaradas:

Estamos chegando ao fim de mais uma jornada: temporal e histórica. Vemos o ano de 1983 escoar-se, entendendo cumprida nossa missão institucional.

Membro que sou das Forças Armadas, sou testemunha de sua lealdade aos princípios mais puros da nacionalidade.

Agradeço-lhes o apoio e o estímulo em mais este ano de trabalho.

Agradeço ao caro amigo Almirante Maximiano, intérprete de todos vós, a reafirmação deste apoio e deste estímulo.

Aos companheiros da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, a renovação de minha confiança nos desti-

nos do Brasil. Pessoalmente, desejo neste momento pedir-lhes que recebam e transmitam às suas dignas famílias os meus votos de um Feliz Natal. Quanto ao Ano Novo, não lhes prometo que possa ser tão próspero quanto desejaria, mas, com absoluta garantia, eu lhes digo que não será mais difícil do que o caráter e a energia nacionais possam resistir.

Muito obrigado.

14 DE DEZEMBRO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO AO SER CUMPRIMENTADO  
PELO CORPO DIPLOMÁTICO AO EN-  
SEJO DO FINAL DO ANO

Senhor Núncio Apostólico e Decano  
do Corpo Diplomático desta Capital,  
Senhores Embaixadores,  
Senhores Encarregados de Negócios:

Muito agradeço as palavras de afeto e esperança que o Senhor Núncio Apostólico, em nome dos Senhores Embaixadores e Chefes de Missão Diplomática, dirigiu a mim, a meus colaboradores e a todo o povo brasileiro. São elas nova demonstração do clima de cordialidade e de propósitos positivos que sempre caracterizou os contatos que tenho mantido com Vossa Excelência.

É com prazer que assinalo — e é de justiça que o faça — que o ano de 1983, apesar das vicissitudes de minha saúde, que com a graça de Deus pude superar, e apesar de sérios problemas internacionais que a todos afetaram, foi, para mim, um ano rico em encontros e oportunidades de entendimentos na esfera internacional. Esta avaliação é plenamente compartilhada pelo Minis-

tro das Relações Exteriores e demais Ministros e membros do Governo brasileiro que, no ano corrente, mantiveram contato com os Governos representados por Vossas Excelências.

De nossa parte, esse clima de cordialidade e confiança mútua reflete o espírito com que o Brasil se dirige às demais nações. Buscamos sempre o entendimento, a cooperação produtiva, a superação das dificuldades. Respeitamos a identidade de cada um assim como as normas e princípios do Direito e da boa-convivência.

Estivemos e continuamos a estar sempre seguros de que o diálogo construtivo e a negociação equilibrada, com vistas a promover os interesses legítimos das nações envolvidas e a assegurar o bem-estar da Humanidade como um todo, constituem o caminho do relacionamento entre os povos, que por todos deve ser trilhado.

Por outro lado, sei que este clima de entendimento e amizade foi também propiciado por Vossa Excelências, que no exercício de suas importantes funções têm-se constituído em sólidas pontes entre nossos Governos. Cabe-lhes, Senhor Núncio Apostólico, Senhores Chefes de Missão Diplomática, boa parte do êxito obtido em assegurar o desenvolvimento harmônico e profícuo de nossos contatos.

É hora de, uma vez mais, unirmo-nos em nossos propósitos e em nossos esforços para que 1984 seja um ano de concórdia e de progresso, para que a paz e a justiça prevaleçam sobre a irracionalidade e a intransigência e para que a Humanidade possa efetivamente caminhar para um futuro melhor e mais digno.

Recebam, Senhor Núncio Apostólico, Excelências, Senhores, os meus votos sinceros de felicidade no ano

entrante. Peço-lhes ainda transmitir aos Senhores Chefes-de-Estado e de Governo minhas saudações afetuosas e meus desejos de paz e prosperidade para seus povos.

Muito obrigado.



29 DE DEZEMBRO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA POR  
OCASIÃO DO FINAL DO ANO

Brasileiros:

Voltou o Mundo a viver dias ásperos no ano que está por findar. A inflação continuou a assolar, com maior ou menor intensidade, a generalidade das nações. As causas desse fenômeno, global e persistente, são apontadas pela teoria econômica, nem sempre de modo uniforme. Todas elas se relacionam, porém, de algum modo, com a expansão dos encargos impostos ao Estado pelas circunstâncias econômicas, sociais e políticas, que caracterizam o nosso tempo. Para o atendimento dessas exigências é preciso, no entanto, via de regra, sacar contra o futuro. Donde desequilíbrio financeiro que alimenta, no universo econômico, perigosa revolução de preços. Donde o enraizamento, em todos os quadrantes, de situação que induz analistas apressados a dizerem que o Estado moderno é um Estado inflacionário.

Penso que a inflação não é uma fatalidade e que é impróprio falar-se em Estado estrutural ou essencialmente inflacionário. Estou convencido que se faz

possível vencer a crise global que atormenta, na ordem econômica e financeira, a comunidade internacional.

Porém estou persuadido também que isso requer esforço comum. O sistema interno de cada país necessita de reformas. Todavia, para que estas produzam o efeito desejado é indispensável se promova urgente e substancial reforma do sistema financeiro internacional.

Todas as nações padecem os efeitos da inflação. Mas nem todas são iguais perante esta. É por demais pesado o tributo pago ao mal inflacionário pelas nações menos desenvolvidas, ou pouco industrializadas. A solidariedade entre os povos exige tratamento favorecido em relação aos economicamente fracos. Mormente quando no seu seio se encontram multidões inumeráveis que vivem, pelo seu nível de pobreza, em condições incompatíveis com a dignidade humana.

No plano interno, o Brasil enfrenta corajosa e realisticamente a turbulência inflacionária. Ninguém ignora que não é possível conviver com a inflação em contínuo crescimento. Principalmente quando se sabe que a inflação deixa hoje no seu rastro inquietante onda de desemprego.

O combate à espiral inflacionária impõe a adoção de medidas economicamente eficazes. Medidas que distribuam os sacrifícios de forma equitativa. Medidas social e politicamente aceitáveis. Medidas que não estrangulem a economia. Medidas que destruam a expectativa de mais inflação. Medidas que, pela inversão dessa expectativa, desestimulem a atividade dos especuladores.

O endividamento interno, acumulado pelo setor público, ao longo dos anos, obrigou a providências drásticas de contenção e austeridade. Igualmente amargas foram as decisões tomadas para satisfazer os compromissos assumidos, também ao longo dos anos, no Ex-

terior, em benefício do nosso desenvolvimento. Trata-se de encargos que não excederiam as nossas forças, desde que mantida a normalidade do comércio exterior. O colapso deste refletiu-se, porém, negativamente, no serviço da dívida externa. Já demos prova de que estamos empenhados em honrar os nossos compromissos. Teremos que fazê-lo, no entanto, como já proclamei, com a intransigente ressalva de nossa soberania e sem prejuízo da prosperidade do País.

Somam-se a tudo isso os desastres climáticos suportados pelas regiões do Sul e do Nordeste. Recursos gigantescos tiveram de ser carregados para essas regiões em socorro dos nossos irmãos assolados pelo flagelo da seca e das inundações. As safras, nesses vários territórios, experimentaram enorme redução com prejuízo para todos, já que ao sofrimento das populações diretamente atingidas se acrescentou o mal do encarecimento geral de gêneros alimentícios, com reflexos imediatos sobre o aumento da taxa de inflação.

As tremendas dificuldades surgidas não me desviaram, na esfera política, do caminho que me tracei. Confiante na idéia democrática, na sua força inspiradora, na sua capacidade criativa, na fecundidade do processo que oferece para solver os mais difíceis problemas — prossegui inabalável no processo de institucionalização da democracia.

Assegurei aos novos Governadores, eleitos a 15 de novembro, direitos iguais perante a União. A todos abri as portas do Palácio do Planalto. Não estabeleci distinções no tratamento a que os intitula o princípio federativo.

Mantive as prerrogativas do Congresso Nacional. Procurei o diálogo e a negociação. Estimulei o incre-

mento das relações partidárias. Encorajei o auto-aperfeiçoamento da vida democrática.

Garanti as liberdades públicas. Tutelei, como bem inestimável, a liberdade da verdade. Suportei, às vezes, em certos setores amiúde, a liberdade da inverdade. Não posso transigir, contudo, com a liberdade da violência, com os agravos à segurança pessoal, com o desrespeito à propriedade individual ou coletiva, com a utilização abusiva dos bens de uso comum, com a transformação de cidades em centros de anarquia e desordem.

Cumpre-se mantenha, em toda a parte, a tranqüilidade da ordem, para que uns não atropelem o direito de outros. Cumpre-se preserve e proteja a paz social e o império do direito.

As articulações sucessórias se tornam cada vez mais intensas. A celeuma se levanta até quanto ao processo da eleição, se indireta ou direta. O debate esbarra, porém, na regra constitucional que prescreve a eleição do Presidente da República por via indireta. Nesta altura dos acontecimentos, quando o colégio eleitoral já está formalmente composto, impugnar a eleição indireta implica, no fundo, negar eficácia a ato jurídico e político perfeitamente constituído. Ademais, nesse processo de escolha do Presidente da República é de irrecusável legitimidade. Além de ineficaz — pois não existe lastro no Congresso Nacional para reforma, neste ponto da Constituição — a campanha pela eleição direta reveste, agora, carácter meramente perturbador.

A alta direção do Partido Democrático Social, à minha revelia, mas em gesto que muito me sensibilizou, resolveu delegar-me a incumbência de coordenar nome de candidato à minha sucessão. Esse mandato, pouco depois, era ratificado, por escrito, pela quase totalidade dos representantes do Partido no Congresso Nacional.

Pareceu-me que não podia recusar, tal a sua imperatividade, a delegação que me era outorgada.

No desempenho do que se me afigurou dever indeclinável, procurei cumpri-lo escrupulosa e democraticamente. Aproveitei oportunidade que me ofereciam viagens de serviço para auscultar a opinião de correligionários, com representatividade política, em todos os pontos do País. Convoquei a Brasília Governadores, dirigentes partidários e condutores políticos de todas as categorias. Sondei a opinião pública de expoentes das mais diversas tendências. Examinei análises e pesquisas. Sopesei diagnósticos. Identifiquei pretensões e interesses partidários.

As discordâncias, que encontrei, levaram-me, porém, à conclusão de que não poderia apontar nome que reunisse todos os sufrágios ou, pelo menos, a sua grande maioria.

Pela delegação que recebi tinha, no entanto, o direito de esperar que a indicação, que fizesse, seria, pela confiança com que fui honrado, tranqüilamente aceita. Esse o pressuposto da coordenação a que acedera. Coordenar, para mim, significava unir.

Como não antevejo, todavia, a possibilidade de alcançar o consenso que almejava, consenso que era o objetivo da ação coordenadora que me fora delegada, restituo a coordenação ao meu Partido. Este encontrará meios, que eu não tive, para reduzir divergências e compor antagonismos, a fim de chegar à escolha do nome que una a agremiação majoritária, mereça o respeito da Nação e obtenha a sagração do Colégio Eleitoral.

A concórdia nacional que não exclui, dentro do sistema pluralista, em que vivemos, dissonância de opiniões, criará o clima de união, que se faz necessário, para a solução dos nossos graves problemas.

O povo brasileiro quer entendimento, quer paz, quer ordem, quer segurança, quer trabalho, quer recuperação econômica, quer democracia, quer sinceridade política, quer solidariedade, quer melhor nível de vida, quer justiça social. Sonha com um 84 em que essas aspirações constituam idéias-força que operem efetiva e concretamente na vida real.

Essas, as aspirações que acalenta, no seu todo, a nossa sociedade. Essas, as aspirações que continuarei a servir, como cidadão e governante, no ano que aí vem.

Boa-noite e muito obrigado.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
GABINETE CIVIL  
SECRETARIA DE IMPRENSA E DIVULGAÇÃO